

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO_UNESP
CAMPUS BAURU
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO_FAAC
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

des_*CONEXÕES*

URBANAS

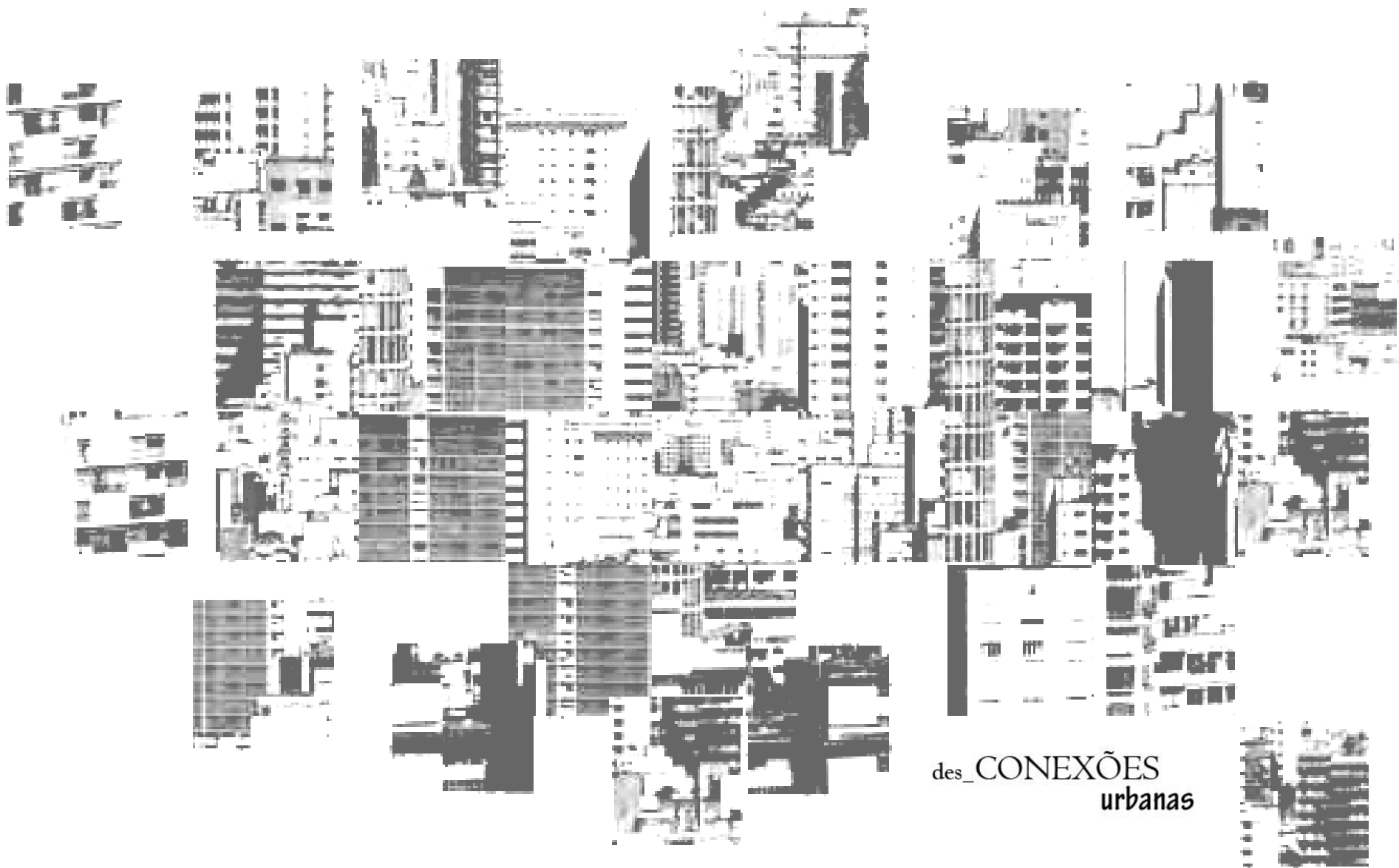
TAÍS SCHIAVON

730041

BAURU, 16_NOVEMBRO_2011

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO APRESENTADO À UNIVERSIDADE ESTADUAL JÚLIO DE MESQUITA FILHO.
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO_ FAAC.

COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DA GRADUAÇÃO NO CURSO DE ARQUITETURA,
URBANISMO E PAISAGISMO, SOB ORIENTAÇÃO DO PROF^º. DR^º. ADALBERTO DA SILVA RETTO JÚNIOR.



des_CONEXÕES
urbanas

Este ensaio não teria frutos sem a participação de inúmeras pessoas, que direta ou até mesmo indiretamente contribuíram para meu crescimento e amadurecimento não apenas como pessoa, mas também como futura arquiteta, a partir de então.

Agradeço em especial ao meu orientador, professor Adalberto, por me auxiliar a compreender e perceber elementos capazes de ir muito além do conceito geral do urbano, abrindo meus olhos a um universo dotado de diárias descobertas e percepções, além de toda paciência e confiança em mim imposta ao longo dos anos. Muito tenho também a agradecer a uma professora, uma verdadeira amiga, Daniele Fernandes, obrigada por abrir meus olhos e compreender que arquitetura é algo concretizado não apenas com o que estes ou um limite espacial impõem ao ambiente, mas sim que a arquitetura é feita, e transmitida a partir ações ou gestos. Sem estes, este trabalho não faria o menor sentido.

Nada teria passado e vivido nestes últimos cinco anos sem a credibilidade de meus pais. Donizete e Márcia, dedico a vocês este trabalho final de graduação, em agradecimento a todos os momentos em que estive ausente, mas na certeza de que mais do que nunca, tinha vocês ao meu lado, me dando forças para continuar na trajetória que escolhi. Agradecimentos são poucos, perto de tudo que já fizeram e ainda fazem por meu crescimento.

A família formada em Bauru tenha certeza que onde estiver nesta nova jornada, sempre me lembrarei dos momentos inesquecíveis que tive ao lado de cada um: Babalu (Bruna), Carola (Júlia), Catota (Natália), Custela (Luiza), Ema (Alicia), Maguila (André), Malena, Panqueca (Erich), Pereba (Lucas), Paula (Lara), Sedex (Victor), Tchan (Agata), Uai (Gabriela), sem esquecer também de Fernanda e Juliana, que me acolheram no início deste processo e de duas pessoas que encontramos no meio do caminho: Raica (Bárbara) e Sipá (Raquel), sem vocês várias coisas maravilhosas não teriam acontecido.



ARQUITETURA E URBANISMO

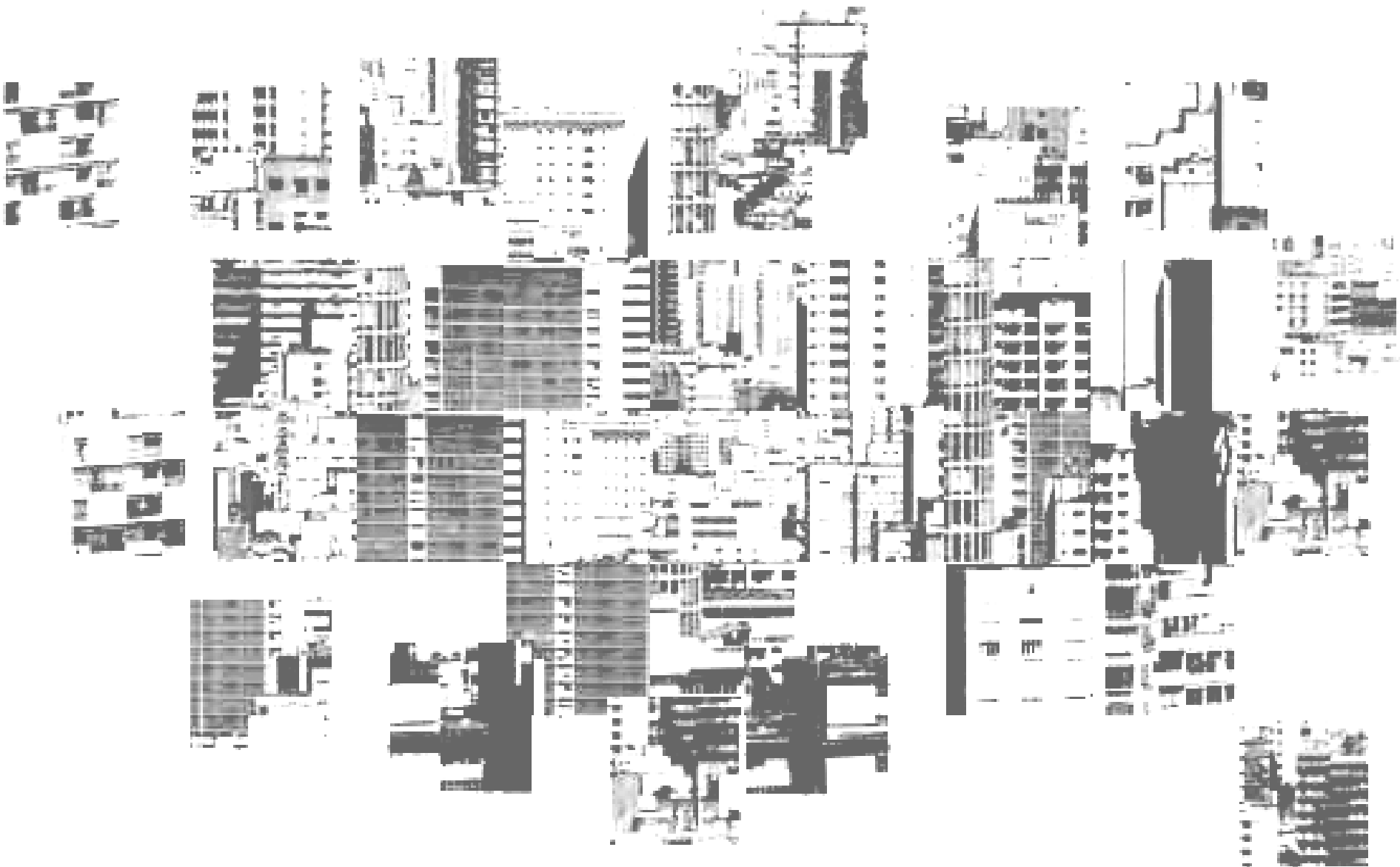
UNESP BAURU 2007 - 2011

des_ CONEXÕES
urbanas

sumário
sumário
SUMÁRIO

RESUMO	1
des_ COENEXÕES urbanas	2
INTENÇÕES DE PROJETO	3
METODOLOGIA UTILIZADA	4
TÉCNICAS	4
FOTOGRAFIA/ FILMAGEM	6
SURREALISMO E SUAS TÉCNICAS	7
FOTOMONTAGEM	7
COLAGEM	8
TRIPTOGRAPHY	8
ASSEMBLAGE	8
CARTOGRAFIA, A NÃO DECALCOMANIA	10
CONCEITOS BÁSICOS	12
CIDADES CONTEMPORÂNEAS E SUA FORMULAÇÃO	12
CIDADES PÓS-MODERNAS, UM AMBIENTE RIZOMÁTICO	14
RELACIONOS SIGNO, SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE NA FORMULAÇÃO DA PAISAGEM URBANA	16
TEMPO/LUZ FOTOGRAFIA X ARQUITETURA_	16
BREVE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO PAULISTA	22
A FORMAÇÃO DA METRÓPOLE SÃO PAULO	24
ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO	36
A FORMULAÇÃO DA METRÓPOLE	38
CENTRO E PAULISTA (METRÓPOLE MODERNA)	39
FARIA LIMA (TRANSIÇÃO)	40
BERRINI E PINHEIROS (METRÓPOLE PÓS MODERNA)	40
PAISAGENS DA METRÓPOLE	43
DESENVOLVIMENTO DOS EIXOS _"STRIPS"_ PAULISTANAS	46
CENTRO VELHO/CENTRO NOVO EMBRIÃO DO DESENVOLVIMENTO	48
CENTRO VELHO X CENTRO NOVO	49

_ PAULISTA_ SÍMBOLO DE TRANSFORMAÇÃO DA METRÓPOLE	59
PAULISTA 1958	60
PAULISTA 2008	61
HISTÓRICO	62
CONFORMAÇÃO DO EIXO	66
EIXO X EDIFÍCIO	69
VIRTUALIDADE X EIXO	75
_ FARIA LIMA_ PROCESSO DE TRANSIÇÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS	81
FARIA LIMA 1958	82
FARIA LIMA 2008	83
HISTÓRICO	84
CONFORMAÇÃO DO EIXO	87
_ BERRINI_ DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE SOCIAL	97
BERRINI 1958	98
BERRINI 2008	99
HISTÓRICO	100
_ MARGINAL PINHEIROS_ AMBIENTE DA ECONOMIA GLOBAL	108
MARGINAL PINHEIROS 1958	110
MARGINAL PINHEIROS 2008	111
HISTÓRICO	112
DESENVOLVIMENTO X EIXO	113
VILA OLÍMPIA ITAIM PAULISTA	118
CONCLUSÕES	121
des_ COENEXÕES urbanas _TERRITÓRIO_	122
des_ COENEXÕES urbanas _DESENVOLVIMENTO_	124
des_ COENEXÕES urbanas _PAISAGEM_	128
des_ COENEXÕES urbanas _VIRTUALIDADE_	129
BIBLIOGRAFIA	132





des_CONEXÕES urbanas trata das transformações ocorridas no cenário atual da metrópole São Paulo. Configurada pela composição, a fusão entre diversos edifícios, funções e formas, a atual paisagem urbana é capaz de conectar, unir características outrora isoladas. Gerando uma nova conformação urbana, infinita e sem distinções. A paisagem torna-se capaz de transcender uma nova dimensionalidade, um ambiente virtual, onde a arquitetura não mais se condiciona apenas aos desenhos dos edifícios em si, mas principalmente através da interferência entre os elementos já edificadas.

É este, portanto, o contexto das grandes cidades. O principal interesse desta pesquisa é demonstrar que hoje a arquitetura se faz não somente com um edifício isolado, se faz com a relação deste e seu entorno, com a profusão de edifícios e indivíduos, onde tempo e espaço dinamizam as relações existentes.

<<<<

Cenário das des_CONEXÕES urbanas, representando a sobreposição de prédios na Avenida Paulista, São Paulo, Outubro de 2011.
Fotografia de Taís Schiavon.

Tendo São Paulo como plano de fundo, este estudo demonstrará o processo de formulação da metrópole através da análise de seus principais eixos, ambiente onde as transformações da paisagem a configuram como uma metrópole pós-moderna. Aqui serão analisados os eixos Paulista, Faria Lima, Berrini e Pinheiros, além da porção Central, com o intuito de demonstrar que a virtualidade e congestão partem destes, em direção às demais porções territoriais.

*des_*CONEXÕES *urbanas*

A expressão/jogo de palavras '*des_COENXÕES urbanas*' é por tanto, empregado neste ensaio, com o intuito de representar o momento onde a cidade, um ambiente naturalmente fragmentado por seus elementos naturais e modificados pelo homem, torna-se uma massa única, ainda composta por ranhuras, subdivisões em seu traçado. A cidade é, portanto, um cenário '*des_conexo*', paisagem onde paira a virtual sensação de ligação, união entre elementos arquitetônicos, sensação esta capaz de romper a rigidez horizontal do traçado urbano.

Neste jogo de palavras, o prefixo *_des_* é então empregado, como uma forma de demonstrar negação à descontinuidade do traçado das cidades, capazes de fragmentar o desenho urbano em pequenos recortes funcionais, que rompem com a antiga paisagem 'contínua'. A negação resume-se ao fato de que mesmo separada em ruas, quadras, lotes, a extrusão destes fragmentos retratados por meio dos recortes urbanos permanecem unidos, retomando a 'continuidade natural'.

Empregada separadamente da palavra conexão, realça a não ligação física das diversas camadas ou '*layers*'¹ existentes em uma cidade, responsáveis por aproximar a formalização da arquitetura contemporânea aos cenários urbanos das grandes metrópoles, mostrando que este novo "estilo arquitetônico" já se faz presente nas cidades há muito tempo, sendo sua percepção indiferente ao indivíduo em virtude da grande quantidade de informações presentes no ambiente urbano por conta do processo de globalização.

¹Camadas ou Layers são recursos de criação e tratamento de imagens que permitem sobrepor objetos ou efeitos sem realmente modificar nada do que está por baixo - a qualidade inicial ou natural da imagem. Quer dizer que em qualquer momento existe a possibilidade de se apagar, mudar cores, texturas, anexar uma ou mais partes à imagem sem problema. As camadas são como folhas de papel transparentes, que se sobrepõem.

INTENÇÕES DE PROJETO

Ressaltando as áreas de interferência e sobreposição dos diversos elementos urbanos contidos no ambiente metropolitano, a presente pesquisa visa à identificação das *des_CONEXÕES urbanas*, expressão utilizada para demonstrar as áreas_pontos de interferência gerados a partir da congestão de edifícios e equipamentos urbanos contidas na formulação da paisagem urbana pós-moderna.

Tendo como plano de fundo a cidade de São Paulo, procuro demonstrar com este trabalho que as interferências urbanas entre a arquitetura e a cidade existem, formulando entre si uma nova paisagem_ conformação urbana, capaz de manifestar as transformações ocorridas no desenho e morfologia urbana, decorrentes do processo de metropolização. A intenção é formalizar uma leitura urbana de São Paulo, demonstrando uma nova linguagem arquitetônica, gerada pela complexidade que emerge não dos edifícios isolados em si, mas sim da junção entre estes, característica principal da paisagem urbana das cidades contemporâneas, compreendendo desta forma a transição_ modificação de signos e significados ocorridos principalmente nas últimas cinco décadas.

De uma maneira em geral, as *des_CONEXÕES urbanas*, caracterizam-se por formulações da paisagem _enquadramentos, cêntricas, recortes_ resultantes de interferências e sobreposições entre os diversos fragmentos construtivos das estruturas em seu entorno, onde a junção dos diversos ‘pedaços’ dos edifícios e meio urbano local, tornam-se capazes de brincar com a rígida racionalidade existente no ambiente, imposta por seu zoneamento prévio, criando assim, um novo ambiente, uma nova paisagem construída a partir da virtualização dos espaços reais.

Envolvendo as principais centralidades elitistas formuladas até os dias atuais, a presente pesquisa visa ilustrar as formalizações espaciais e usuais de São Paulo, metrópole pós-moderna. Esta formalização realizar-se-á através da compreensão de seus principais eixos, ou ‘*strips*²’, designadas aqui pelas avenidas Paulista, Faria Lima, Engenheiro Luís Carlos Berrini e Marginal Pinheiros.

Eixos cuja formulação caracteriza-se como ambiente onde a arquitetura se desenvolve como símbolo e meio de consumo, garantindo a constante capacidade de construção

² ‘Strips’ = faixa. Expressão utilizada por Robert Venturi juntamente com um grupo de urbanistas ao realizarem a análise resultante no livro: *Aprendendo com Las Vegas*. O termo é utilizado pelos autores para designar o conjunto urbano, comercial ou empresarial, surgido ao longo de uma rua ou estrada.

e reconstrução de seus ambientes, permitindo também a capacidade do eixo em espalhar seu desenvolvimento para as regiões mais próximas. A cidade passa a formular-se então através da 'conurbação'³ de eixos e congestão de seus edifícios, afirmando assim a estruturação rizomática das formações pós-modernas.

Levantadas as questões usuais e morfológicas de cada eixo ao longo do tempo, torna-se possível a compreensão das transformações ocorridas na paisagem paulistana como um todo. A intenção desta pesquisa encontra-se na busca de pontos de interferência de tais processos de reestruturação, aqui denominadas de des_CONEXÕES urbanas, capazes de discorrer a respeito de todo o processo de construção e reconstrução do cenário pós-moderno atual, resultado da sobreposição de diversos períodos e estágios de crescimento e desenvolvimento urbano percorridos pela cidade de São Paulo.

>>>>

Cenário das des_CONEXÕES urbanas, sobreposição de prédios próximos ao Copan, São Paulo, 2007.
Fotografia Taís Schiavon.

³Conceito empregado ao urbanismo moderno, representando o crescimento e união de diferentes aglomerados urbanos. Aqui utilizaremos este conceito também para representar o processo de transição de eixos econômicos para áreas próximas, reforçando também a rizomatização dos diversos centros urbanos da metrópole.



METODOLOGIA UTILIZADA

Tendo como base as '*strips*' paulistanas, o presente trabalho estrutura-se a partir da compreensão dos processos envolvendo o deslocamento destes eixos rumo às áreas elitizadas, ou em potencial de formalização. Inicialmente foram realizados levantamentos históricos e atuais das áreas em questão com o intuito de compreender o processo de desenvolvimento econômico e espacial da metrópole, ao longo dos últimos anos.

Considerando também nesta etapa inicial, a análise de suas alterações quanto à sua morfologia, utilização do solo e funcionalidade, será também analisados recortes destes ambientes, com o intuito de ilustrar não apenas suas alterações físicas e usuais, assim como as possíveis formalizações das des_*CONEXÕES urbanas*, existentes nestas áreas de uma maneira em geral, demonstrando também a transição da formalização da paisagem moderna para a pós-moderna.

Entendidos aqui, como mapas, fotografias, filmagens, e outros inúmeros recursos, executados com o intuito de demonstrar as transformações e formalizações de usos do território, além dos pontos de interferência na paisagem urbana, ao longo do tempo. O enquadramento _forma de

representação dos recortes urbanos_ é o elemento característico da linguagem fotográfica que permite recortar a paisagem podendo ser utilizado como método de pesquisa, que juntamente aos demais recursos, auxiliarão na compreensão das interferências do cenário urbano pós-moderno.

TÉCNICAS

FOTOGRAFIA/FILMAGEM

O início do século XX traz consigo o desprendimento da objetividade na captura da realidade pela fotografia. Buscando a abstração da imagem, ou da realidade circundante, alteram desta forma a representação da imagem da cidade, assim como as formas do olhar sobre ela.

O novo desafio busca encontrar uma maneira de representar este 'novo olhar', não permitindo assim, que as imagens se tornassem em vão. Na fotografia, merece destaque o trabalho fotográfico realizado por arquitetos da Bauhaus, entre eles Lászlo Moholy-Nagy, fazem da fotografia uma extensão da visão, assim passam a retratar o ambiente construído não somente por sua arquitetura, mas também mostrando suas formas e estruturas, elementos que os outros não podem ver, estética esta que vai ao interesse do surrealismo.

Utilizando a luz como meio de criação, buscavam pontos de vista diferenciados, deixando de lado o ponto de vista central, único, aplicado pela perspectiva. Representando este 'novo olhar', a abstração da imagem alcançada pelo uso do enquadramento reduzido, visa o isolamento de detalhes que normalmente escapam ao olhar cotidiano.

Neste contexto, o surrealismo prevê exercícios, indo desde o registro de imagens 'banais', até a sobreposição de negativos fotográficos e diferenciados recursos capazes de garantir o congelamento das características pertencentes às des_Conexões urbanas.

Quanto à formulação urbana, as rupturas da paisagem resultantes da junção entre diferenciados fragmentos, assemelham-se às colagens e sobreposições das técnicas surrealistas. Formalizando um ambiente repleto de extratos e opacidades, o oposto do ambiente retratado até o século XIX que envolvia uma cidade repleta de regras e imposições teóricas, e estéticas quanto à representação artística e da paisagem.

<<<<

Diferentes angulações na representação urbana
László Moholy-Nagy. Radio Tower, Berlin, 1928.
<http://www.nga.gov/exhibitions/2007/foto/fullscreen>



Referente à filmagem, os vídeos criados sob a influência do século XX, revelam a quebra da racionalidade e linearidade na representação das imagens e seqüências em seus roteiros. Sobrepondo diversos acontecimentos, quebram a lógica espaço x tempo alienando os acontecimentos. Neste período, torna-se a única forma de arte ou *médium* capaz de unir tempo e espaço no lócus exato da forma, sendo também capaz de despersonalizar sujeito e objeto, transformando o sujeito em um aparato de registro mecânico do tempo e imagem.

_ SURREALISMO E SUAS TÉCNICAS _

Obtendo uma postura individualista, interpreta o ambiente urbano através do que se tornava desvalorizado pela sociedade moderna, buscando representar com o inconsciente e com o fragmento uma situação contraditória a sociedade moderna, que primorava pela razão e modernização. Prevvia por tanto, a liberdade da arte das exigências da razão e da lógica, propondo que as formas de expressão da sociedade fossem realizadas tanto de maneira real, mas também através do uso irreal do pensamento.

FOTOMONTAGEM

Imagens/ambientes criados através do recorte e junção de uma série de fotografias.



Fotomontagem e Triptography.
Conjunto Nacional, Avenida Paulista, São Paulo.
Fotografia de Taís Schiavon.

Triptography.
Avenida São João e Ipiranga, centro de São Paulo.
Fotografia Taís Schiavon, Outubro de 2011.



COLAGEM

Montagem, conjunto de materiais e formas diferenciados, que unidas em uma mesma formulação são capazes de criar uma nova imagem/forma diferenciada.

CUBOMANIA

Estilo de colagem, onde uma foto é cortada em diversos quadrados de mesma dimensão. Rompidas as junções lógicas e reais da imagem original, os fragmentos são reagrupados de maneira aleatória, sem a preocupação com os vínculos da formulação inicial.

TRIPTOGRAPHY

Técnica fotográfica automática onde um mesmo filme fotográfico é utilizado por três vezes, com o intuito de fazer com que as imagens captadas não sejam capazes de representar a clareza do ambiente capturado

_ ASSEMBLAGE _

Termo grego destinado à utilização artística principalmente a partir de 1953, com o intuito de descrever trabalhos cujas características ultrapassam a simples colagem. Baseado no princípio de que qualquer material pode ser acrescentado a uma obra de arte criando um novo conjunto sem promover a perda do sentido original do trabalho. Utilizando diversos materiais sobrepostos em uma

tela, o artista consegue ultrapassar as limitações do plano superficial, rompendo com o limite da imagem, criando assim, certa tridimensionalidade ao que antes seria plano.

Inserida no contexto urbano pós-moderno, esta técnica somada aos enquadramentos_ recortes fotográficos, torna capaz a demonstração da transição do plano projetual para sua projeção tridimensional, não apenas isolada no lote, mas sim em toda a configuração urbana, uma verdadeira escultura, resultado da colagem de diversos fragmentos de diferentes edifícios em um mesmo cenário.

O espaço pós-moderno, outrora estriado (subdividido em ruas, quadras, lotes, edifícios) transforma-se em um ambiente liso, composto pela junção das massas edificadas, repleto de interferências e sobreposições, que mesmo unidos de maneira virtual, novamente tornam-se estriados, formulando o ambiente das des_CONEXÕES urbanas.

A metrópole torna-se, portanto, a mais pura dinâmica que envolve a formulação do ambiente liso e estriado, um meio que se agrupa e fragmenta de maneira cíclica, contínua. Nomeando os elementos temos a cidade como elemento liso, composto por suas ranhuras, a paisagem, ou a cenografia formulada pela junção dos elementos lisos contidos na cidade formulam o espaço estriado, que construído de maneira virtual, volta novamente

ao seu estado liso inicial, através de um simples andar ou mudança de foco visual, revertendo-se ao estado estriado pela mesma simples ação, de maneira cíclica e incessante.



Paisagem em Assemblage.
Avenida São João, centro de São Paulo.
Fotografia Taís Schiavon, Outubro de 2011.

GARTOGRAFIA, A NÃO DECALCOMANIA

Considerando São Paulo um rizoma esta cidade passa a não mais ser caracterizada pela formalização de uma única centralidade, ou pivô. Apresentando inúmeras ramificações e centralidades, conectadas e des_conectadas constantemente, esta necessita de desenhos diferenciados que tornem capazes à demonstração das alterações ocorridas em sua dinâmica urbana durante todo seu processo de desenvolvimento. Para isso necessita de mapas, desenhos, esquemas capazes de recriar as situações encontradas em sua configuração urbana, caracterizada pela congestão de equipamentos urbanos e edifícios.

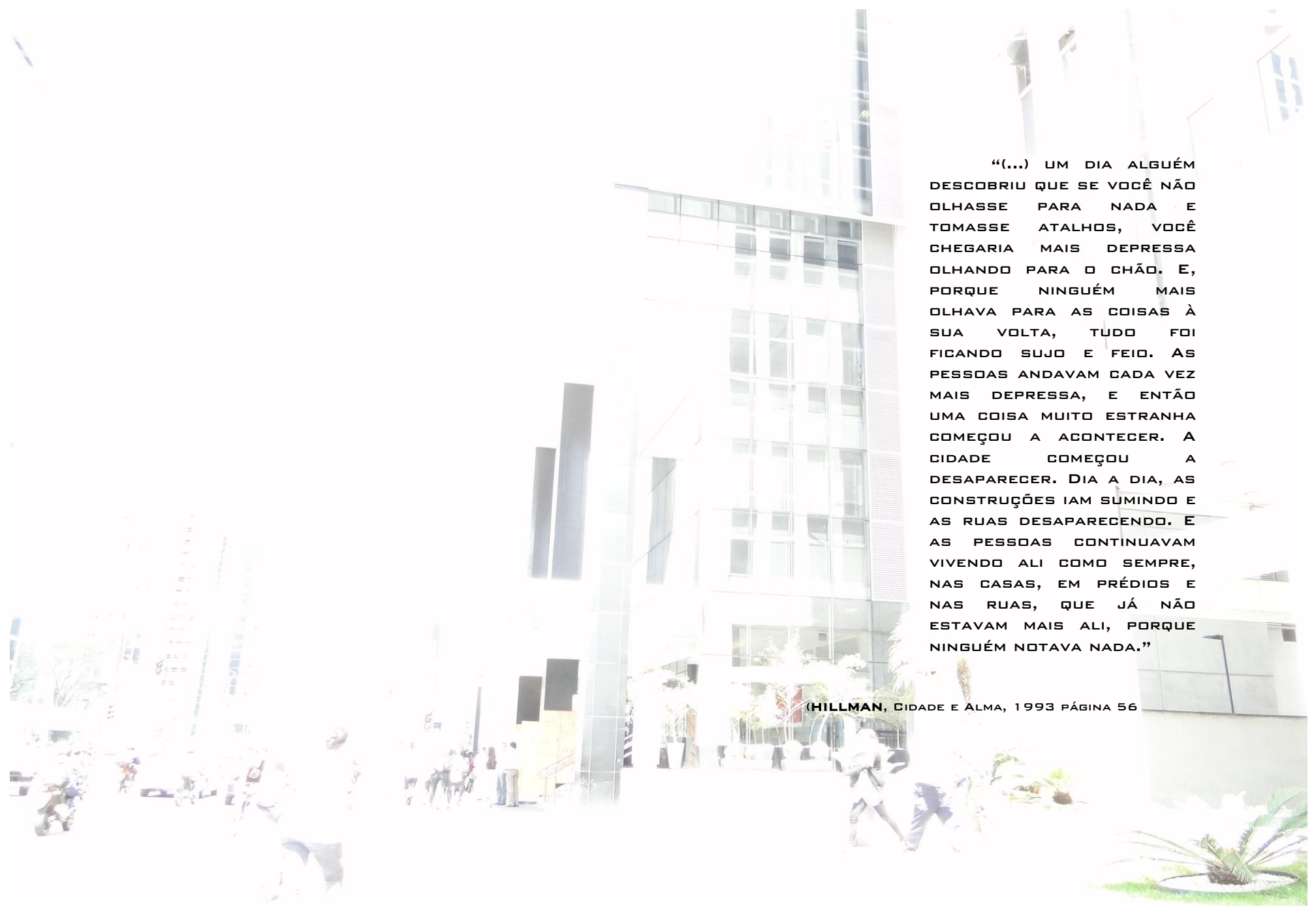
Podendo fazer parte de um rizoma, o mapa para se inserir neste contexto deve ser uma estrutura aberta, passível de conexões e ramificações em todas as suas dimensões, sendo aberta a receber constantes modificações e acréscimos em sua estruturação inicial, devendo assim representar uma estrutura em constante mutação, acompanhando desta forma os acontecimentos da cidade em uma mesma estrutura, assim como ocorre com o ambiente urbano pós-moderno.

Os mapas realizados após a análise dos eixos em questão visam à compreensão de toda a transformação

ocorrida na formalização do rizoma São Paulo, ilustrando as des_CONEXÕES urbanas presentes neste ambiente.

Mapa de setorização, o não decalque.
Avenida Faria Lima, São Paulo.
Montagem e fotografia de Taís Schiavon, Outubro de
2011.





“(...) UM DIA ALGUÉM
DESCOBRIU QUE SE VOCÊ NÃO
OLHASSE PARA NADA E
TOMASSE ATALHOS, VOCÊ
CHEGARIA MAIS DEPRESSA
OLHANDO PARA O CHÃO. E,
PORQUE NINGUÉM MAIS
OLHAVA PARA AS COISAS À
SUA VOLTA, TUDO FOI
FICANDO SUJO E FEIO. AS
PESSOAS ANDAVAM CADA VEZ
MAIS DEPRESSA, E ENTÃO
UMA COISA MUITO ESTRANHA
COMEÇOU A ACONTECER. A
CIDADE COMEÇOU A
DESAPARECER. DIA A DIA, AS
CONSTRUÇÕES IAM SUMINDO E
AS RUAS DESAPARECENDO. E
AS PESSOAS CONTINUAVAM
VIVENDO ALI COMO SEMPRE,
NAS CASAS, EM PRÉDIOS E
NAS RUAS, QUE JÁ NÃO
ESTAVAM MAIS ALI, PORQUE
NINGUÉM NOTAVA NADA.”

(HILLMAN, CIDADE E ALMA, 1993 PÁGINA 56)

CONCEITOS BÁSICOS

CIDADES CONTEMPORÂNEAS E SUA FORMULAÇÃO

Inseridas em uma sociedade marcada por constantes transformações, as cidades pós-modernas apresentam suas formulações construtivas marcadas pela liberdade de formas e representações, unidas em uma constante sobreposição de texturas, capazes de formalizar cenários totalmente abstratos, um *patchwork* urbano.



Sendo um ambiente repleto de sobreposições, este ambiente pode também ser caracterizado como uma superfície amorfa, cuja visão torna-se convertida numa justaposição de planos heterogêneos, resultando a formulação de imagens diferenciadas.



'Corpo sem superfície'.
Edifício localizado na Berrini, São Paulo
Montagem e fotografia de Taís Schiavon,
Outubro de 2011.

<<<<

Patchwork URBANO.

Vista Panorâmica de São Paulo.

Montagem e fotografia de Taís Schiavon,
Outubro de 2011.

Comparada a uma nuvem, a formação pós-moderna, assume a forma de um ‘corpo sem superfície’, um elemento em constante transformação, que não se faz retratar por muito tempo sem alterar sua forma anterior. Esta também é a formulação de uma cidade pós-moderna, um ambiente que para ser compreendido necessita de constantes captações de suas mutações.

Para as transformações decorrentes desta nova formalização urbana tornarem-se aparentes, necessitam impactar o indivíduo que percorre diariamente a cidade, assim a paisagem urbana deve mediar o diálogo entre o indivíduo e ambiente construído que o rodeia, permitindo que este, anteriormente congelado como uma pintura, anulado pelas ações do cotidiano, ganhe novamente profundidade e dimensões, capazes de recodificar os diversos signos existentes, permitindo que estes, não apresentem mais sua formalização e entendimento concretos, fazendo com que as imagens tornem-se novamente capazes de representar o urbano, agora em sua configuração contemporânea, assim como suas transparências, formalizando os novos espaços metropolitanos.

>>>>

Esquema demonstrando o alisamento e estriamento do espaço. Montagem Taís Schiavon

A virtualidade existente nos ambientes urbanos necessitando transparecer interfere na reestruturação dos mesmos. Composto por diversas nucleações, as cidades pós-modernas, formações rizomáticas por excelência, formulam-se por meio de aerações, ambientes capazes de garantir a continuidade do crescimento econômico, dinamizam com o espaço, reconfigurando e requalificando suas características. Uma nova trama de vetores é constantemente armada sobre o traçado, anteriormente consolidado. O espaço se alisa e estria constantemente, tornando-se um ambiente complexo, onde seus dispositivos _econômicos, sociais, culturais_ são justapostos.

“O TECIDO SE ESGARÇA, FRATURAS
RASGAM A CIDADE. UM ESTILHAÇAMENTO QUE
CONVERTE A NEBULOSA URBANA NUMA
AMÁLGAMA DE ÁREAS DESCONECTADAS.”

(PEIXOTO, NELSON BRISSAC. PAISAGENS URBANAS. EDITORA
SENAC SÃO PAULO, EDITORA MARCA D'ÁGUA SÃO PAULO, 1996,
PÁGINA 297)



des_ **CONEXÕES** urbanas [23]



Virtualização do Cenário Urbano, artificialização da paisagem, Avenida Paulista.
Fotografia de Taís Schiavon, Outubro de 2011.

Neste ambiente des_conexo, as constantes transformações responsáveis por rasgar as cidades, geram também reformulações de seus signos, um constante choque entre imagem e o código que a define. Ocorrendo ao alcance de todas as formas de representação e mídias transformam o mundo em uma avalanche de imagens, propagandas, informações, lançamentos imobiliários, multiplicados ao infinito, artificializando desta forma a paisagem urbana. As formações contemporâneas transformam-se em um ambiente de multiplicação de significados, onde a arquitetura torna-se um dos aparatos possíveis do olhar. A forma como a cidade pós-moderna se apresenta à seus usuários ocorre de maneira virtual, semelhante à uma casa de espelhos, um ambiente heterótipo, capaz de recriar situações em um ambiente já formulado por uma composição _rígida_ inicial. A cidade e sua dinâmica passam a atuar por meio da reflexão e da interferência.

“NAS CIDADES, OS OLHOS NÃO VÊEM MAIS COISAS, MAS SIM FIGURAS DE COISAS QUE SIGNIFICAM OUTRAS COISAS. (...) AQUI TUDO É LINGUAGEM, TUDO SE PRESTA DE IMEDIATO, A DESCRIÇÃO AO MAPEAMENTO.”

(PEIXOTO, NELSON BRISSAC. PAISAGENS URBANAS. EDITORA SENAC SÃO PAULO, EDITORA MARCA D'ÁGUA SÃO PAULO, 1996, PÁGINA 23)



Intervenção realizada pela ONG UM TETO PARA MEU PAÍS no vão do MASP.
Diversos pedaços de madeira reunidos formalizando junções semelhantes à formalização urbana do eixo.
Fotografia de Tais Schiavon, Outubro de 2011.

CIDADES PÓS-MODERNAS, UM AMBIENTE RIZOMÁTICO

Ambiente formulado pela composição e atuação de objetos, construções, indivíduos, fluxos por estes traçados além de inúmeros elementos e características capazes de permitir sua ramificação e estruturação. Características, que unidas, tornam possíveis diversas relações e trocas ocorridas entre significado e significante, permitindo desta maneira diferentes compreensões da cidade ou fragmentos da mesma.

Caracterizar um ambiente, uma cidade como um rizoma, requer a presença de elementos e características capazes de permitir alterações morfológicas e espaciais marcantes em sua paisagem. Palco perfeito para ocorrência das des_Conexões urbanas, uma vez que nela se tornam possíveis ligações, conexões sem que existam eixos e centralidades únicas e enrijecidas, permitindo as várias conexões do ambiente que aparenta totalmente interligado, mas que na realidade possui diversas quebras, que podem ser unidas e separadas da mesma maneira.

“(…) O RIZOMA CONECTA UM PONTO QUALQUER COM OUTRO PONTO QUALQUER E CADA UM DE SEUS TRAÇOS NÃO REMETE NECESSARIAMENTE A TRAÇOS DE MESMA NATUREZA, ELE PÕE EM JOGO REGIMES DE SIGNOS MUITO DIFERENTES, INCLUSIVE ESTADOS DE NÃO SIGNOS. (...) ELE NÃO É FEITO DE UNIDADES, MAS DE DIMENSÕES, OU ANTES, DE DIREÇÕES MOVEDIÇAS. ELE NÃO TEM COMEÇO NEM FIM, MAS SEMPRE UM MEIO PELO QUAL ELE CRESCE E TRANSBORDA. ELE CONSTITUI MULTIPLICIDADES LINEARES A N DIMENSÕES, SEM SUJEITO NEM OBJETO, EXIBÍVEIS NUM PLANO DE CONSISTÊNCIA (...)”

(**DELEUZE**, GILLES E GUATTARI, FÉLIX. MIL PLATÔS CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA, VOLUME 1. EDITORA 34, 1995, PÁGINA 32)

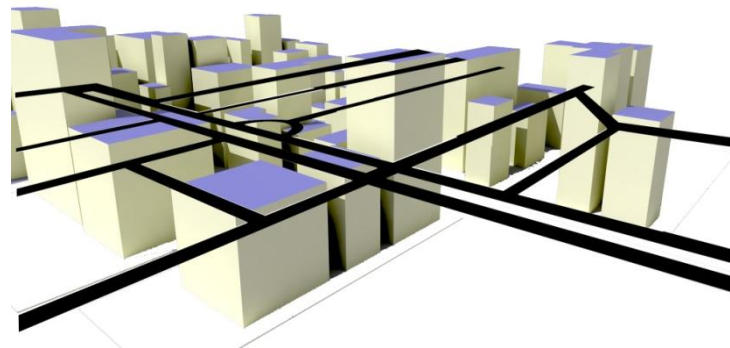
Possuindo a capacidade de se conectar e reconectar, a cidade pós-moderna é também um espaço composto por ambientes denominados LISO e ESTRIADO. Tais espaços virtuais, mesmo não possuindo mesma natureza, são capazes de misturar-se entre si, retomando sempre seu estágio inicial, possuindo também a característica de retornar ao seguinte sem grandes esforços.

Nas cidades, genericamente, o espaço Estriado refere-se ao desenho existente no mapa das mesmas, sendo este o entrecruzar de linhas horizontais e verticais constante. Quanto ao espaço Liso, este se destina ao representar das

projeções, e formulações dos cenários urbanos, um ambiente sem distinções, um emaranhado de informações.

“(…) O ESTRIADO É O QUE ENTRECRUZA FIXOS E VARIÁVEIS, ORDENA-SE E FAZ SUCEDEREM-SE FORMAS DISTINTAS (...). O LISO É A VARIAÇÃO CONTÍNUA, É O DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO DA FORMA (...)”

(**DELEUZE**, GILLES E GUATTARI, FÉLIX. MIL PLATÔS CAPITALISMO E ESQUIZOFRENIA, VOLUME 5. EDITORA 34, 1997, PÁGINA 184)



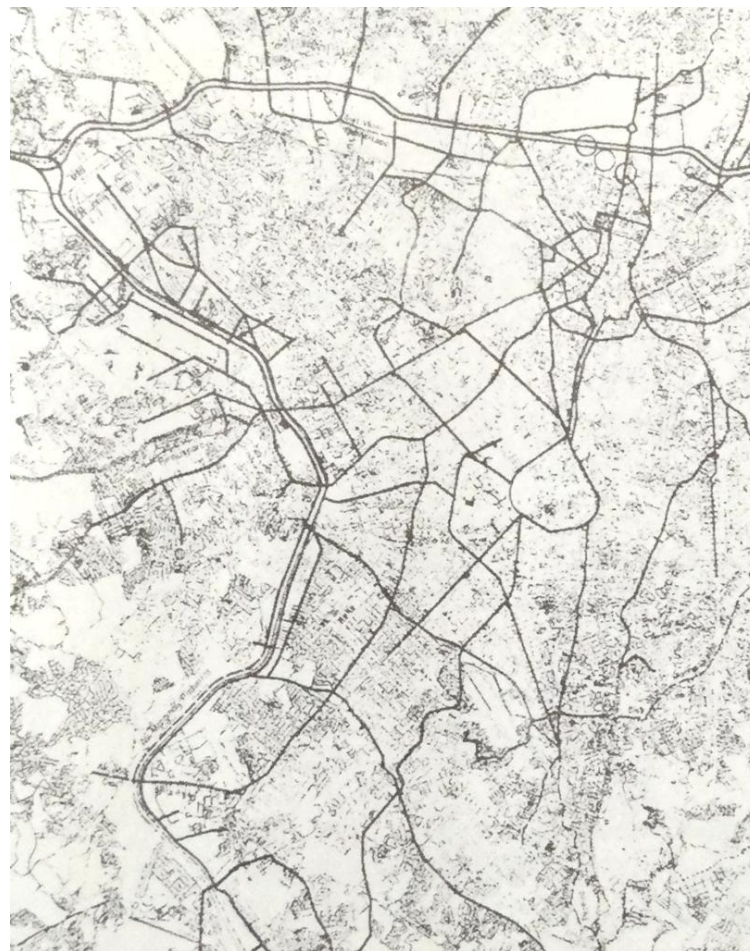
Esquema demonstrando os espaços LISOS e ESTRIADOS, na formulação do ambiente urbano.
Montagem Taís Schiavon.

Ludicamente dizendo, os espaços Estriados da cidade comportam-se como um bordado, um ambiente extremamente complexo em suas variáveis, e constante em seus fixos e móveis movimentos de agulhas, assim como ocorre no traçado das cidades. Já quanto aos espaços Lisos, referem-se a um patchwork, uma sucessão de acréscimos de pedaços a pedaços de maneira infinita, não existindo uma centralidade, sendo distinto do ocorrido com o bordado, representando bem a projeção e a formação dos recortes, dos cenários urbanos na paisagem.

>>>>

Rizomatização dos eixos da metrópole.
Principais eixos/avenidas da região compreendida
pelo centro expandido, delimitada pela porção do
arco perimetral composto pelas Marginais Pinheiros
e Tietê.

Fonte: MAIA, Francisco Prestes. Os melhoramentos
de São Paulo.



RELAÇÕES SIGNO, SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE NA FORMULAÇÃO DA PAISAGEM URBANA

Cidade, ambiente de proliferação e atuação de diversos signos, imagens. Diferentes sinais capazes de codificar os acontecimentos diários, realizados de maneira diversificada, conforme o interesse do emissor e captação do indivíduo que a percorre, tendo como resultado uma proliferação de símbolos no ambiente urbano, capazes de artificializar todo este cenário.

Conforme a lingüística: $SIGNO = SIGNIFICADO + SIGNIFICANTE$, onde o significado representaria o conceito, a mensagem a ser transmitida, e o significante, representaria a forma gráfica somada ao som, sendo assim a dispersão dos valores do signo ao meio. Assim sendo, o signo seria qualquer unidade significativa, de qualquer linguagem resultante da união entre significante e significado. Outra corrente da lingüística que se aproxima com as intenções deste ensaio perante a cidade refere-se ao Estruturalismo, que entende a língua como um sistema articulado em que todos os elementos estão ligados.

Considerando a *'Cidade como um Signo'*, podemos compreender a transição das formas de leitura do ambiente urbano, primeiramente como um texto marcante durante a

transição do modernismo, e posteriormente a uma imagem um signo, característica marcante das cidades pós-modernas.

Enquanto o modernismo preocupa-se com a rigidez entre o significado e significante, demarcando a certeza de que as coisas são o que realmente demonstram ser, no pós-modernismo ocorre a contínua recombinação entre tais elementos, desta forma, um mesmo fato possui várias interpretações, conforme a maneira de como é apreendida pelo observador.

No contexto das cidades pós-modernas, determinados locais podem demonstrar a virtualização do espaço, a formulação de novos signos, muitas vezes diferentes dos signos originais formulados para o local. Nestas situações, as construções se desmaterializam, a arquitetura em si só não é mais capaz de prender a atenção do indivíduo, sua apreensão passa a ocorrer apenas em casos de curiosidade, recriando novas realidades, que só existem por conta da mediação dos signos existentes no ambiente.

_TEMPO/LUZ_FOTOGRAFIA X _ARQUITETURA_

As expressões tempo e luz diferenciam-se em seus significados, mas aproximam-se ao serem relacionadas a veios artísticos como pintura, fotografia, cinema, entre outras mais, uma vez que ambas possuem características capazes de criar e formular ambientes, agindo como formas de captar a luz _instante, movimento, transformação_ maneiras de ‘congelar’ o tempo e revelar as marcas de transições entre diferentes elementos atuais e históricos.

Dos exemplos citados acima, tanto a pintura como a fotografia, são maneiras de representações estáticas do tempo e movimento. Sejam através de pinceladas e efeitos de luz e sombra, ou através da exposição de uma película a diferentes frações tempo e iluminação. Tais representações tornam-se capazes de moldar a luz através de detalhes estáticos.

Já ao que se refere ao cinema, este se torna capaz de capturar a magia do movimento, representando a luz em deslocamento, registrando desta forma, um tempo dinâmico. Sempre em busca de maneiras de se representar a paisagem da forma mais real possível, é na primeira metade do século XIX que se inicia a preocupação em substituir o olhar direto do observador por práticas onde as imagens não realizassem

mais referenciais a um único ponto avistado pelo observador. A partir deste momento, a imagem passa a representar o observador ambulante, sua visão torna-se múltipla, adjacente, capaz de sobrepor outros objetos. A partir daqui, a cidade torna-se inteligível graças à articulação de muitos pontos de vista. A imagem outrora estática, representando um único plano, passa agora a conter profundidade. Já na metade do século XX, esta representação passa a ser realizada pela fotografia e pelo cinema, a pintura, perde seu *status* de representação do urbano, tende a buscar novas maneiras de representar tais acontecimentos, através da utilização de novas linguagens e representações artísticas.

Através da fotografia, torna-se possível a captação da realidade sob diversas maneiras e técnicas. A magia contida na câmara obscura, dispositivo óptico responsável pela projeção da imagem real para sua artificialização em uma película, consegue marcar um ambiente plano com as informações espaciais de outro ambiente.

“... A IMAGEM CONTEMPORÂNEA É TAMBÉM
UMA JUSTAPOSIÇÃO DE DIVERSOS SUPORTES,
TEMPOS E DIMENSÕES.”

(PEIXOTO, NELSON BRISSAC. PAISAGENS URBANAS. EDITORA
SENAC SÃO PAULO, EDITORA MARCA D'ÁGUA SÃO PAULO, 1996,
PÁGINA 85)

As relações envolvendo o aproveitamento do ambiente e suas formalizações construídas alteram-se radicalmente desde o Renascimento, período onde a pintura apresenta importante papel na representação da paisagem. Esta, antes possível de ser representada através da perspectiva, que representava os elementos urbanos distribuídos no espaço, contrasta com a conformação atual, que revela a simultaneidade da representação. Não há mais diferenciação entre o primeiro plano e as demais camadas da paisagem como antigamente. A conformação contemporânea apresenta um espaço sem coordenadas definidas, o próximo confunde-se com o longínquo, todo o ambiente torna-se visível ao mesmo tempo.

Quanto à arquitetura e sua inserção em todo este contexto, esta apresenta nesta transição as mais evidentes mudanças em sua forma de produção e criação, trazendo consigo problematizações teóricas mais discutidas e articuladas que as demais formas de arte. Diferenciando-se desta, também pelo fato de lidar com a tridimensionalidade de uma maneira não alcançada pelas demais formas de arte.

Ainda dizendo a respeito desta transição a arquitetura, enquanto no modernismo imperava a monumentalidade e a racionalização dos espaços, no pós-modernismo imperava a transformação do ambiente em

uma escultura virtual. Assim, não compreendendo apenas suas construções físicas e concretas, mas também englobando as formas de como é apreendida pelo sujeito, a arquitetura também é capaz de englobar conceitos subjetivos, através de seu processo de criação e utilização pelos indivíduos.

Realizando um paralelo entre Fotografia e Arquitetura e suas correlações com o espaço, temos que a primeira só existe por conta da projeção da luz sobre um campo de sombra, apresenta também relação espacial, por conseguir demarcar tempo e espaço, permitindo ao espectador a associação de imagens sobre o momento em que se precedeu e o que segue à tomada. Já a arquitetura, só existe no plano espacial quando sai do plano gráfico do projeto, seja virtualmente ou para sua execução.

Os fragmentos fotográficos permitem o prolongamento do acontecimento anterior e posterior de uma ação através da imaginação. Assim sendo, age como o processo de reflexão sobre o meio e sobre a arquitetura; sobre o espaço, além de trazer a tona pontos cegos gerados pela cidade capazes de desestabilizar a percepção visual convencional da imagem.

Considerando neste paralelo também a filmagem, temos a acentuação destas relações, assim, espaço e tempo também passam a dinamizar com profundidade e movimento. A filmagem consegue lidar com a virtualidade presente na arquitetura e sua formulação no espaço, características que a fotografia não é capaz de transparecer com a mesma facilidade, transparecendo assim maior realidade perante aos acontecimentos que envolvem o instante de sua capturação.

>>>>

Fotomontagem seqüencial exposição do mesmo cenário através de pequenas diferenças de tempo, proporcionando sensação de movimento, a imagem estática resultante da fotografia.
Técnica *Stop Motion*.
Fotografia de Taís Schiavon, Outubro de 2011.

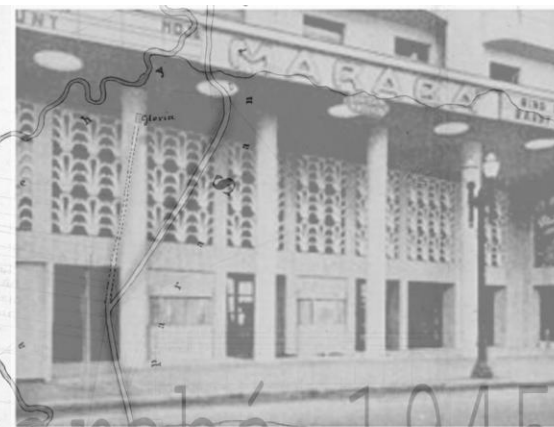


Fotomontagem seqüencial de edifícios, Avenida Faria Lima, São Paulo.
Fotografia de Taís Schiavon, Outubro de 2011.



anhangabaú 1920

anhangabaú_1920



cine marabá 1945

cine marabá_1945



convento são francisco 1862

edifício o esther 1938

edifício esther_1938

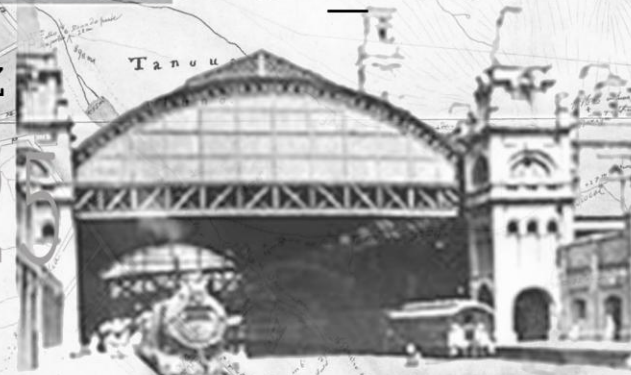


praça do patriarca 1925

praça do patriarca_1925



luz



BREVE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO PAULISTA

Fundada em 1554 por padres Jesuítas, a então Piratininga possui grande parte de seu desenvolvimento histórico inicial demarcado por certa inexpressividade econômica. Sua imposição econômica passa a ser marcante na transição do século XVIII e XIX, momento onde a cidade de barro começa a crescer, desenvolvendo-se ainda na porção do triângulo histórico. O ciclo do café traz para localidade seus grandes barões e toda a elite criada pela expansão da cultura cafeeira no Estado, os serviços prestados no antigo entreposto bandeirista diversificam-se, visando suprir os interesses da crescente elite paulista.

A riqueza do café começa a redesenhar a cidade de São Paulo. Os ideais europeus formulam a arquitetura da *“belle-époque”*, as antigas ruas tortuosas são alargadas e realinhadas, os antigos casarões coloniais tornam-se recuados, respeitando os limites de uma legislação ‘modernizadora’ que começava a se delinear. Assim, as antigas feições da cidade de taipa começam a se transformar, conforme os anseios de modernização para a capital. Palacetes, teatros, praças, belvederes formulam-se na ‘nova’ São Paulo. A cidade que rapidamente se transformava em

uma metrópole necessitava de uma arquitetura que acompanhasse tal título.



Área central vista do Edifício Martinelli em
direção ao sul, década de 20.
In: SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o Urbanismo
Modernizador. São Paulo: Studio Nobel: Editora da
Universidade de São Paulo: FAEPSP, 1997.

Já no romper do século XX, impulsionada pelo café, a indústria paulistana começa a formular-se. O advento das duas grandes guerras auxilia o desenvolvimento do setor. Em pouco tempo, a cidade reconstruída sobre os padrões europeus, precisa novamente se 'modernizar'. A reestruturação urbana segue agora os padrões norte-americanos. Em poucos anos, São Paulo transforma-se na Chicago latino-americana.

A antiga região do triângulo histórico, não mais suporta o desenvolvimento econômico paulista, sua feição homogênea do período colonial agora representa a disputa pela verticalização. Novos eixos de desenvolvimento econômico começam a ser criados, dinâmica que ocorre até os dias atuais. A antiga metrópole moderna, atualmente cede lugar à metrópole dita pós-moderna, que concentra sua hegemonia econômica rumo à porção oeste da cidade, tendo como limite não mais os rios Tamanduateí e Anhangabaú, mas sim os rios Pinheiros e Tietê, que ao longo dos anos vêem a paisagem de suas marginais reformularem uma nova capital, pólo do desenvolvimento econômico do setor terciário.



Rua Bonifácio, em direção à Rua Riachuelo na década de 20, a "belle-époque".
In: <http://fotos.estadao.com.br/sp-do-seculo-20-rua-bonifacio-em-direcao-a-rua-riachuelo>.

A FORMAÇÃO DA METRÓPOLE SÃO PAULO

Uma ‘metrópole moderna’, este é o título que São Paulo ostenta nos anos 50. Em torno deste, uma série de atributos físicos, sociais, econômicos e culturais capacitam a cidade a carregar esta definição.

Demonstrando todo o processo de formulação da metrópole moderna, MEYER⁴ demonstra em sua tese de doutoramento todas as transformações ocorridas na cidade em decorrência do processo de metropolização. Analisando a cidade de São Paulo até os anos 50, descreve as transformações envolvendo as alterações viárias e estruturais, exemplificando todos os planos de melhoramentos públicos realizados para a formalização da metrópole.

“(…) NA DÉCADA DE 50 PRODUZIU-SE EM SÃO PAULO UM PONTO DE INFLEXÃO NA TRAJETÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE METRÓPOLE E URBANISMO QUE JÁ ASSUMIA SUA NOVA VERSÃO: A DE PLANEJAMENTO URBANO.”

(MEYER, REGINA MARIA PROSPERI. METRÓPOLE E URBANISMO SÃO PAULO ANOS 50, TESE DE DOUTORAMENTO, FAUUSP 1991, PÁGINA 5 E 6)

⁴MEYER, Regina Maria Prosperi. Metrópole e Urbanismo São Paulo anos 50, tese de doutoramento, FAUUSP 1991.

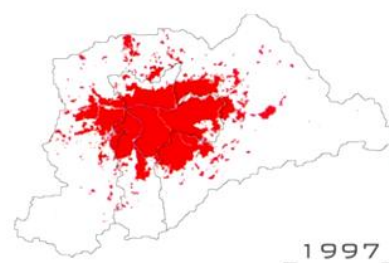
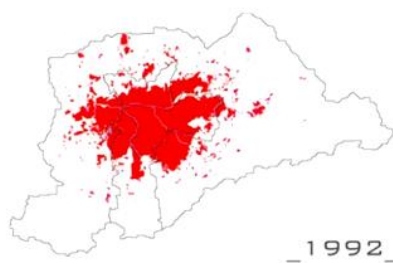
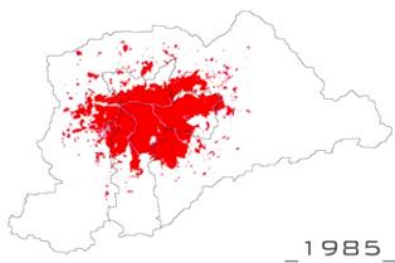
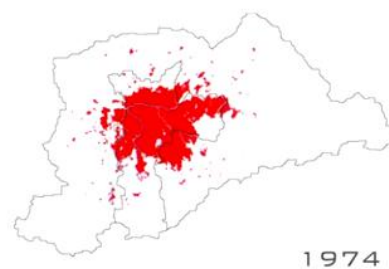
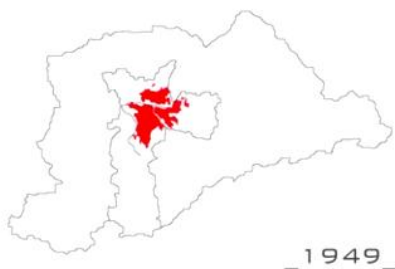
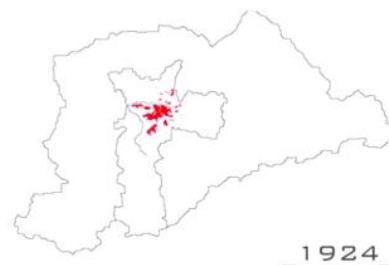
MEYER, Regina Maria Prosperi, GROSTEIN Marta Dora, BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrópole. São Paulo, EDUSP 2004.

Associada ao desenho das avenidas, a verticalização e o adensamento começa a se desenvolver além da porção central. Edifícios e loteamentos são criados com o intuito de realocar a elite paulistana.

Outro importante estudo realizado por MEYER diz respeito ao processo de expansão urbana em decorrência do estágio de metropolização alcançado pela capital. Neste estudo, analisa as transformações espaciais e o crescimento evolutivo da cidade e sua região metropolitana até a década de 90, apresentando entre outras coisas, sua expansão urbana e transição de alguns de seus setores econômicos.



Centro de São Paulo do Viaduto Jacareí_1948. In:
http://www.4shared.com/allimages/ay3BF32/So_Paulo_antiga.html



<<<<

Expansão urbana da
cidade de São Paulo_
períodos
estabelecidos.

Baseado em:

MEYER, Regina Maria
Prosperi, GROSTEIN
Marta Dora, BIDERMAN,
Ciro. São Paulo
Metrópole. São Paulo,
EDUSP 2004.

Os mapas de expansão urbana e do setor terciário, baseados nos estudos de MEYER e adaptados neste estudo conforme as necessidades desta pesquisa descrevem o processo de formalização do *'urban sprawl'*⁵, ou seja, o desenvolvimento da horizontalidade do traçado urbano.

Ao momento interessa a análise da transição entre os períodos de 1949 e 1960, onde percebemos o início do processo de conurbação. Neste período, os eixos em estudo já apresentam considerável índice de urbanização, tendo também iniciado em alguns pontos o processo de reestruturação de alguns de seus setores, como ocorre com a Avenida Paulista, melhor exemplificado a seguir. Todas as transformações envolvendo a reestruturação urbana a partir deste período possuem o intuito de aproximar a cidade aos novos padrões urbanísticos e morfológicos impostos à metrópole.

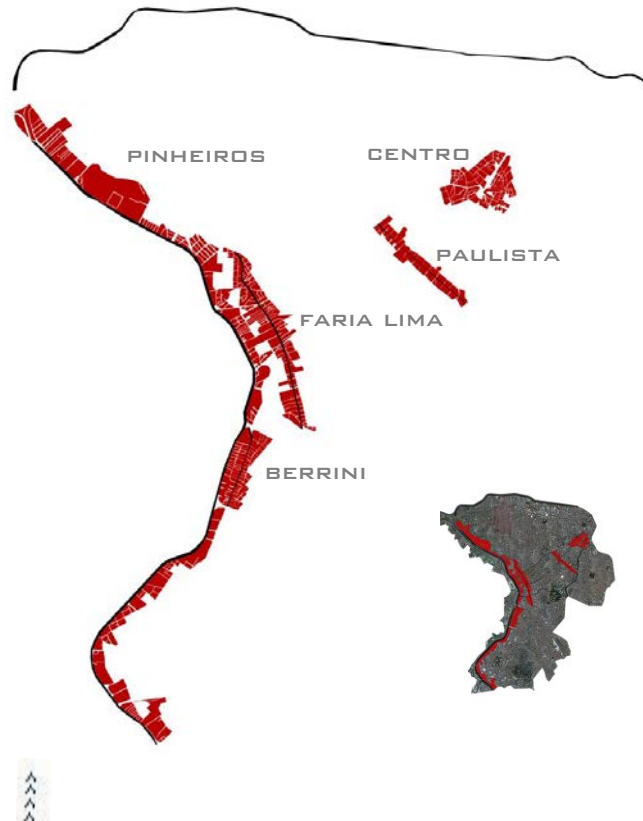
⁵ *'Urban Sprawl'* = Expressão utilizada por Robert Venturi juntamente com um grupo de urbanistas ao realizarem a análise resultante no livro: *Aprendendo com Las Vegas*. O termo é utilizado pelos como referência ao crescimento urbano horizontal, irregular, sendo oposto ao que chamam de mega estrutura, ambientes planejados e de maior densidade.

Reforçando os levantamentos realizados por MEYER, ZUKIN⁶ descreve como se dá todo o desenvolvimento urbano, tendo como resultado o processo de modernização e transformação de sua estruturação urbana e conseqüentes alterações de sua paisagem urbana, que no caso de São Paulo, culmina com a metropolização. A autora relata a respeito da evolução econômica das cidades decorrente das transições por meio do deslocamento burguês ao longo de diversos vetores urbanos. Mesmo realizando esta análise de maneira ampla, sua teoria pode ser empregada nesta pesquisa. Aplicadas ao longo dos eixos Paulista, Faria Lima, Berrini e Marginal Pinheiros, a transição do desenvolvimento burguês ocorre inicialmente rumo ao vetor Oeste, uma vez que no sentido oposto, a faixa industrial composta pelas regiões do Brás e Barra Funda repelem a expansão burguesa para este vetor.

Por tanto, rumo à porção Oeste de São Paulo concentram-se as aglomerações elitistas, incluindo suas moradias e áreas de trabalho, que conforme atingem seu limite máximo, procuram novas regiões para seu estabelecimento, transformando a paisagem outrora

⁶ ZUKIN, Sharon. Paisagens Urbanas Pós- Modernas Mapeando Cultura e Poder. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Natural.

consolidada de acordo com a nova formalização urbana, a paisagem verticalizada.



Esquema representativo dos eixos de desenvolvimento em discussão nesta pesquisa. Montagem Taís Schiavon

Também contidos nesta expansão, o avanço do setor terciário, assim como os eixos burgueses, possuem seu desenvolvimento rumo à porção Oeste, ocorrendo conforme períodos estabelecidos, que impulsionados pelo desenvolvimento econômico burguês, garantiam à metrópole não apenas alterações quanto à verticalização em cada região, mas também quanto aos seus usos e formalizações no solo urbano.

Fortalecendo toda esta expansão do setor terciário, BARBOSA⁷ demonstra o desenvolver da tipologia funcional de São Paulo. Para esta pesquisa, dados de seu levantamento foram analisados e compilados em um mapa semelhante ao realizado pela autora.

Vale destacar a evolução contida entre os anos de 1922 a 1999, datas que coincidem com o início do processo de verticalização paulistana, indo até sua configuração atual.

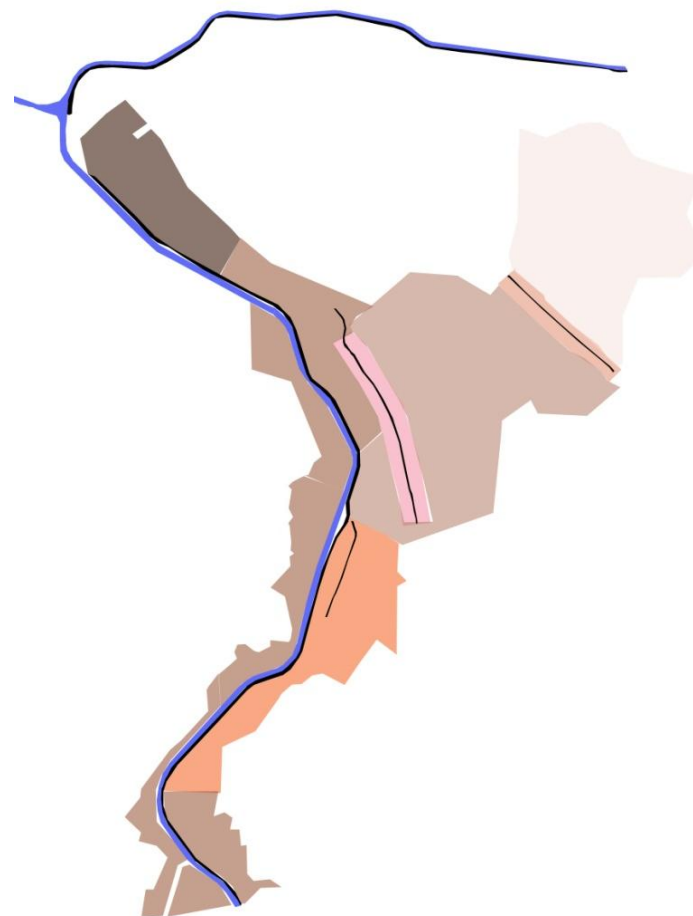
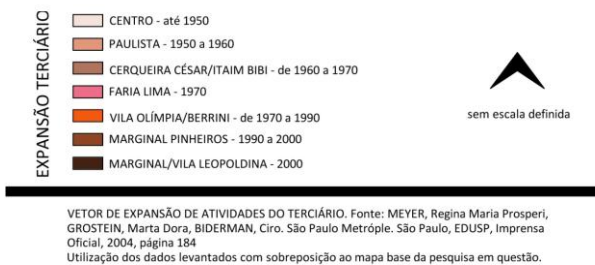
Em sua análise, foram considerados o posicionamento de estruturas urbanas como a concentração de comércio e serviços, áreas residenciais elitistas e mais recentemente, regiões contendo a concentração verticalizada mista, composta por áreas

⁷ BARBOSA, Eunice. Evolução do uso do solo residencial no centro expandido do município de São Paulo/ E. Barbosa, W. Zmitrowicz - São Paulo, EDUSP, 2002

residenciais, comerciais e serviços; além de áreas de exclusiva atuação de edifícios envolvendo os usos comerciais e de prestação de serviços.

>>>>

Desenho realizado tendo como base os estudos de:
MEYER, Regina Maria Prosperi, GROSTEIN Marta Dora,
BIDERMAN, Ciro. São Paulo MetrÓpole. São Paulo,
EDUSP 2004.



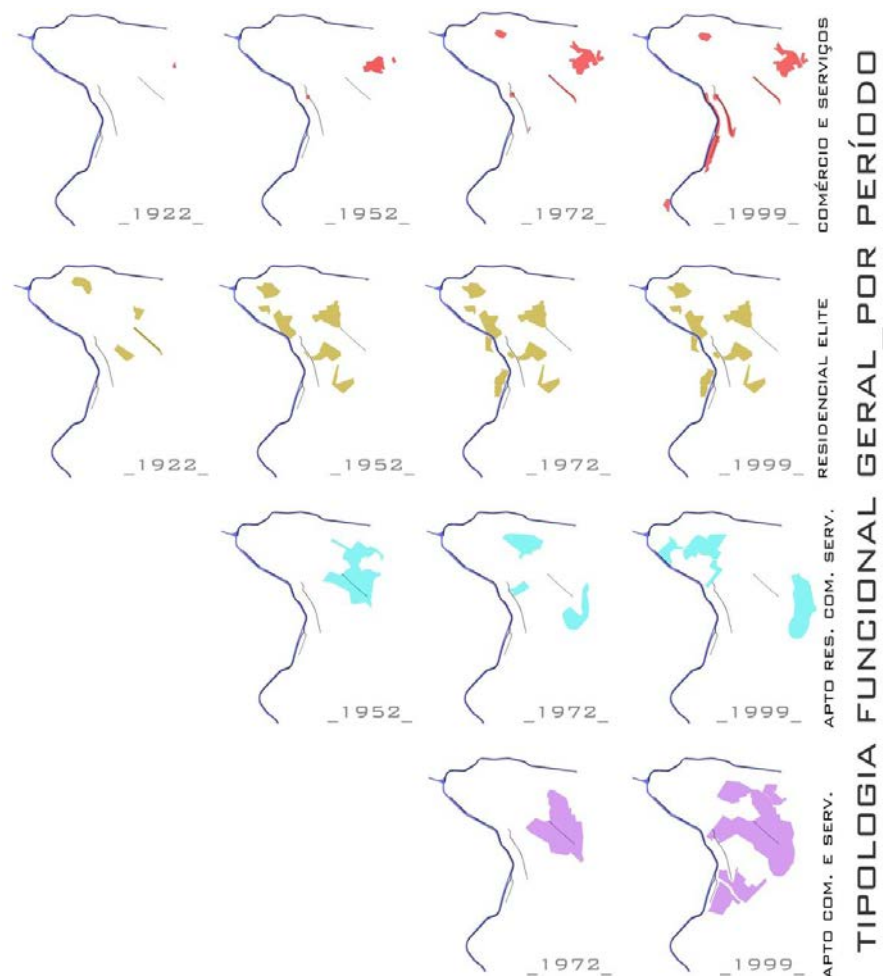
Este mapa em geral ilustra a transição funcional dos eixos ao longo do desenvolvimento econômico da metrópole, que como já citado, traz consigo principalmente a partir dos anos 50 o processo de congestão vertical, resultado da extrusão da antiga horizontalidade urbana.

As alterações funcionais dos eixos resultam em transformações em sua paisagem, tanto no que diz respeito ao processo de verticalização, quanto às formas dos edifícios instalados nestas regiões. Consolidando este processo, SOMEKH⁷ demonstra o caminho da verticalização, desde os anos 20, início da imposição do adensamento vertical na metrópole, tendo sua ênfase até a transição ocorrida principalmente entre os anos 50 e 60.

⁷ SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAEPSP, 1997.

>>>>

Desenho realizado tendo como base os estudos de:
BARBOSA.



Analisando os edifícios representativos deste *boom* inicial, a área por eles ocupada resume-se a porção central da metrópole, avenida Paulista, além de localidades próximas, onde a verticalização era destinada ao uso residencial. A instalação destes detinha intenções de reestruturar as feições morfológicas e usuais de seus ambientes, alterando assim a ‘cara’ de São Paulo, conforme os novos anseios da metrópole, uma transição que envolvia o abandono do estilo da “*belle-époque*” dos anos 20, em substituição às influências norte-americanas ocorridas a partir dos anos 30. De uma forma em geral, a verticalização da metrópole moderna imprimia a construção de edifícios diferenciados, concentrando múltiplos usos em uma mesma estrutura, seguindo assim a lógica de adensamento e modernização, requisitos básicos do processo de metropolização da cidade.

Uma interessante característica deste período refere-se ao desenvolvimento de um estilo formal próprio para a arquitetura paulistana, ainda com os fortes argumentos do modernismo, os prédios construídos principalmente nos anos 50, possuem um desenho diferenciado dos usuais edifícios modernos.

Passado esta etapa inicial da verticalização, a partir dos anos 60 e principalmente dos anos 70 os edifícios

construídos começam a perder seus valores modernos, assumindo uma configuração, mesmo que de maneira inicialmente tímida, conforme os anseios da pós-modernidade. Neste período, empreendimentos como o Shopping Iguatemi (1966) e Centro Empresarial de São Paulo (1976), apresentam as relações público x privado, interior x exterior, enfraquecidas e modificadas. Esta e outras questões tornam-se ainda mais marcantes nos anos que seguem a inauguração destes empreendimentos.



Edifício Esther em frente à Praça da República.
Fotografia Taís Schiavon. Outubro de 2011.

EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS DO BOOM DA VERTICALIZAÇÃO

- 1-Ed. Casa Médici_1912
- 2-Ed. Guinle_1913
- 3-Ed. London and River Plate Bank_1913
- 4-Ed. Sampaio Moreira_1929
- 5-Ed. Martinelli_1929
- 6-Ed. Colombus_1932
- 7-Ed. Esther_1938
- 8-Ed. João Ramalho_
- 9-Ed. Santarém_1940
- 10-Ed. Anchieta_1941
- 11-Ed. Louveira_1946
- 12-Ed. Altino Arantes_1947
- 13-Ed. São Carlos do Pinhal_1950
- 14-Ed. Paulicéia_1950
- 15-Conj. Nações Unidas_1953
- 16-Ed. Copan_1953
- 17-Conj. Nacional_1955
- 18-Ed. Triângulo_1955
- 19-Ed. Montreal_1954
- 20-Ed. Itália_1953
- 21-Galeria Califórnia_1955
- 22-Ed. Louvre_1958
- 23-Ed. Prudência_
- 24-Ed. Lousane_1958
- 25-Ed. Bretagne_1959
- 26-Ed. Três Marias_
- 27-Ed. Guaimbé_
- 28-Ed. Metrópole_1960
- 29-Galeria do Rock_

Fotomontagem: junção de edifícios representativos do processo
de verticalização de São Paulo.
Montagem Taís Schiavon.

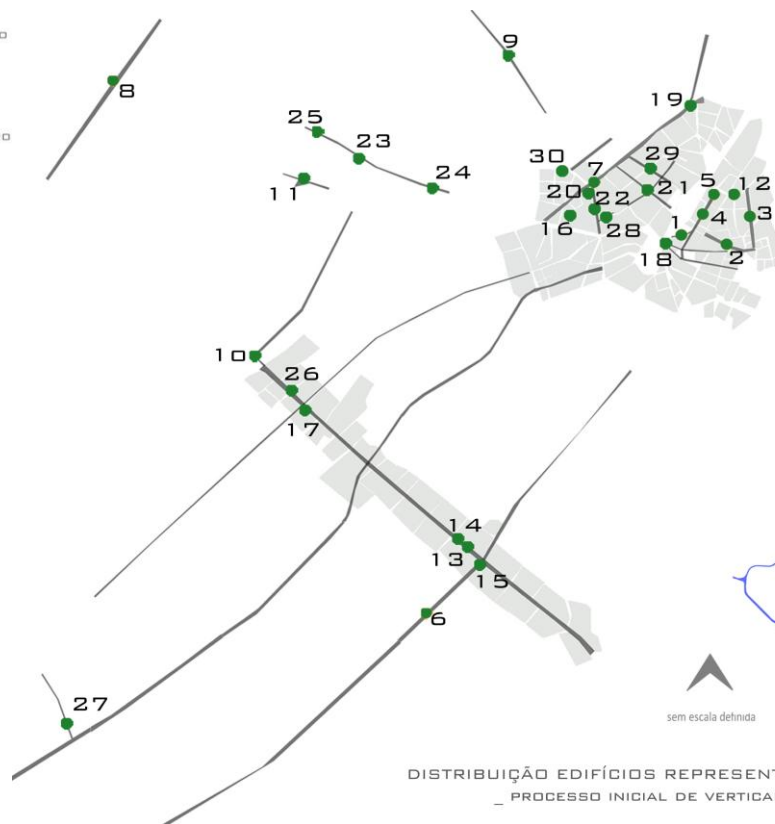
“SE O SINHÔ NÃO TA LEMBRADO
DÁ LICENÇA DE CONTÁ
QUE AQUI ONDE AGORA ESTÁ
ESSE EDIFÍCIO ARTO,
ERA UMA CASA VEIA,
UM PALACETE ASSOBRADADO.
FOI AQUI, SEU MOÇO,
QUE EU, MATO GROSSO E O JOCA
CONSTRUÍMOS NOSSA MALOCA,
MAS UM DIA NÓIS NEM PODE SE ALEMBRA
VEIO OS HOME CO’AS FERRAMENTA
O DONO MANDO DERRUBÁ (...)
QUE TRISTEZA QUE NÓIS SENTIA
CADA TÁBUA QUE CAÍA
DUÍA NO CORAÇÃO (...)
SAUDOSA MALOCA, MALOCA QUERIDA,
ONDE NÓIS PASSEMOS
OS DIAS FELIZES DE NOSSAS VIDAS.”

ADONIRAN BARBOSA, SAUDOSA MALOCA, 1951



- LOCALIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS
- MANCHA URBANA - CENTRO/PAULISTA
- VIAS

DISTRIBUIÇÃO DOS EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS DO PROCESSO INICIAL DE VERTICALIZAÇÃO DE SÃO PAULO DE 1920 A 1960 APROXIMADAMENTE.



DISTRIBUIÇÃO EDIFÍCIOS REPRESENTATIVOS
_ PROCESSO INICIAL DE VERTICALIZAÇÃO PAULISTANA _



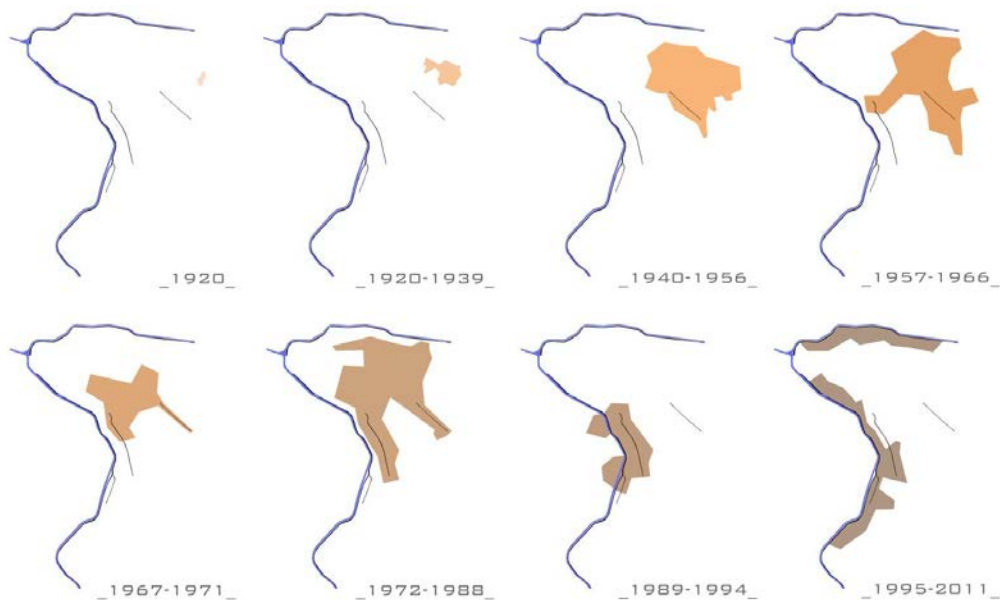
VERTICALIZAÇÃO
_ 1920-1960 _

LOCALIZAÇÃO

Mapa esquemático demonstrando edifícios significativos do 'boom' de verticalização paulistana. Desenho realizado com bases nos estudos de SOMEKH.

Na década de 60, tem início o processo de descentralização econômica. Os anos seguintes trazem consigo a abertura e o fortalecimento econômico de diversos eixos, que impulsionados pelo poderio burguês, apresentam 'controle' no crescimento horizontal, abrindo espaço para a renovação e verticalização de antigos setores já consolidados. A metrópole torna-se um ambiente 'polinucleado', este processo de descentralização ocorre de maneira muito mais complexa do que a simples criação de centros secundários.

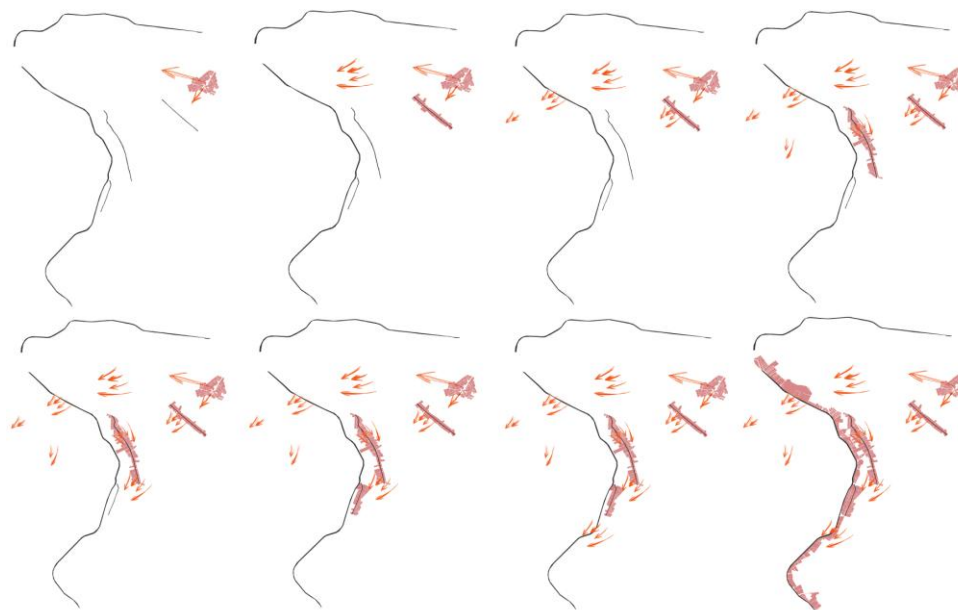
Os novos 'centros' cada vez mais atingem características metropolitanas. Responsáveis por unir os elementos de maior representatividade econômica para a metrópole são capazes também de atrair todos os problemas e sensações inerentes a seu porte e formulação urbana. A metrópole torna-se um ambiente rizomático, onde as relações deixam a formalidade e racionalidade, a caminho da virtualidade e globalização de seus ambientes/arquitetura.



MANCHA DO PROCESSO DE VERTICALIZAÇÃO EM SÃO PAULO_
PERÍODOS ESTABELECIDOS.

Mapa esquemático demonstrando a evolução do processo de verticalização conforme períodos. Desenho realizado com bases nos estudos de SOMEKH.

Voltando as questões de seu deslocamento espacial, o desenvolvimento metropolitano inicialmente segue uma tendência de expansão rumo à porção Oeste de São Paulo. Com a formalização e consagração da região central, a elite Paulistana passa a se deslocar rumo ao vetor Oeste, nova zona elitista, formulada por bairros como Perdizes, Pacaembú, alto de Pinheiros, Morumbi. Não diferente aos usos residenciais, os usos comerciais seguem a mesma tendência de deslocamento, dando desta forma suporte as porções residenciais. Paulista e Faria Lima, seguem esta lógica desenvolvimentista, instalando-se em áreas predominantemente elitistas. Ao contrário destas, Pinheiros e Berrini instalam-se em áreas pouco atrativas ao mercado imobiliário. Assim, rumando ao vetor sudoeste, a nova frente desenvolvimentista ao contrário das anteriores, instalam-se em áreas pouco atrativas, transformando a paisagem, elitizando seus usos, removendo suas antigas feições e usuários.



DESLOCAMENTO DAS ÁREAS ELITISTAS NO TERRITÓRIO DA
METRÓPOLE PAULISTANA_ PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE OS ANOS
50 ATÉ OS DIAS ATUAIS

Mapa esquemático demonstrando o deslocamento dos eixos ao longo do desenvolvimento do território metropolitano.
Desenho realizado por Taís Schiavon.

ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO PAULISTANO

A crescente verticalização iniciada nos anos 30, não veio acompanhada de melhorias em sua infra-estrutura urbana. Os problemas em questões como a mobilidade urbana e a continuidade do funcionamento da metrópole tornam-se latentes e cruciais no processo de transição da década de 30 para a década de 40.

Inserido em todo este contexto, começa a ser formalizado entre o final dos anos 1927 e início de 1930, o Plano de Avenidas, estudo realizado por Francisco Prestes Maia com influências e colaborações do engenheiro municipal João Florence de Ulhôa Cintra.

Considerado o documento crucial do urbanismo brasileiro, o Plano de Avenidas seria o grande responsável por definir os padrões de expansão paulistana que prevaleceram até os anos de 1990. Ostenta este título por se tratar do primeiro estudo/momento onde a cidade é pensada como um todo. Neste projeto, as intervenções espaciais não priorizavam mais apenas a área central, já se pensava em todo o processo do crescimento urbano horizontal _ou *'urban sprawl'*_ encontrado no cenário paulistano, que aos poucos tendia para a verticalização, com

a inserção de mecanismos legislativos capazes de adensar as regiões de maior interesse econômico desenvolvimentista.

Com ênfase inicial voltado às soluções viárias, seu plano ressalta, o 'perímetro de irradiação', composto basicamente de um circuito formado de novas e amplas avenidas e viadutos, localizadas em torno do triângulo histórico e de uma nova centralidade para a época, a região da Praça da República. Tal circuito seria o responsável por receber todo o fluxo das demais 'vias radiais', impedindo o congestionamento da região central.

As chamadas 'vias radiais' incluíam as avenidas já existentes, assim como outros novos eixos, que deveriam ser abertos com o intuito de desempenhar tal função. Eram ligadas não apenas pelo perímetro de irradiação, mas também aos dois circuitos perimetrais de suplementação interno e externo. Estes perímetros são a Avenida Paulista e as avenidas Marginais Tietê e Pinheiros, respectivamente, ambas concêntricas ao primeiro. A criação das avenidas marginais neste período tinha o intuito de receber e encaminhar todo o fluxo das regiões interioranas do Estado, canalizando-as nestes eixos, para a posterior dispersão nas demais artérias do complexo, ou redirecionamento às porções interioranas.

Além do ‘perímetro de irradiação’, outro sistema viário desenvolvido foi o chamado ‘sistema Y’, responsável por definir e orientar o crescimento de São Paulo. Era formulado por uma avenida, cuja função se diferenciava das demais radiais, seu desenho atravessaria o centro seguindo a direção norte-sul, bifurcando-se em mais duas avenidas localizadas no fundo de vale da vertente sul, estas avenidas são a Nove de Julho e a Vinte e Três de Maio.

Este sistema se consagra em São Paulo, orientando a partir de então a abertura de novas avenidas. O Plano de Avenidas é apenas o passo inicial para o processo de reformulação viária da capital. Posterior a este, diversos urbanistas surgirão, planos serão formulados para dar continuidade e suporte ao crescimento da máquina paulistana. Todos eles estarão descritos em um tópico a seguir, exemplificando e descrevendo melhor cada situação.

>>>>

Esquemas gerais propostos pelo Plano de Avenidas.
www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvicongresso/paineis/024236.pdf



A FORMULAÇÃO DA METRÓPOLE

A partir daqui, interessa-nos o entendimento da formulação da metrópole paulistana ocorrida a partir da sua estruturação pelos eixos descritos nesta pesquisa. Podemos afirmar que a transição destes, ocorre conforme o desenvolvimento de seu processo dinâmico de reestruturação, sendo cada um capaz de demonstrar uma fase do processo de modernização da metrópole.

Apresentando tais conformações, estes eixos tornam-se capazes de representar as formalizações iniciais das des_CONEXÕES urbanas, uma vez que cada um, representa uma forma de ruptura/transição na configuração da metrópole, seja esta responsável por representar fatores econômicos, morfológicos ou espaciais. Identificando tais rupturas, podemos iniciar a identificação das semelhanças e diferenças existentes entre os eixos, capazes de ilustrar as des_CONEXÕES urbanas.

Considerando períodos e semelhanças morfológicas e usuais podemos agrupar os eixos conforme a seguinte classificação: Centro e Paulista (metrópole moderna) Faria Lima (transição), Berrini e Pinheiros (metrópole pós-moderna).



Copan, fachada oposta à Avenida Ipiranga,
São Paulo.
Fotografia Taís Schiavon, Outubro de 2011.

CENTRO E PAULISTA (METRÓPOLE MODERNA)

Representa as alterações ocorridas na capital até a formalização da ‘metrópole moderna’, sendo seu período de transformações marcado principalmente pelos anos 50. Nestes eixos, os edifícios de uma maneira em geral tentam representar o uso misto na utilização das unidades verticalizadas, imprimindo aos mesmos uma dinâmica diferenciada, além de tentar solucionar os crescentes problemas referentes à habitação, já alarmantes neste período.

Apresentando a valorização da questão pública, os edifícios demonstram o intuito de fortalecer a horizontalidade num ambiente onde a verticalização começa a dominar a paisagem. Em muitos exemplares, a relação com a via _ espaço público por excelência _ ocorre de maneira direta, como no caso dos edifícios cujo programa múltiplo, destinava o térreo as atividades comerciais, como uma forma de extensão/ continuidade ao coletivo, garantindo assim a permeabilidade do eixo.

O uso residencial ainda se faz presente nestes ambientes, criando no espaço uma renovação mais lenta de sua paisagem, uma vez que esta utilização possibilita maior

permanência e resistência dos indivíduos em relação ao ambiente construído, suas alterações morfológicas e usuais.



Conjunto Nacional, Avenida Paulista, São Paulo.
Montagem Taís Schiavon, Outubro de 2011.

FARIA LIMA (TRANSIÇÃO)

Caracteriza-se como uma espécie de transição, uma vez que seus edifícios começam a apresentar uma lógica e formulação diferenciada dos eixos anteriores. Formulada por edifícios exclusivamente empresarias e de prestação de serviços _ícones da metrópole pós-moderna_, a antiga lógica dos edifícios começa a perder força, os prédios múltiplos de grande presença nos eixos anteriores começam a perder sua hegemonia. Com esta transição, a questão pública inicia seu processo de enfraquecimento, o eixo começa a fortalecer suas feições e características de *'strip'*, um ambiente indutor de passagem, não mais de permanência, os ideais da antiga metrópole moderna presentes em eixos como Paulista e Centro começam a se enfraquecer, a valorização do espaço público aos poucos perde sua força.

Colaborando com esta formalização da *'strip'*, o uso residencial, neste eixo passa a ser repellido da via principal, sendo deslocado para demais mediações. Esta transição aumenta ainda mais a tendência de reformulação e modernização do eixo.



Shopping- Center Iguatemi, Faria Lima, São Paulo.
Montagem Taís Schiavon, Outbro de 2011.

BERRINI E PINHEIROS (METRÓPOLE PÓS-MODERNA)

Trazem em sua configuração a metrópole pós-moderna, resultante do processo de reconfiguração urbana iniciada a partir dos anos 90, representando assim, as transformações atuais da paisagem. Os edifícios aqui presentes apresentam a anulação total das relações público x privadas contidas na formulação moderna. Na lógica pós-moderna, o edifício volta-se para seu interior em sua totalidade, incluindo sua própria fachada, que de maneira

geral passa a repelir o exterior por meio da reflexão, ocorrida por conta da artificialização do ambiente externo resultante de seu espelhamento, já dando início a uma nova categorização das des_COENXÕES urbanas.

Aqui a função empresarial ocorre por excelência, dividindo ambiente com edifícios de cultura e lazer, que de uma maneira em geral, também repelem a relação de permeabilidade com o ambiente público, ao contrário do que ocorria com a metrópole moderna, a exemplos como o MASP.

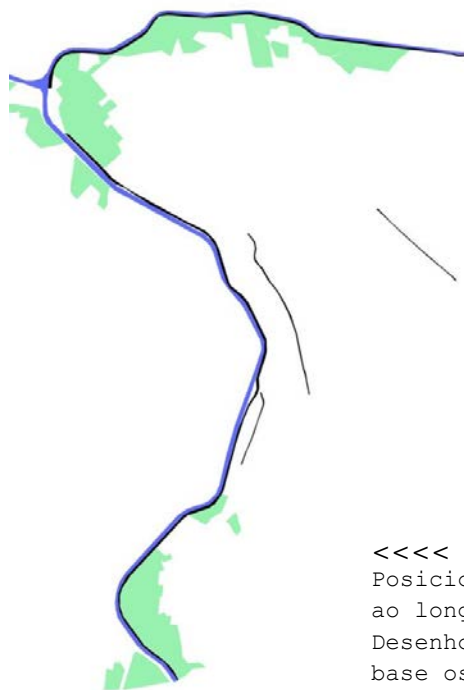
World Trade Center Brasileiro, Marginal Pinheiros, São Paulo.

Montagem Taís Schiavon, Outubro de 2011.



Centro Empresarial São Paulo, Marginal Pinheiros.
<http://www.centroempresarial.com.br/pt-br/o-complexo/historia.asp>

Ainda relacionado à Marginal Pinheiros, esta por conta de sua extensão, características geográficas e históricas, caracteriza-se como o único eixo ainda capaz de concentrar aglomerações industriais, que assim como em outras localidades, iniciam o processo de transição usual. Destinando-se às regiões metropolitanas do ABCD e interior paulista.



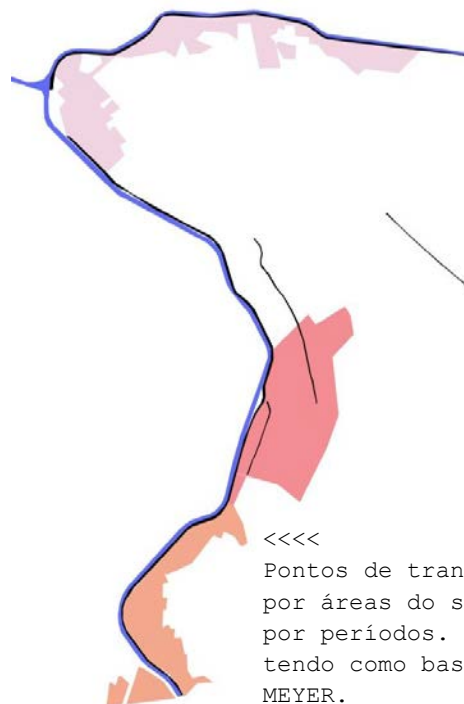
<<<<
Posicionamento industrial atual
ao longo da Marginal Pinheiros.
Desenho realizado tendo como
base os estudos de MEYER.

MANCHA CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL



sem escala definida

CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL ATUAL NA CIDADE DE SÃO PAULO. Fonte: MEYER, Regina Maria Prosperi, GROSTEIN, Marta Dora, BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrôple. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial, 2004, página 167
Utilização dos dados levantados com sobreposição ao mapa base da pesquisa em questão.



<<<<
Pontos de transição industrial
por áreas do setor terciário,
por períodos. Desenho realizado
tendo como base os estudos de
MEYER.

CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL ZONA SUL
CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL ZONA OESTE
VILA OLÍMPIA



sem escala definida

ÁREAS INDUSTRIAIS EM TRANSFORMAÇÃO. Fonte: MEYER, Regina Maria Prosperi, GROSTEIN, Marta Dora, BIDERMAN, Ciro. São Paulo Metrôple. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial, 2004, página 168.
Utilização dos dados levantados com sobreposição ao mapa base da pesquisa em questão.

PAISAGENS DA METRÓPOLE

Exemplificadas questões capazes de caracterizar os eixos de atuação desta pesquisa, exemplificamos as fases iniciais das des_CONEXÕES urbanas. Compreendendo desta maneira, como ocorrem as relações entre indivíduos e o meio construído. Partimos agora para a compreensão de alguns conceitos que envolvem as transformações morfológicas do cenário urbano pós-moderno, demonstrando as demais formalizações das des_CONEXÕES urbanas.

Considerando a cidade um ambiente múltiplo, nela nos encontramos sempre a procura de uma saída. Agindo como um labirinto dinâmico, os aglomerados urbanos apresentam-se formulados não apenas com uma única centralidade, uma única saída, mas sim através de infinitas possibilidades, marcadas por certa formalização de seu uso e desorientação de seu espaço, gerando o desvendamento de seu ambiente de maneira investigativa.

Induzindo diversas centralidades, caminhos e formulações, as cidades pós-modernas expressam ambientes passíveis de junção, conexão. Estes denominados de Espaços Limiares por ZUKIN possuem a característica de promover a mutação/transformação do ambiente, assim sendo, na limiaridade, encontramos também o hiperespaço, descrito

por JAMESON⁸, como sendo a última forma de mutação, virtualização do ambiente, local onde o pós-modernismo, finalmente consegue ultrapassar a capacidade do corpo humano de se localizar e organizar perceptivamente o espaço circundante, ou seja, transcende a capacidade cognitiva do ser humano de mapear sua real posição no ambiente construído.

Construindo ambientes virtuais, nos encontros das fragmentações de seus edifícios, as cidades contemporâneas lidam com espaços heterótipos, ambientes reais e únicos, capazes de coexistir com a artificialidade, justapondo diferentes espaços entre si, possuindo assim, uma quantidade diversificada de camadas e relações significativas entre os elementos deste ambiente, perceptíveis gradualmente ao se percorrer os ambientes em que exerce sua influência, do que imediatamente olho a olho.

Para FOUCAULT⁹ tais ambientes representam a aproximação da paisagem a uma utopia, uma espécie de

⁸ JAMESON, Frederic. Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. Rio de Janeiro, Editora Ática, 1996.

⁹ FOUCAULT, Michael. "Outros Espaços", in: Ditos e Escritos III- Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ambiente paralelo dotado de corpos indesejáveis com o intuito de tornar possível um espaço utópico verdadeiro.

Uma das aplicações do conceito de heterotopia baseia-se no comportamento dos objetos através de sua reflexão no espelho. FOUCAULT afirma ser o espelho capaz de criar experiências mistas entre as utopias, pois considera o espelho um lugar sem lugar, uma vez que através da reflexão das imagens projetadas por meio de sua superfície, torna-se capaz de criar um ambiente, um cenário delimitado, porém pertencente ao mundo virtual, formulando assim a “utopia do espelho”.

Nas des_CONEXÕES urbanas presentes nas cidades contemporâneas, a “utopia do espelho” mostra-se na reflexão dos edifícios, realizada por meio dos edifícios, total ou parcialmente espelhados. Refletindo e formulando um novo espaço, uma realidade à sua frente de maneira artificial, seja pela fragmentação desta realidade, ou até mesmo através de sua planificação e congelamento decorrente da reflexão.

>>>>

Ambiente da ilusão, espaço real refletindo o
ambiente virtual.

Avenida Paulista, São Paulo.

Fotografia de Taís Schiavon, Outubro de 2011.



Através de seus princípios, a heterotopia possibilita a inicial compreensão e identificação de algumas das possibilidades de manifestação das des_CONEXÕES urbanas no cenário pós-moderno. Entre eles, a possibilidade de sobrepor em um único lugar real, vários espaços, incomparáveis em si, resultado do processo de metropolização e congestão de sua paisagem.

Resumindo, sua função em relação a todo o espaço circundante, divide-se na dualidade entre a criação de um espaço caracterizado pela ilusão, capaz de expor todo o espaço real; assim como também, a possibilidade de criação de um espaço real passível de perfeição, meticulosidade e organização, contrários à atualidade, sendo desta forma uma compensação.

Finalizada esta etapa, torna-se possível a compreensão do processo de metropolização e todos os conceitos que a envolvem na cidade de São Paulo, tendo clara a análise das des_CONEXÕES urbanas, que ocorrem não apenas em nível da conurbação dos edifícios, assim como na renovação e reformulação dos ambientes, sobreposição de funções, entre outras características capazes de recodificar, estruturalmente e virtualmente as novas paisagens urbanas, formuladas a partir do processo de modernização das cidades.

“AS CIDADES SÃO PAISAGENS CONTEMPORÂNEAS.”

(PEIXOTO, NELSON BRISSAG. PAISAGENS URBANAS. EDITORA SENAC SÃO PAULO, EDITORA MARCA D'ÁGUA SÃO PAULO, 1996, PÁGINA 10)

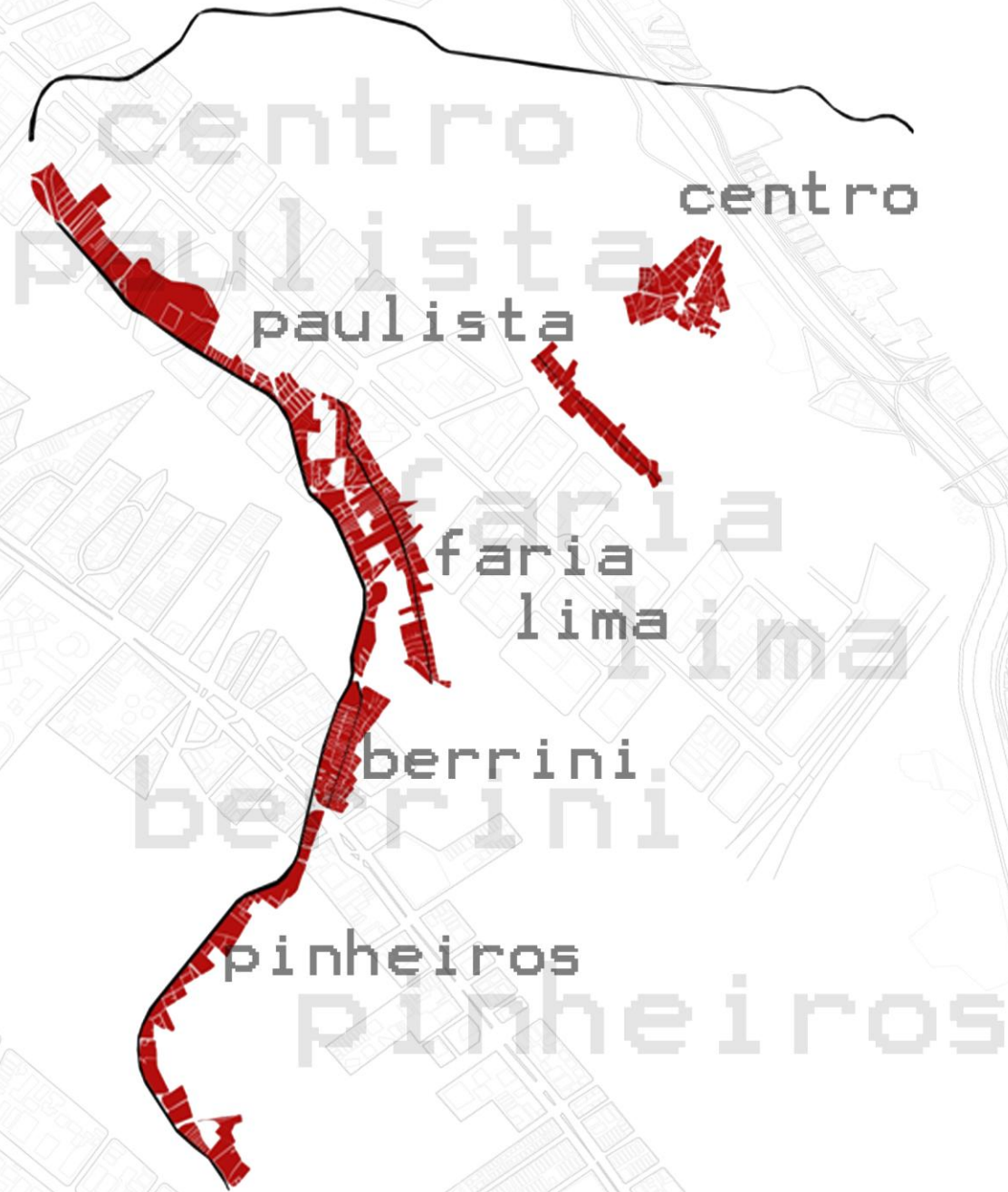


Ambiente da ilusão, espaço real refletindo o ambiente virtual = casa de espelhos.
Centro, São Paulo.

Fotografia de Taís Schiavon, Outubro de 2011.

DESENVOLVIMENTO DOS EIXOS

— "STRIPS" — PAULISTANAS



Tendo seu desenvolvimento econômico estruturado a partir de eixos, a paisagem de São Paulo vê sua formulação reconfigurar-se a cada transição. Os pontos de interesse a esta pesquisa envolvem as questões quanto à sua formulação, transformação, usos e interferências, ambos descritos e ilustrados a seguir.

Toda esta transição, e conseqüentes transformações representam formas de ‘des_CONEXÕES urbanas’, uma vez que são responsáveis por gerar quebras, não somente no que dizem respeito às questões econômicas, mas acima de tudo drásticas alterações nas questões referentes à sua organização espacial.

Inicialmente mesclando usos residenciais e empresariais, de uma forma geral, os eixos pouco a pouco repelem as moradias de seu centro principal, deixando esta função para as demais vias próximas, em troca, a verticalização destina-se agora, às construções compostas por inúmeras salas de grandiosas dimensões destinadas a empresas, instituições financeiras, grandes lojas e as mais diversas formas de empreendimentos. Com o tempo, cada eixo passa a representar símbolos peculiares, conforme situações ali estabelecidas.

Considerar os quatro eixos em questão como ‘strips’, faixas de caráter predominante empresarial ou comercial, também incluiu apontar que entre estes, existem pontos capazes de diferenciá-los. Distinções decorrentes do período em que se formulam ou também devido ao seu posicionamento geográfico, estas representadas pela presença equipamentos e relações entre os edifícios e seu eixo diversificadas, criando distintas formulações na paisagem contemporânea.

Envolvendo eixos que priorizam a relação com o público até ambientes capazes de repelir tais formulações, os ambientes das des_CONEXÕES urbanas incluem diversificadas formas de adensamento, formalizações de recuos e recursos oferecidos por cada região, apresentando-se por diferenciadas formalizações arquitetônicas, representando períodos econômicos e tendências globais, formalizados a sua maneira em cada ‘strip’.

Compondo tais des_CONEXÕES, diversos aspectos nos tipos de formalizações urbanas serão analisados e levantados a seguir.

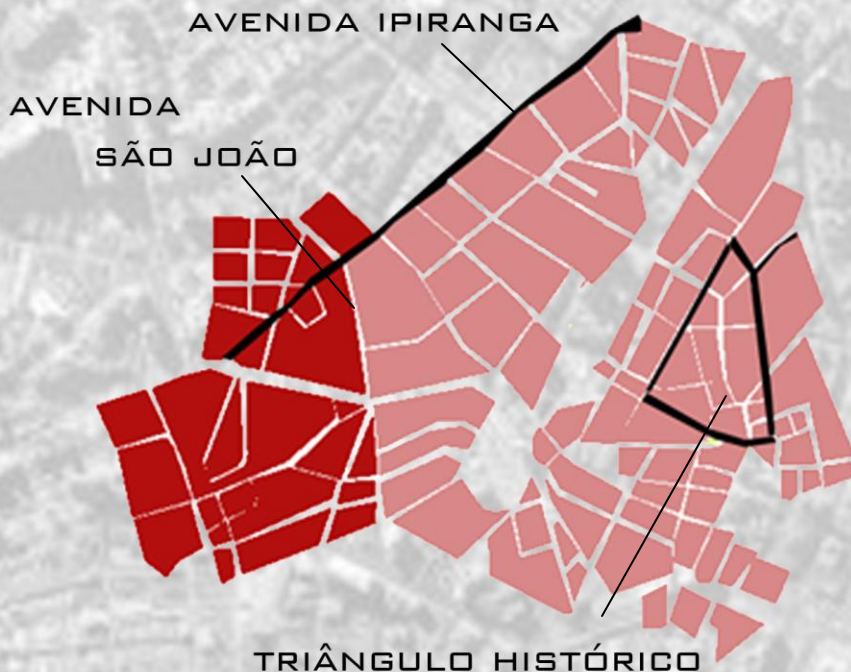
CENTRO VELHO / CENTRO NOVO

EMBRIÃO DO DESENVOLVIMENTO



CENTRO VELHO

CENTRO NOVO



A descrição tem início com a região central, pelo simples motivo de ser este o ponto de partida de todo o processo de desenvolvimento da cidade de São Paulo. Compreendendo uma macro-região, diferentemente dos demais eixos, não se caracteriza como uma 'strip', em decorrência de sua formulação, uma vez que não abrange apenas um eixo em si, mas um conjunto de ruas e estruturas capazes de proporcionar sua estruturação econômica e adensamento.

Toda esta massa urbana formula-se também, a partir do desenvolvimento de eixos representativos, que com a estagnação e conseqüente transferência do setor econômico, perdem sua força. Sendo ainda capazes de manter seus símbolos, mesmo que sem a mesma imponência de outrora. São por tanto, consideradas neste estudo por representarem um período anterior e precursor à estruturação econômica rizomática da metrópole, composta por suas diversas centralidades, ambas conectadas entre si por meio de eixos auxiliares.

<<<<

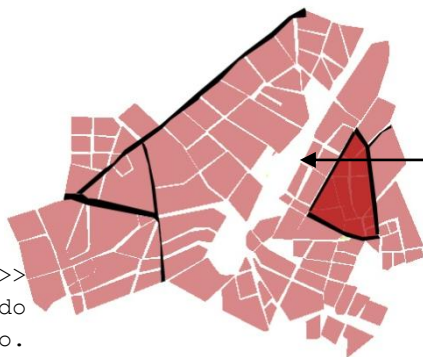
Demarcação envolvendo porções centrais de São Paulo, compreendidas pelo centro velho _em formulação até os anos 40_ e centro novo _em formulação até os anos 60/70_

Montagem Taís Schiavon.



Desenho esquemático porção central de São Paulo,
por volta de 1827

Fonte: SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o
Urbanismo Modernizador, 1997.



>>>>
Demarcação do
Triângulo Histórico.
Montagem Taís Schiavon

Ainda sob o regime oligárquico a porção central inicia seu programa de modernização urbana, concentrada principalmente na região do triângulo histórico. Na década de 20, assume sua nova fisionomia como “capital do café”, tendo como formulação física uma cidade de ares europeus.

Com o contínuo desenvolvimento econômico e expansão da Capital, os antigos valores europeus e o modelo urbanístico encontrados na cidade começam a ser questionados. A região central da cidade é então o palco das grandes transformações, assim sendo, é a primeira região a sofrer transformações com o processo de metropolização paulistana, que dava seus primeiros passos com o ciclo do café.

Parque do Anhangabaú.

Fonte: SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o
Urbanismo Modernizador.



>>>>

Sobreposição edifícios Pateo do Collegio,
Centro São Paulo.
Fotografia Taís Schiavon, 2007.

Skyline de São Paulo nos anos 40.
Fonte: SOMEKH, Nadia. *A Cidade Vertical e o*
Urbanismo Modernizador, 1997.



>>>>

Centro de São Paulo
com edifício
Martinelli ao fundo
em reforma.
Fonte: SOMEKH,
Nadia. *A Cidade*
Vertical e o
Urbanismo
Modernizador, 1997.



Sendo uma região cujo processo de adensamento e congestão apresenta-se consolidado, a porção referente ao centro velho insere-se em um contexto formulado por diversos períodos históricos e anseios de renovação de sua paisagem, distintos entre si, conferindo uma enorme variedade em tipologias e formalizações construtivas, representando assim uma enorme diversidade em estilos, resultado das influências exercidas em cada fase do de seu crescimento, diferenciando a formulação da paisagem.

des_ **CONEXÕES** urbanas [61]



verticalização ADENSAMENTO ELEMENTOS MODERNIZADORES ARRANHA-CÉU viadutos

Centro Velho, meados dos anos 40.
Fonte: www.webluxo.com.br/noticias/morar_em_sao_paulo_1930.

Libero Badaró e Praça do Patriarca, anos 30.
Atenção para as transições construtivas.
Fonte: SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador, 1997.



40_50 anos

“A FISIONOMIA EUROPÉIA QUE CARACTERIZAVA A METRÓPOLE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DESTES SÉCULO SERIA TRANSFORMADA POR ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS E URBANÍSTICOS TRANSPLANTADOS DAS MODERNAS CIDADES NORTE-AMERICANAS. ESTES TRARIAM PARA A CIDADE NOVOS ARES, CONFERINDO UM NOVO SLOGAN- ‘A CHICAGO NORTE-AMERICANA’-, GRAÇAS NÃO APENAS AO SEU DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, MAS TAMBÉM A SEU GIGANTISMO.”

(LIMENA, MARIA MARGARIDA CAVALCANTI. AVENIDA PAULISTA: IMAGENS DA METRÓPOLE. SÃO PAULO. EDUC, 1996, PÁGINAS 80 E 81)

Aqui nos interessa principalmente o desenvolvimento ocorrido na transição entre os anos 40 e 50, momento em que São Paulo apresenta consideráveis índices de expansão econômica e crescente necessidade de modernização de sua paisagem. Aqui o processo de verticalização, símbolo da metrópole, torna-se o grande responsável por reconfigurar a paisagem paulistana.

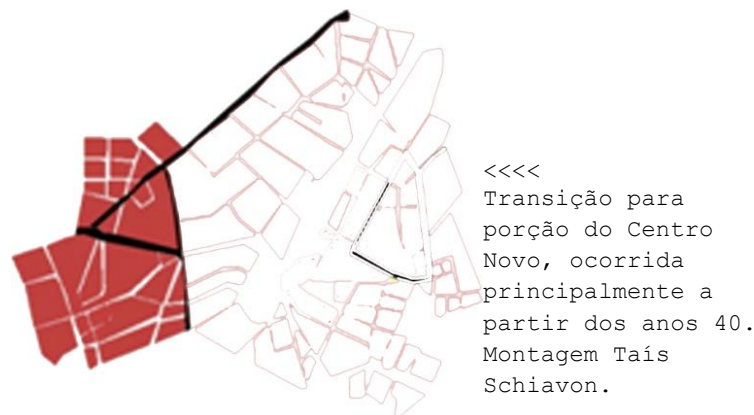
É por tanto, entre os anos 40 e 50, que a região do centro novo, principalmente a porção próxima à Praça da República, passa por sua reestruturação. O eixo econômico se desloca da porção do triângulo histórico para esta nova região a ser adensada. Vários edifícios são construídos, formulando um cenário heterogêneo, diferenciado das demais regiões, composto por prédios de variadas formas e volumes.

Edifícios como Copan, Itália, Metrópole, Louvre, entre outros, representam o novo ideal para a cidade de São Paulo, que mesmo contendo interferências modernas e norte-americanas, inicia o desenvolvimento de um desenho capaz de caracterizar a arquitetura paulistana. Tais edifícios tornam-se marcos não apenas por seu estilo arquitetônico próprio, mas também, por representarem usos específicos em relação aos demais construídos até então, mesclando o uso comercial ao residencial, além de *layouts*

diferenciados em um mesmo prédio, recursos pouco utilizados até então.

A classe média será privilegiada neste período, uma vez que a verticalização tenta amenizar o déficit habitacional e dar fim as formas precárias de viver, aumentando a qualidade de vida dos habitantes da metrópole.

Considerando para a análise a porção compreendida pelos eixos Ipiranga, São João e Consolação, conjuntamente com os demais eixos de seu entorno, caracterizam o desenvolvimento econômico e urbano de São Paulo até os anos 50, momento onde a cidade intitula-se como uma metrópole moderna, além de representar o último estágio de desenvolvimento e reestruturação de toda a porção central.



As comemorações e empreendimentos lançados envolvendo IV centenário trazem consigo a crescente necessidade de unir áreas comerciais ao adensamento residencial, assim seus empreendimentos visam unificar estas características. Cumprindo este programa, edifícios Conjunto e Galeria tornam-se capazes de mesclar atividades/programas, garantindo continuidade ao desenvolvimento da região onde se instalam, representando verdadeiros equipamentos urbanos, capazes de reunir em um mesmo ambiente infinitos fragmentos anteriormente distribuídos no traçado urbano.



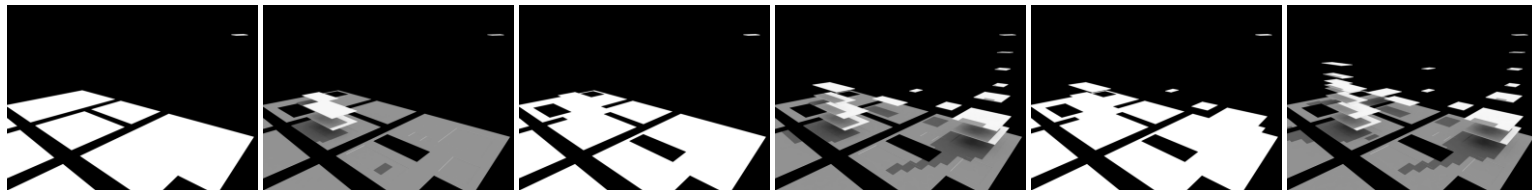
METROPOLIZAÇÃO =>
MODERNIZAÇÃO=>ADENSAMENTO=>VERTICALIZAÇÃO

Esquema ilustrativo do adensamento_congestão da porção central. Montagem Taís Schiavon

Mesclando conceitos teóricos do movimento moderno descritos por Le Corbusier, conjuntamente com a lógica adensamento/modernização pregada pela metropolização, tais empreendimentos são capazes de garantir o adensamento das regiões instaladas, agregando não apenas a utilização comercial e residencial, o uso cultural também se fazia presente, incluindo ao seu programa teatros e cinemas, garantindo permanência ao ambiente.

A verticalização metropolitana resgata conceitos modernos como a planta livre e o adensamento, adaptando estes ao mercado imobiliário, local. Ao contrário dos ambientes modernos, que utilizam o térreo como extensão do espaço público, sendo esta uma alternativa para valorizar a horizontalidade e a permeabilidade, contrastando desta forma com a verticalização; o adensamento dos anos 50 abandona a permeabilidade do plano horizontal, que agora passa a ser destinada a locação dos serviços. Estes equipamentos urbanos tentam trazer para dentro de si o espaço público.

Facelamento do território urbano_ adensamento do solo urbano.
Montagem Taís Schaivon.





TÉRREO

público

PERMEABILIDADE



PAVIMENTOS
TIPO

privado

PRIVACIDADE

edifícios
conjunto

edifícios
conjunto

Esquema demonstrando múltiplas funções dos
edifícios conjunto, no caso Copan.
Montagem Taís Schiavon

Apresentando configurações próximas umas das outras, em decorrência da 'conurbação', os edifícios adquirem a formulação de massa urbana. Resultando em diferentes formas _cenários urbanos_ alinhadas conforme o eixo inserido e o posicionamento do observador, tornando a paisagem capaz de se reformular constantemente.

Assim sendo o adensamento de caráter moderno da região central, não pode ser caracterizado como algo homogêneo, uma vez que os edifícios não respeitam as mesmas relações formais e usuais, resultado de diferentes formas de aproveitamento do terreno, seja em decorrência do projeto ou por imposições do zoneamento local.

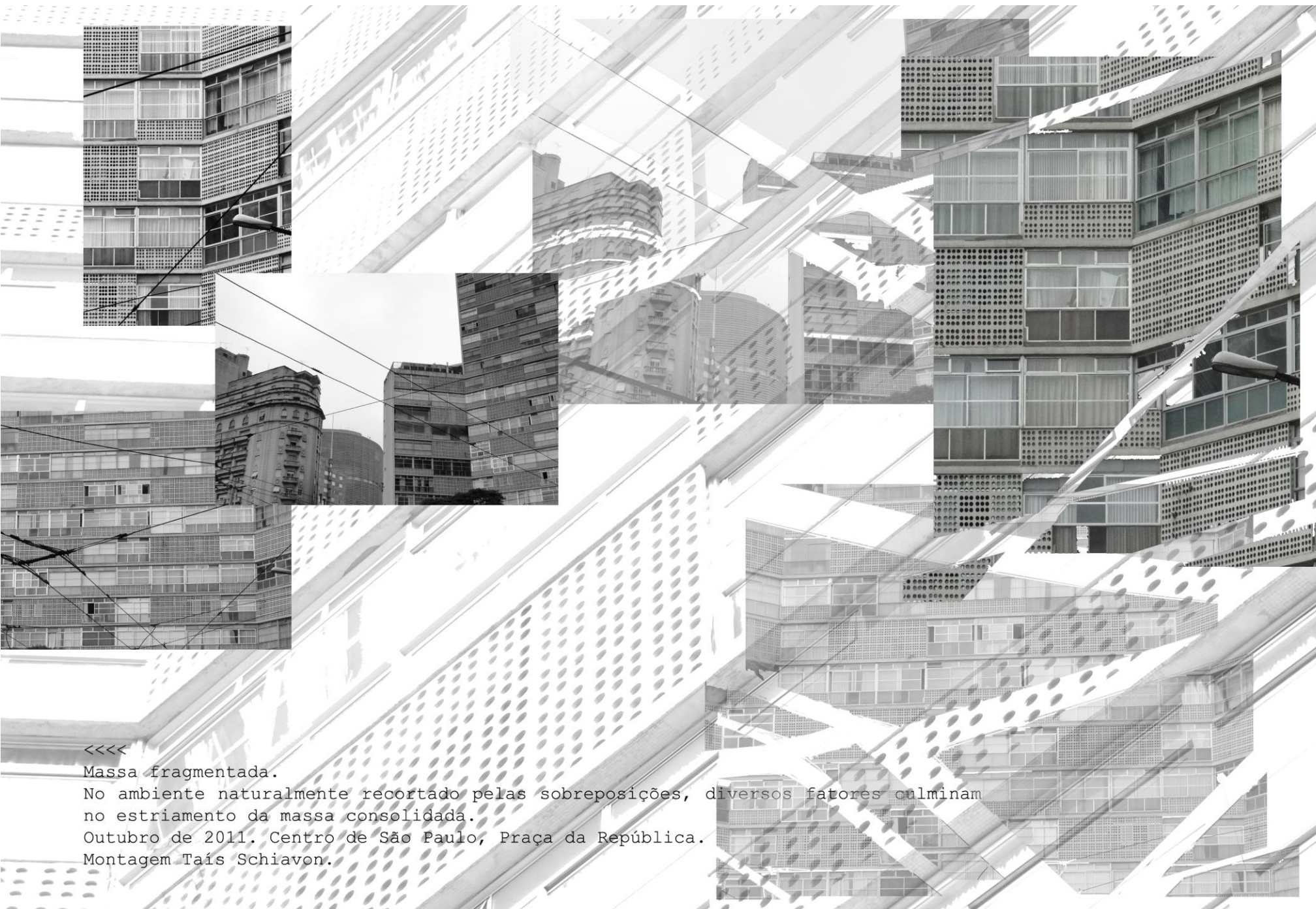
Sendo por tanto resultado da congestão de edifícios sobrepostos a um traçado irregular, a paisagem da região central apresenta sua fisionomia mesclando os fortes traços do modernismo_ símbolos da industrialização/modernização; atrelados a edifícios mais antigos, onde preocupações estéticas em torno de sua fachada representavam pouca importância, alterando desta forma estilos e épocas de influência.

Uma paisagem onde as composições artificiais formulam-se pela sobreposição de massas cinzentas, antigos símbolos, hoje muitas vezes esquecidos no tempo. A região central, anteriormente concentradora de recursos, e empreendimentos destinados ao comércio e vida da elite, passa agora por uma reestruturação tentando revitalizar seus

ambientes. Os antigos edifícios residenciais e galerias, símbolos de seu tempo, progresso econômico e arquitetônico, permanecem no cenário atual metropolitano como provas de todos os acontecimentos passados, levando seus usuários há um diário retorno histórico.

Praça da República _ sem data definida.
Fonte: SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o
Urbanismo Modernizador.





<<<<

Massa fragmentada.

No ambiente naturalmente recortado pelas sobreposições, diversos fatores culminam no estriamento da massa consolidada.

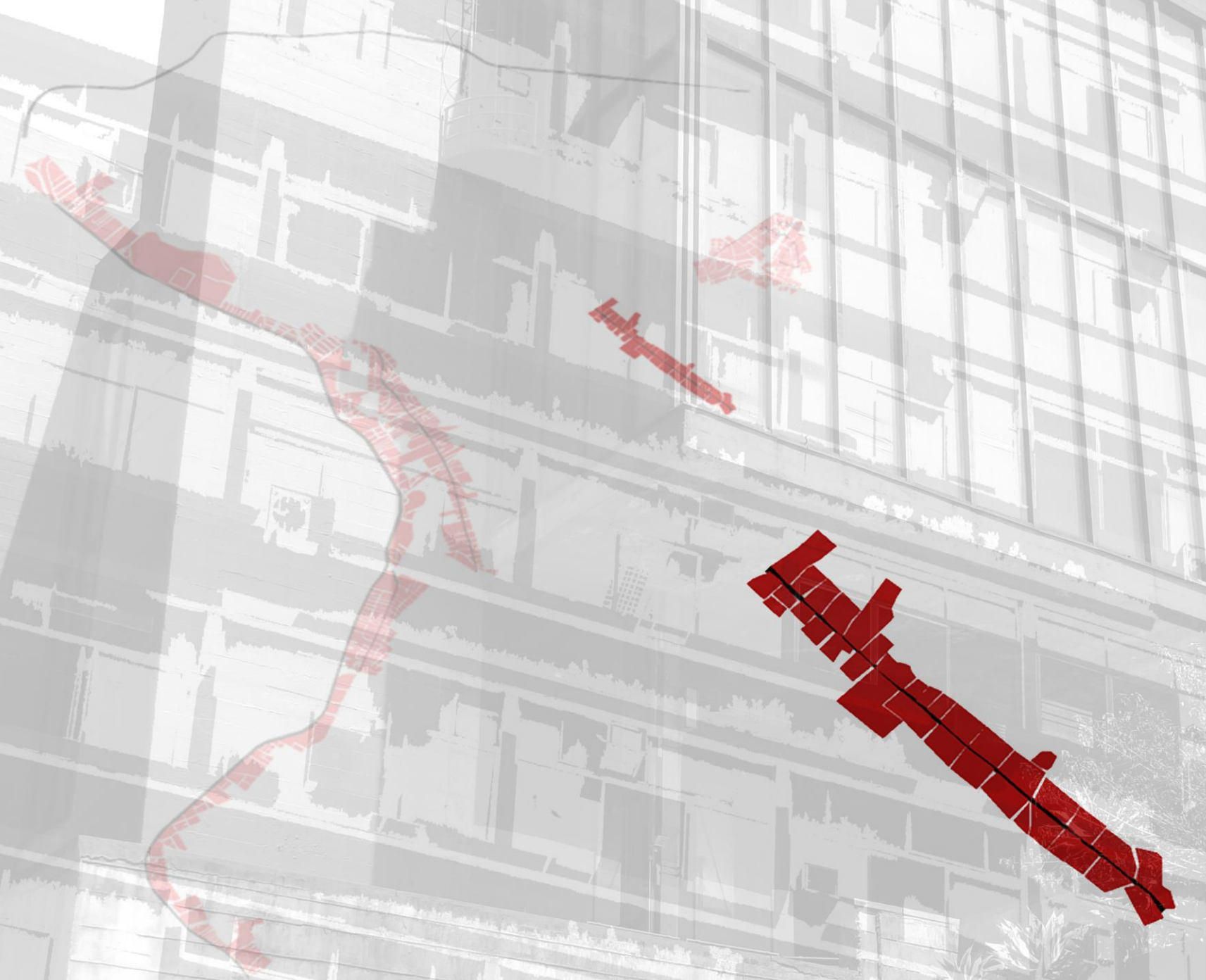
Outubro de 2011. Centro de São Paulo, Praça da República.

Montagem Tais Schiavon.



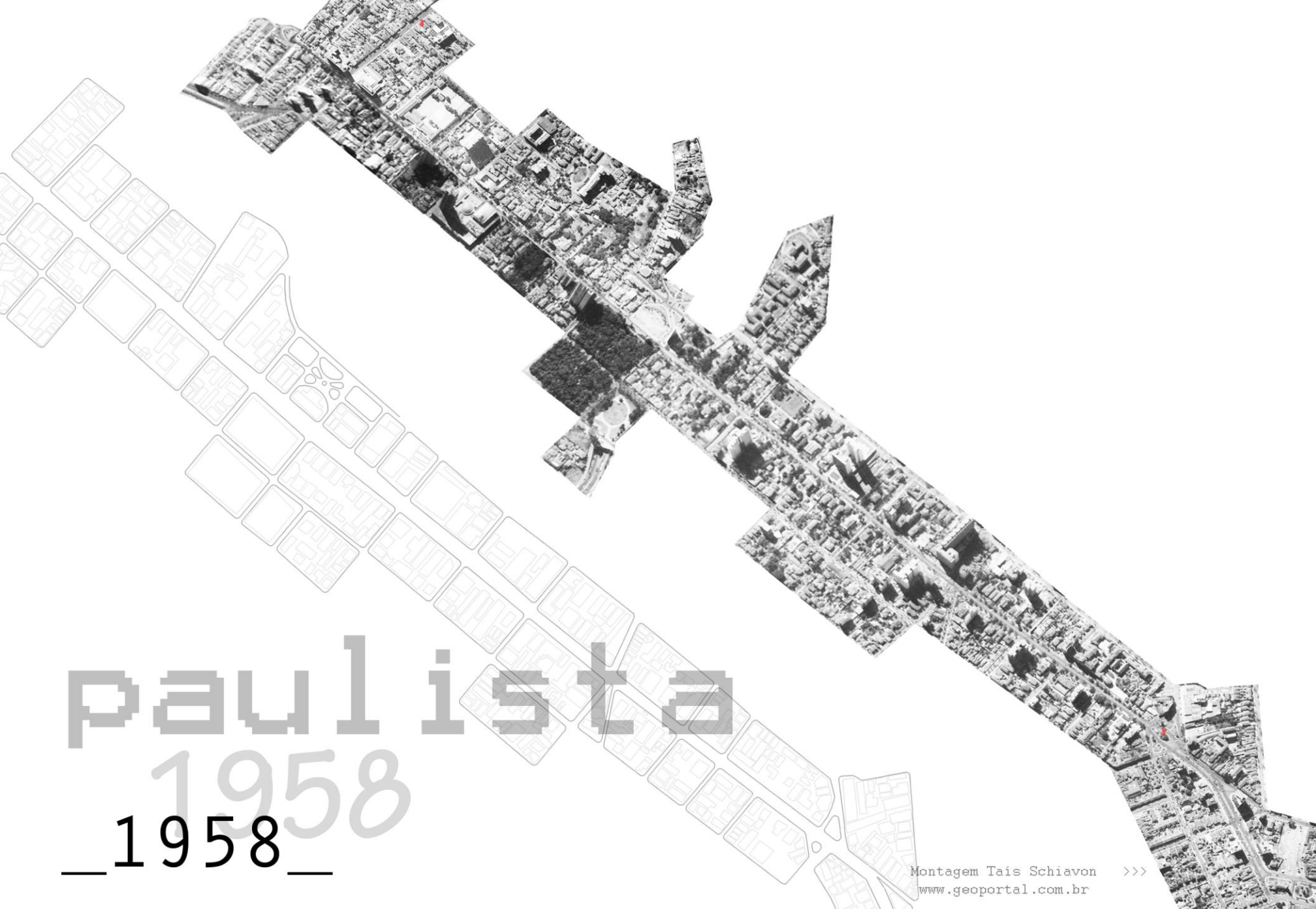
O ambiente urbano das cidades contemporâneas formula-se através da sobreposição de edifícios. Fragmentos de cada unidade unem-se criando a arquitetura da congestão, ambiente de sobreposição e artificialização da paisagem urbana.

cenários urbanos



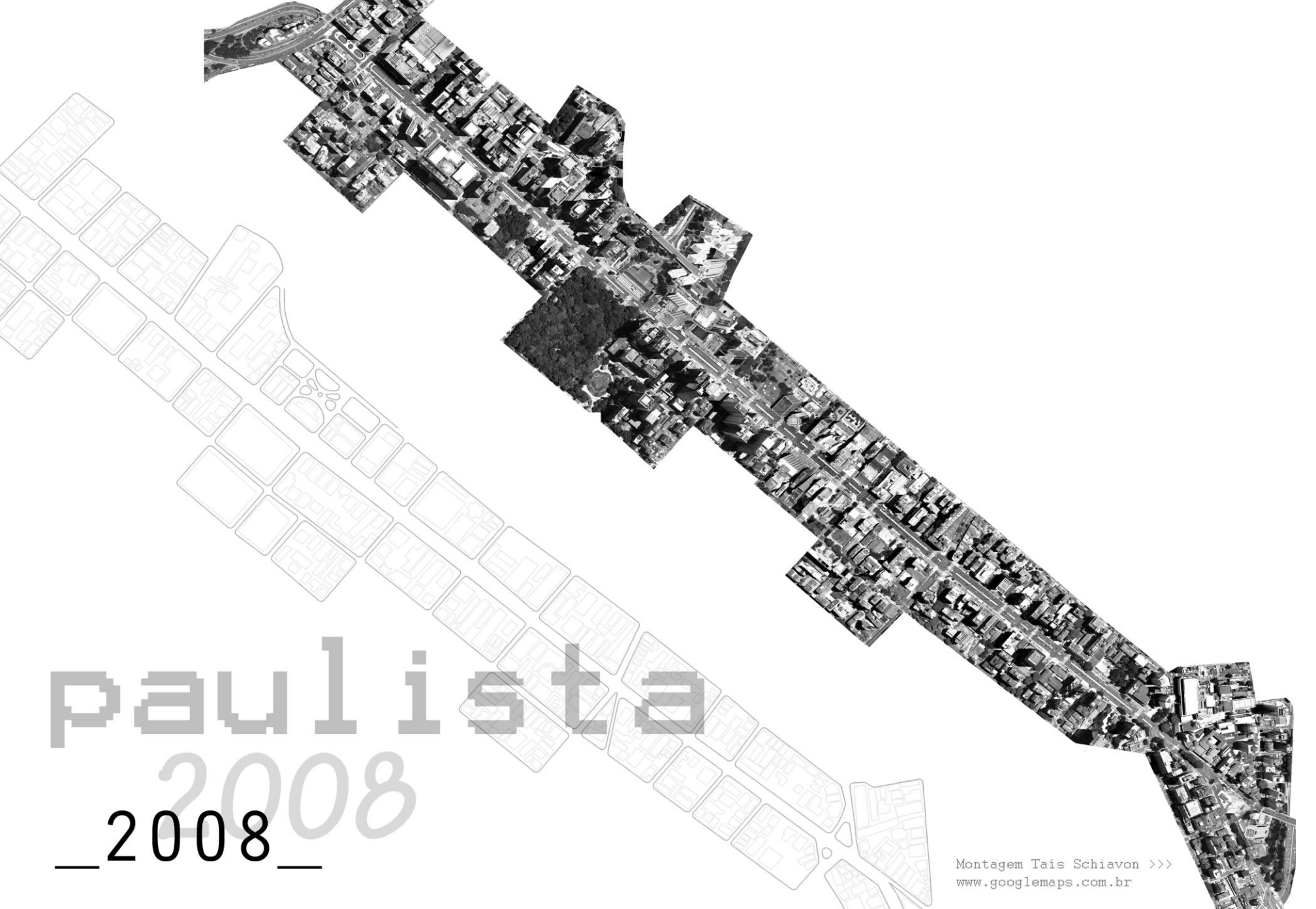
PAULISTA

SÍMBOLO DE TRANSFORMAÇÃO DA METRÓPOLE



paulista

1958



paulista

2008

Montagem Tais Schiavon >>>
www.googlemaps.com.br

Desde sua criação o eixo caracteriza-se por sua composição elitista. Confirmando este fato, uma Lei instituída em 1894, três anos após sua abertura, favorece a manutenção de suas características elitistas regulamentando o loteamento, para fins exclusivamente residenciais de alto padrão. No ano seguinte, são emitidos pela prefeitura municipal os primeiros alvarás autorizando a construção dos primeiros casarões do local.

Recebendo aos poucos construções e equipamentos importantes, em 1908 são realizadas as primeiras transformações em seu arruamento, obtendo seus passeios alargados. Dois anos mais tarde, em 1910, é construído um parque, trata-se do Belvedere Trianon, iniciando desta forma a modernização da Paulista.

Na década de 30, enquanto São Paulo ostentava o título de ser uma entre as cidades mundiais a apresentar os maiores índices de crescimento tanto a nível urbano quanto a nível econômico, restava à cidade a caracterização de todo este desenvolvimento, ou seja, a modificação dos padrões de seu *Skyline*.

Vistas do Belvedere do Trianon.

In: www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=284780



>>>>

Panorama do Trianon,
e o já construído Túnel da Avenida
Nove de Julho _ 1942.

In: [www.4shared.com/allimages/
ay3BF32/So_Paulo_antiga.html](http://www.4shared.com/allimages/ay3BF32/So_Paulo_antiga.html)

HISTÓRICO

Caracterizado como um eixo residencial, os moradores da Paulista resistiam aos novos modos de morar impostos pela lógica de adensamento decorrentes do processo de metropolização. Constatando esta resistência temos o fato de que ao mesmo tempo em que era entregue o primeiro edifício de apartamentos em Higienópolis, na Paulista era também construída a Casa das Rosas (1935).

Este quadro começa a se transformar somente em 1952, quando uma legislação municipal permite a construção e instalação de prédios institucionais e de serviços, passo inicial para o processo de transferência do *status* de centralidade econômico da porção central para esta região.

Mesmo com certa resistência a verticalização para fins residenciais, estes ocorrem. Mesmo em número reduzido, procuravam manter os mesmos padrões de luxo e conforto existentes nos antigos palacetes. Assim como nos antigos casarões, os edifícios também assumiriam a função emblemática, contextualizando todas as transformações que se processavam na cidade e seus habitantes.

Com o passar dos anos, os terrenos dos antigos casarões transformam-se em ambientes especulativos, uma operação lucrativa, que tinha no discurso da modernização a justificativa para a renovação desta paisagem.



<<<<

Antigo palacete de Von Bullk,
onde atualmente se encontra o
Edifício Paulicéia.

In: [saopauloantigo.blogspot.com/
2007_12_01_archive.html](http://saopauloantigo.blogspot.com/2007_12_01_archive.html)

des_ **CONEXÕES** urbanas [73]

Em 1956 é inaugurado um grande marco para a reestruturação do eixo, trata-se do Conjunto Nacional realizado por David Libeskind. Ocupando cem por cento do apresentava um programa complexo para a época. Tendo como proposta inicial a instalação de um hotel, e um conjunto contendo lojas, escritórios, restaurante, cinema, garagens e jardins suspensos. A integração entre a rua e o edifício era realizada pela existência de amplos corredores, no térreo, que interligavam o uso público ao interior do edifício.

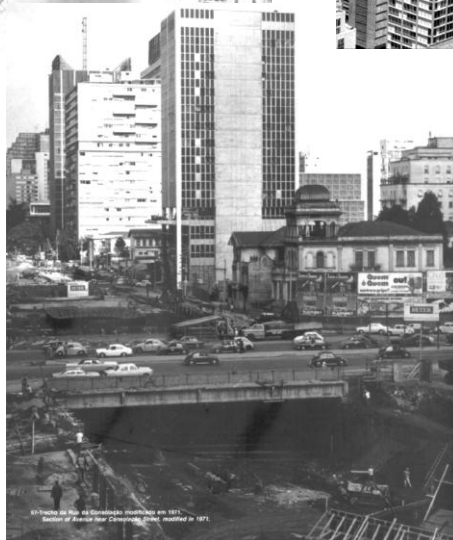
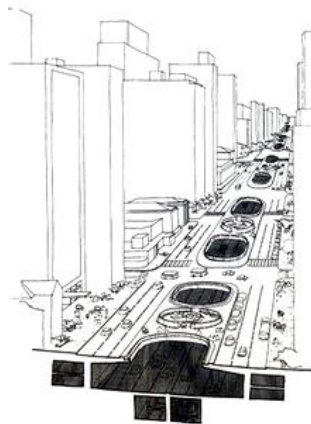


>>>>
Conjunto Nacional na década de 50 e
maquete de projeção do edifício.
In: www.skyscrapercity.com/showthread

Somente em 1962 é permitida a utilização da via para fins exclusivamente comerciais, possibilitando a instalação de lojas e empreendimentos neste setor. Além de alterações quanto aos seus usos, também se fazem necessárias novas transformações em sua infra-estrutura. Com o desenvolvimento do eixo, na gestão do prefeito Figueiredo Ferraz grandes alterações físicas foram realizadas, com o intuito de melhorar as condições de tráfego que pioravam ao passo que a verticalização atingia cada vez mais, maiores proporções.

Culturalmente falando, a Avenida ganha no ano de 1968, outro grande marco com a instalação do MASP- Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, trazendo desta maneira a arte para a *strip*.





Esquema do projeto
Nova Paulista e etapa de sua
construção_1973.
In: nadirmezerani.blogspot.com/2009_03_01_archive.html

Vista aérea da Avenida
Paulista, em 1978.
In: www.skyscrapercity.com/showthread

<<<<
Construção do "buraco" da avenida, em 1971.
In: www.skyscrapercity.com/showthread

_PROCESSOS DE
TRANSFORMAÇÃO_

des_ **CONEXÕES** urbanas [75]

CONFORMAÇÃO DO

EIXO

O eixo em questão insere-se nesta pesquisa por representar parte de todo o processo de desenvolvimento e transição econômica da metrópole São Paulo, dos anos 50 até os dias atuais.

Contendo características para sua classificação como *'strip'*, apresenta quanto à sua funcionalidade requisitos capazes de inseri-lo nesta categorização, uma vez que representa para a metrópole, grande símbolo de seu desenvolvimento econômico, funcionalmente ativo até os dias atuais.

>>>>

Montagem Avenida Paulista.
Taís Schiavon

Mapa temático demonstrando os usos: misto e residencial ao longo do eixo.

Taís Schiavon



AVENIDA PAULISTA

MISTO + RESIDENCIAL



O que o afasta de certa maneira à categorização de *'strip'* por excelência, é o fato de que alguns de seus equipamentos induzem a permanência, caso dos edifícios residenciais. Impondo tal comportamento distancia-se desta contextualização, uma vez que segundo VENTURI, a *'strip'* por excelência representaria passagem, ambientes exclusivos de consumo e geração de renda.

A existência de fortes características residenciais desde o início de sua formulação representa obstáculos quanto à transformação de sua paisagem, uma vez que os moradores do antigo eixo demonstravam resistências quanto às transformações, tanto a nível morfológico quanto a nível funcional, retardando desta maneira, todo o processo de renovação

Distribuído por todo o eixo, o uso residencial mescla espaços com os demais serviços prestados ao longo deste. Diferenciado muitas vezes por sua arquitetura, datada da transição da década de 40 e 50 em sua grande maioria, apresenta o modernismo como grande representante, impondo-se desta forma na atual paisagem, formulada por uma arquitetura voltada ao uso empresarial em sua grande maioria.

>>>>
Montagem demonstrando alguns dos exemplares residenciais ao longo do eixo.
Atenção às diferenças construtivas.
Montagem Taís Schiavon.

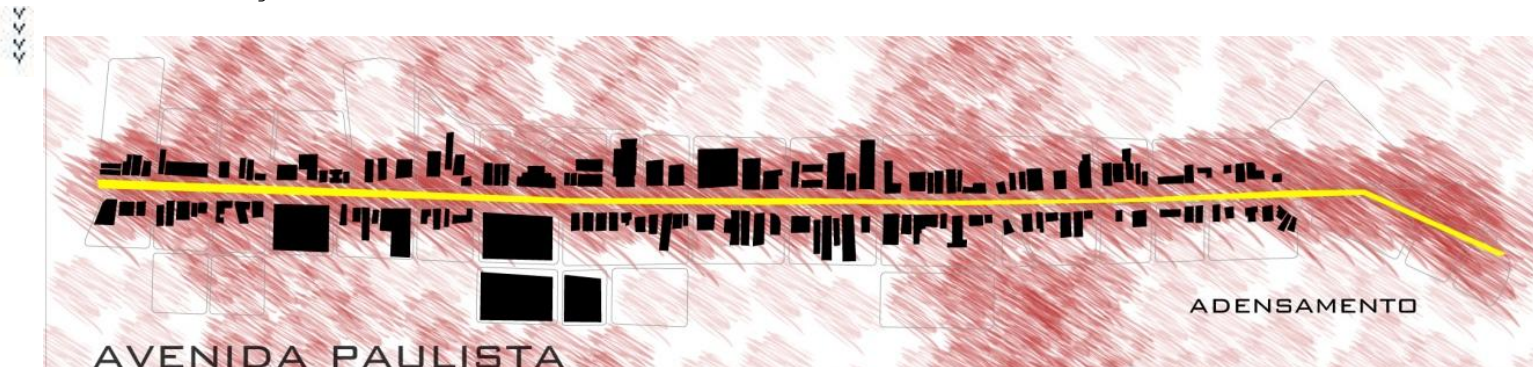
permanência
permanencia

Nos demais eixos do entorno, o uso residencial mostra-se com força ainda maior, garantindo desta forma o adensamento e verticalização de porções próximas ao eixo principal.

Outro uso marcante resume-se ao cultural, representando diversos ícones _símbolos_ culturais da metrópole, compostos de diferentes formulações arquitetônicas capazes de destacá-las neste cenário urbano.

Os equipamentos culturais resultantes do processo de metropolização, segundo JAMESON, representam a lógica cultural do capitalismo tardio, sendo assim, por trás de seu funcionamento e arquitetura imponente na paisagem, muitas vezes encontram-se grandes incorporações e empreendimentos, financiando seu funcionamento e prestação de serviços a um público consideravelmente seletivo.

Esquema demonstrando as áreas de maior adensamento ao longo do eixo e demais eixos de importância nas proximidades. Montagem Taís Schiavon.



CASA DAS ROSAS



>>>>



ITAÚ CULTURAL

Fotografias Outubro de 2011.
Montagem Taís Schiavon



MASP

Quanto ao vetor econômico, além dos setores comerciais e empresariais, sedes de importantes instituições financeiras nacionais e internacionais marcam a paisagem do eixo. Muitas destas sedes antes concentradas na porção central migram para Paulista devido à transferência do setor econômico para esta porção, transição já descrita anteriormente.

EIXO X EDIFÍCIO

De uma forma em geral, a relação dos edifícios e o eixo ocorre de maneira direta. Resultado do grande adensamento de toda a porção da Paulista, assim como das diversas obras de requalificação realizadas ao longo do seu desenvolvimento, que incluíam o alargamento de seu passeio público, característica esta que a diferencia das demais *'strips'*. Espaço público de excelência possui em apenas alguns pontos edifícios recuados, nestes a grande parte privatiza este recuo, através da execução de jardins contendo barreiras físicas e visuais repelindo desta maneira a utilização pública, tendo seu uso restrito apenas aos usuários do equipamento.

Comparando à morfologia da *'strip'* Las Vegas, entre os edifícios e o eixo, normalmente existe um grande recuo, espaço geralmente utilizado por estacionamentos, desvinculando totalmente a relação pedestre x eixo x edifício, relação oposta à existente na estruturação do eixo, vinculando ainda mais a tendência *_sensação_* de permanência, já citada acima.



<<<<

Feições do espaço público em frente ao Conjunto Nacional. Fotografias Outubro de 2011. Montagem Taís Schiavon



USO MISTO

BANCOS

RESIDENCIAL

ESTACIONAMENTO

AVENIDA PAULISTA

ÁREA VERDE

LAZER

ESCOLA

HOSPITAL

AVENIDA PAULISTA



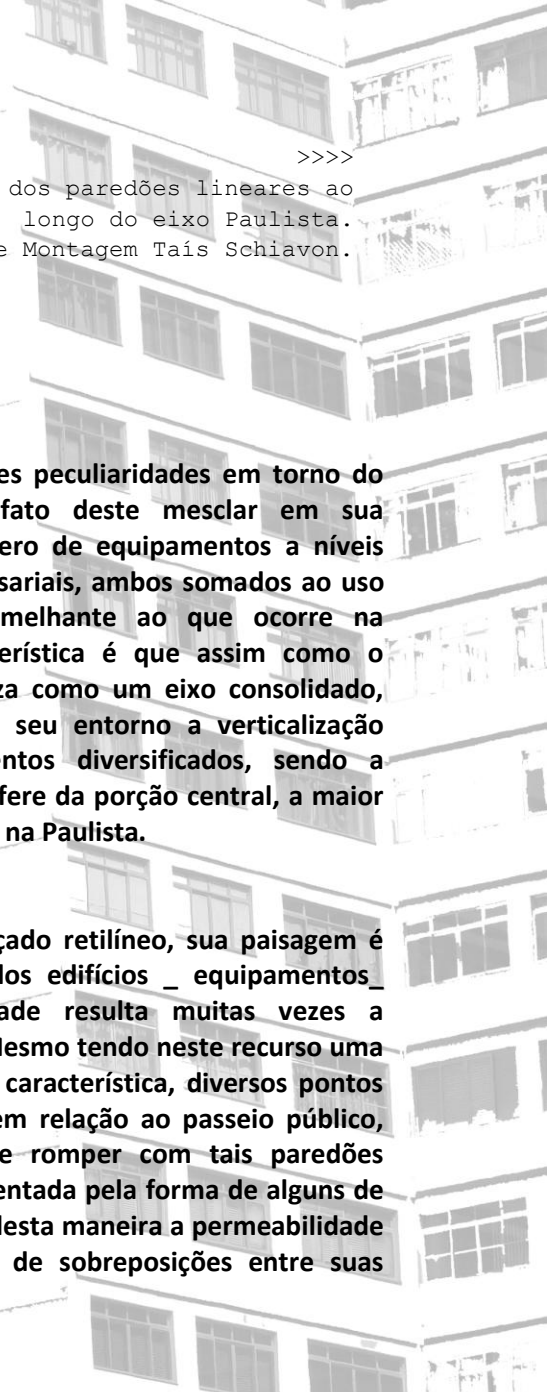
>>>>

Formalização dos paredões lineares ao longo do eixo Paulista.
Fotografias e Montagem Taís Schiavon.



Em resumo, as grandes peculiaridades em torno do eixo Paulista residem no fato deste mesclar em sua linearidade, um grande número de equipamentos a níveis culturais, comerciais e empresariais, ambos somados ao uso residencial, característica semelhante ao que ocorre na região central. Outra característica é que assim como o centro, também se caracteriza como um eixo consolidado, espalhando para as ruas de seu entorno a verticalização acompanhada de equipamentos diversificados, sendo a grande característica que a difere da porção central, a maior característica elitista presente na Paulista.

Por conta de seu traçado retilíneo, sua paisagem é marcada pela 'linearidade' dos edifícios _ equipamentos _ com o eixo. Esta linearidade resulta muitas vezes a formalização de 'paredões'. Mesmo tendo neste recurso uma forte marca, quebrando esta característica, diversos pontos possuem edifícios recuados em relação ao passeio público, outra característica capaz de romper com tais paredões resumem-se a variação apresentada pela forma de alguns de seus edifícios, possibilitando desta maneira a permeabilidade ao eixo além da ocorrência de sobreposições entre suas diversas camadas.



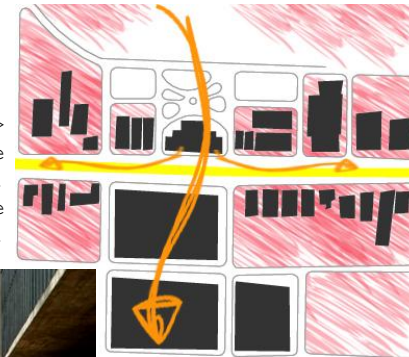
Dos pontos de permeabilidade existentes, o mais significativo é o vão do MASP, capaz de vencer com a horizontalidade de seu vão todo o processo de verticalização de seu entorno, recuperando desta maneira a horizontalidade da visão alcançada pelo modernismo, perdida na dinâmica da verticalização decorrente do processo de metropolização a partir dos anos 50.

Os edifícios em si também passam a perder sua permeabilidade, característica anteriormente marcante nos já citados edifícios conjunto e galeria. Voltados à utilização empresarial em sua grande maioria, os novos empreendimentos voltam seus usos e atenções aos diversos escritórios contidos em seu interior, excluindo a permeabilidade pública de outrora. Em especial, no caso da Paulista, esta permeabilidade ainda se faz presente pela grande quantidade de equipamentos culturais existentes, além de dois grandes edifícios conjuntos, sendo estes o Conjunto Nacional e Nações Unidas.

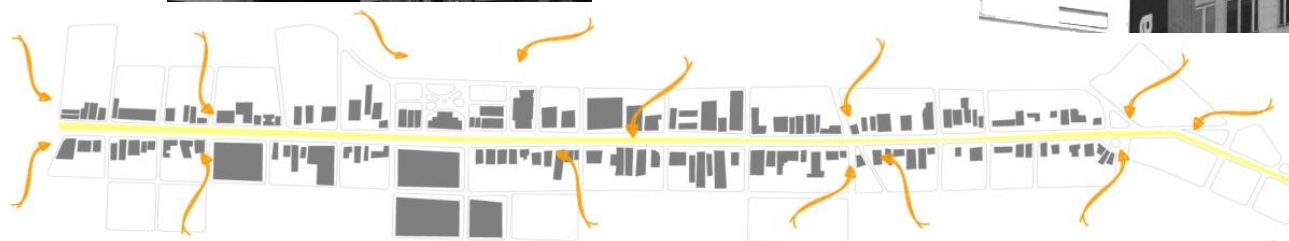


Permeabilidade em decorrência do vão do MASP.
Vista em direção ao eixo principal.
Avenida Paulista, Outubro de 2011.
Fotografia de Taís Schiavon.

>>>>
Permeabilidade
MASP.
Fotografia de
Taís Schiavon.



Permeabilidade em decorrência do vão do MASP. Vista oposta ao eixo principal.
Avenida Paulista, Outubro de 2011. Fotografia de Taís Schiavon.



AVENIDA PAULISTA

PONTOS DE SOBREPOSIÇÃO

Pontos de sobreposição Avenida Paulista.
Montagem Tais Schiavon.

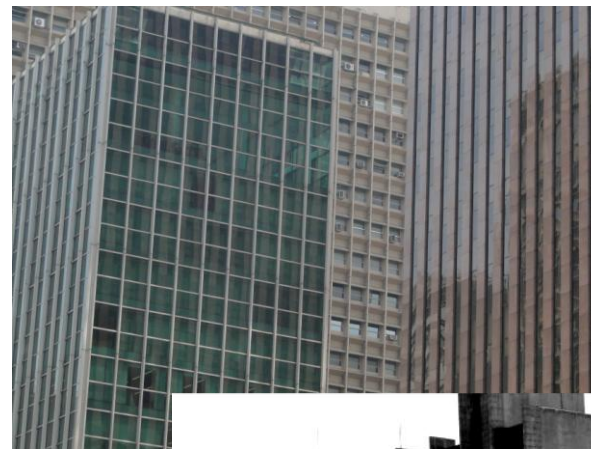


VIRTUALIDADE X EIXO

Dos outros pontos, sobreposições entre os diversos planos/camadas da paisagem, revelam diversos cenários urbanos. Diferenciadas paisagens virtuais formalizadas a cada passo do indivíduo, capazes de estriar e alisar o espaço urbano numa dinâmica constante.

Reforçando a questão de que os edifícios passam a repelir a questão pública de seu interior, podemos citar também o fenômeno da reflexão, presente nas fachadas espelhadas dos edifícios mais recentes do eixo, que ao contrário dos exemplares modernistas _em concreto armado_ repelem o mundo exterior, assim como seu próprio posicionamento no eixo.

Formaliza assim a virtualização da paisagem, um tipo de des_CONEXÃO urbana, resultado da projeção da imagem real por meio de espelhos. Uma espécie de heterotopia, que segundo FOUCAULT, torna-se responsável pela criação de “um lugar sem lugar”, ou seja, formalizam o lugar ocupado por este, um ambiente real, passível de se tornar irreal, virtual, através de sua reflexão. Com o espelhamento o edifício não revela sua essência, mas sim, virtualiza por meio da reflexão a suposta realidade de seu entorno.



Pontos de sobreposição ao longo do eixo Paulista, ambientes de predomínio do espaço liso, sendo o primeiro o ambiente heterótipo e o segundo a massa cinzenta.

Outubro de 2011. Fotografia de Taís Schiavon



paisagem
paisagem

fragmentada
fragmentado

reflexão
reflexão

<<<<

Outubro de 2011.

Fotografia Taís Schiavon



paisagem

PAISAGEM

diluída

DILUÍDA

Somadas as características resultantes da sobreposição e reflexão dos edifícios, temos como resultado a representação de um verdadeiro turbilhão de imagens e signos deste ambiente. Cenários diversificados capazes de transmitir inúmeros significados ao receptor presente nesta composição urbana. Um verdadeiro turbilhão de des_CONEXÕES urbanas, percebidas ao se deparar diariamente com o urbano.



forma

Outubro de 2011.

Fotografia Taís Schiavon

permeabilidade

ed. torre paulista



manifesta

cultura

intervensões

<<<<

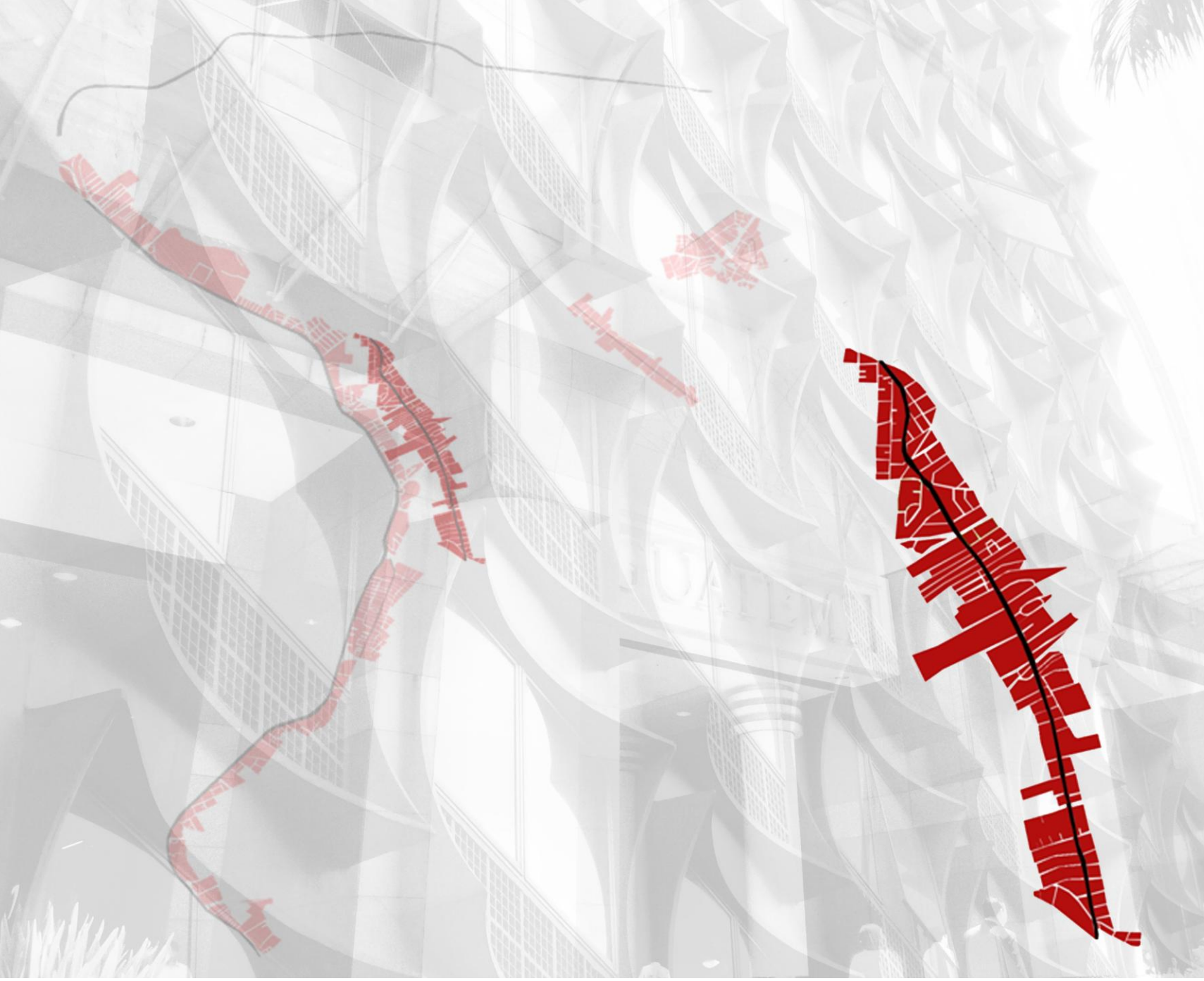
Outubro de 2011.

Fotografia Tais Schiavon

masp



reflexão



FARIA LIMA —

PROCESSO DE TRANSIÇÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS

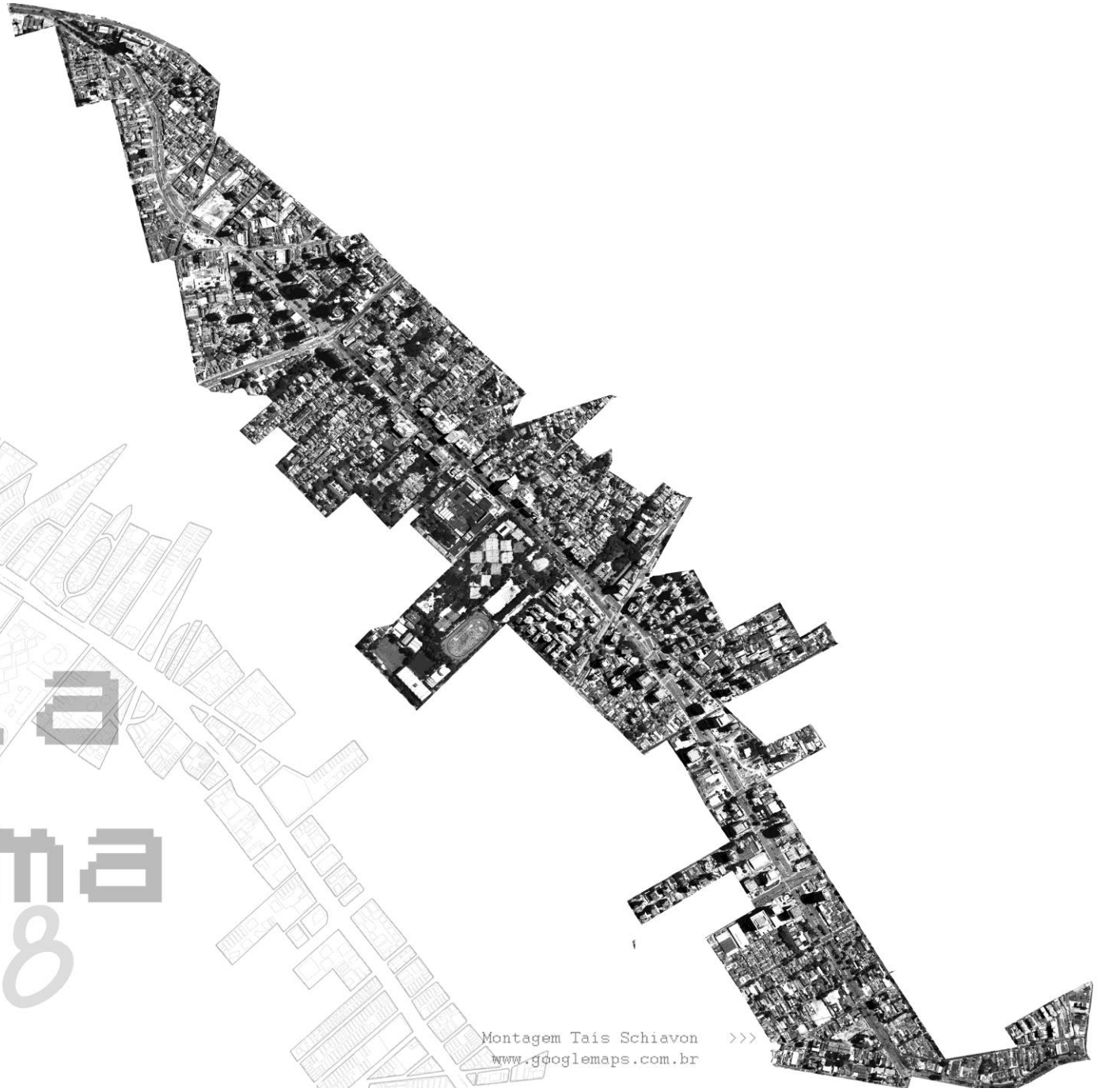


faria
lima
1958

__1958__

Montagem Tais Schiavon
www.geoportal.com.br

>>>



far
lima
2008

2008

HISTÓRICO

Funcionando como um importante eixo econômico e de articulação viária para a Capital, é resultado da dinâmica cíclica da economia da metrópole, que através de seu crescente desenvolvimento não cessa em se ramificar, criando assim novas regiões de atuação econômica.

Sua formulação tem início no momento em que o desenvolvimento econômico da Avenida Paulista encontra-se a todo vapor. Com sua construção iniciada na segunda metade da década de 1960 por meio do alargamento da então Rua Iguatemi, locada entre o Largo do Batata (em Pinheiros) e a Avenida Cidade Jardim (em Itaim Bibi).



Conformação do eixo em 2008, com *Shopping Iguatemi* ao centro.
Fonte: <http://www.geoportal.com.br/>

<<<<
Conformação do eixo em 1958, com rua Iguatemi ainda sem sua alteração.
Fonte: <http://www.geoportal.com.br/>

Um de seus pioneiros e principais empreendimentos é o *Shopping Iguatemi*, inaugurado em 1966, inicia na metrópole uma nova tipologia de empreendimento comercial. Composta por uma dinâmica urbana diferenciada, acompanha também uma nova dinâmica entre as relações público x privado vistas até então. A partir deste, a relação com o eixo não mais se realiza de maneira direta, o estacionamento de caráter privado separa tais funções.

O distanciamento entre o eixo e edifício é uma das características apresentadas por VENTURI, para a classificação de *'strip'*, esta nova relação reforça a tendência de passagem ao eixo.

A instalação desta nova tipologia e morfologia no eixo caracteriza a Faria Lima, não apenas como uma *'strip'*, mas também a condiciona há um posicionamento transitório, no que se refere ao desenvolvimento econômico da capital. Localizado em uma perimetral excepcional atrai a elite para o seu consumo, fortalecendo a tendência de concentração do desenvolvimento econômico da metrópole para a porção oeste de São Paulo.

novas relações
PÚBLICO
PRIVADO



>>>>

Shopping Iguatemi, fim dos anos 60 e anos 70.
Fonte: smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico

Confirmando o potencial econômico de toda essa região, já no início da década de 70, impulsionados pelos altos aluguéis encontrados na Avenida Paulista e relativa falta de espaço físico neste eixo, tem início a construção de inúmeros edifícios comerciais ao longo da Faria Lima, alterando de maneira gradativa a antiga paisagem residencial, com ruas estreitas e arborizadas, substituídas por grandes arranha-céus e uma longa e larga avenida.

A crescente especulação imobiliária trouxe a este novo ambiente, grandes prédios empresariais, situados no eixo principal, os edifícios residenciais passam a ocorrer nas demais vias, localizadas nas proximidades, posicionamento este, um pouco mais afastado do eixo principal, ao contrário do que ocorre com a Paulista.



Nos anos 90 diversas obras viárias foram realizadas, potencializando assim o processo funcional do eixo, criando situações favoráveis ao mercado imobiliário, induzindo o processo de transformação no uso e ocupação do solo nessa região. Tais transformações não concentram-se apenas ao longo do eixo principal, bairros de seu entorno também passam a sofrer alterações com a modernização do eixo principal.

Atualmente a Operação Urbana Faria Lima dita regras para a formulação espacial da região. De acordo com levantamentos realizados, na região da Operação Urbana Faria Lima e seu entorno, ocorreu um processo envolvendo a diminuição da população residente juntamente ao aumento da proporção de faixas etárias mais elevadas, resultado da eliminação de antigas residências unifamiliares de classe média e o consequente surgimento de edifícios comerciais e residenciais de alto padrão, levando toda a região à eletização, ocorrida em função da verticalização e valorização imobiliária por conta da requalificação da paisagem pelo poder público e privado.

<<<<

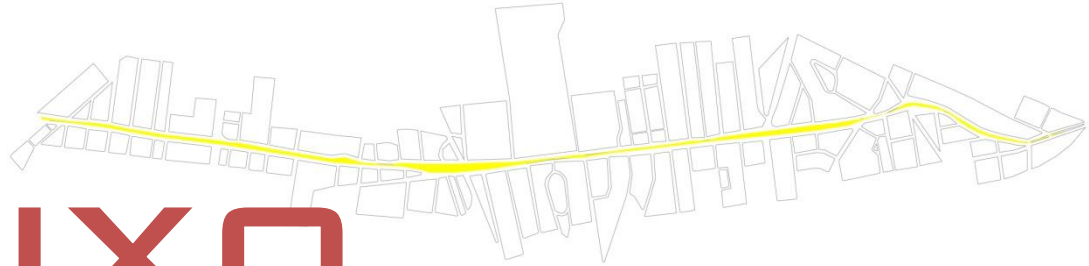
Formulação do eixo ao longo dos anos 80, 90 e 2000.

Fonte:

www.apolo11.com/mudancas_climaticas 1980
serimovel.wordpress.com/category/uncategorized
www.apolo11.com/mudancas_climaticas

CONFORMAÇÃO DO

EIXO



Observando o desenho urbano imposto ao eixo, atentamos que este é composto por diferentes dimensões e formalizações de suas quadras, contendo desenhos irregulares, distantes das tradicionais quadriculas uniformes. Distintas formalizações capazes de intervir também na formalização da paisagem construída sobre seu traçado.

Contendo sua formalização mais próxima a uma *'strip'*, agrega em seu eixo equipamentos capazes de induzir sua baixa permanência. Consolidando este fato, podemos observar o posicionamento do uso residencial ao longo deste, que de uma forma em geral, encontra-se distante ao eixo principal, resultado da especulação imobiliária que retira os moradores desta porção, inserindo neste ambiente o uso comercial e empresarial massivo. Adensamentos envolvendo a verticalização com fins residenciais ocorrem em áreas

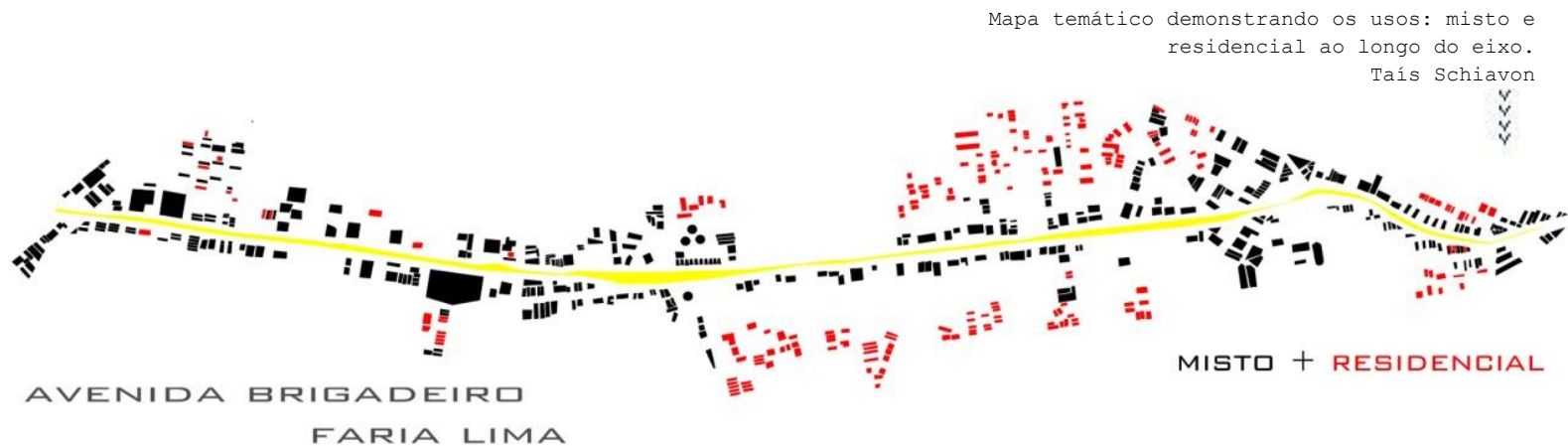


>>>>
Faria Lima, demonstrando relações dos edifícios e o eixo des
Outubro de 2011. Fotografia Taís Schiavon.

A concentração dos empreendimentos voltados ao setor terciário deve-se à saturação encontrada nos eixos de formulação anterior, principalmente Avenida Paulista. Que com os altos valores de aluguéis e constantes manifestações em seu eixo, repelem parte de suas empresas para novas fronteiras. Assim, o eixo torna-se um ambiente voltado ao consumo e prestação de serviços por excelência.

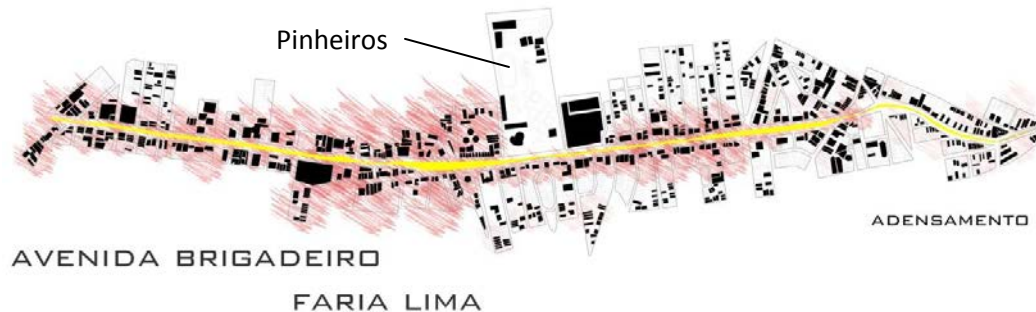
De uma forma em geral, tanto a Faria Lima, quanto os demais eixos descritos a seguir, apresentam um ritmo de desenvolvimento e verticalização menor se comparado ao ocorrido com a Avenida Paulista. Este estágio de latência em seu processo de conurbação deve-se ao fato de que ambas disputam entre si a locação dos diversos empreendimentos

lançados diariamente na metrópole. Resultado desta disputa é o volume de empreendimentos verticais em torno do eixo, visivelmente menor que o encontrado na região central e Paulista, se analisados um mesmo intervalo de tempo. O adensamento dos eixos mais recentes ainda demonstra certa timidez, formulando a rizomatização da metrópole, uma constante conexão e desconexão de zonas especulativas.



De uma forma em geral, as regiões mais adensadas encontram-se nas proximidades do eixo, formulando uma fina camada deste processo, que ganha mais volume ao passo que se aproxima do clube Pinheiros, próximo a este equipamento, a verticalização residencial também apresenta maior intensidade.

Pontos de adensamento e
Congestão ao longo do eixo.
Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon.
>>>>



Mapa temático demonstrando
adensamento residencial
próximo ao clube Pinheiros.
Taís Schiavon.
>>>>



<<<<
Mapa temático demonstrando adensamento
ao longo do eixo, índices maiores após
o clube Pinheiros.
Taís Schiavon.



USO MISTO

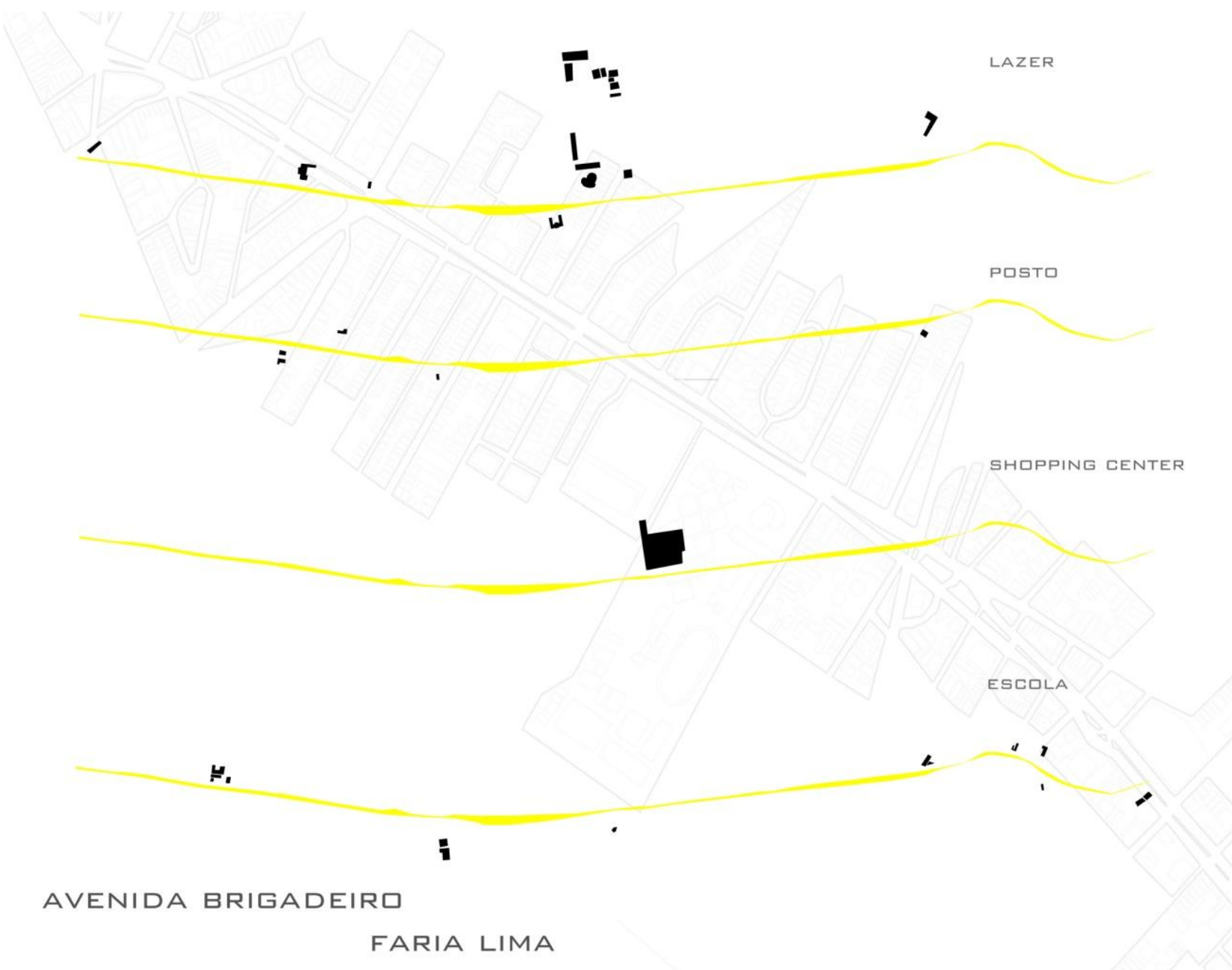
BANCO

RESIDENCIAL

ESTACIONAMENTO

AVENIDA BRIGADEIRO

FARIA LIMA



LAZER

POSTO

SHOPPING CENTER

ESCOLA

AVENIDA BRIGADEIRO
FARIA LIMA

Formalmente falando, os edifícios apresentam diferentes configurações em determinados pontos ao longo do eixo, reflexo dos períodos econômicos e influências arquitetônicas utilizadas no momento de sua execução. Como resultado, a formalização do eixo, apresenta dois parâmetros básicos, o da metropolização moderna, com influência dos edifícios modernistas dos anos 60, 70 e 80; e a metropolização dita pós-moderna, culminando com a formalização atual dos edifícios corporativos, representados por formas diferenciadas e suas fachadas espelhadas, ocorridos principalmente a partir dos anos 90. Esta verticalização mais recente ocorre mais próxima à região compreendida pelo bairro Itaim.



>>>>
Diferentes formalizações dos edifícios ao longo do eixo. Avenida Faria Lima, São Paulo.
Outubro de 2011. Fotografias Taís Schiavon



Estruturando-se como uma *'strip'*, de uma forma em geral, formula seus acontecimentos internamente aos edifícios, a vida pública por excelência passa a se afastar. Prova disto encontra-se na formalização de seus equipamentos culturais e de lazer, que de uma maneira em geral fecham-se para um público privado, restrito às classes elitistas da sociedade, voltando suas atividades para o interior de seus domínios, excluindo desta forma o ambiente externo.

A própria dimensão das calçadas revela este acontecimento, contendo pequenas dimensões se comparada ao fluxo de usuários e o dimensionamento do leito viário, este equipamento urbano com tais configurações repele o público de uma forma em geral.

Outro fato que distancia seus empreendimentos as questões públicas referem-se às barreiras visuais existentes entre o distanciamento da calçada e os edifícios. Composta de diversos jardins, estes não se destinam à utilização pública, mas sim a maneiras de distanciar o edifício ao eixo, sendo mais uma forma de negação ao ambiente em que se insere.

>>>>
Porção próxima à estação Linha Amarela. Avenida
Faria Lima, São Paulo.
Outubro de 2011. Fotografias Taís Schiavon





composições

<<<<
Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon



formulações

<<<<
Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon



<<<<

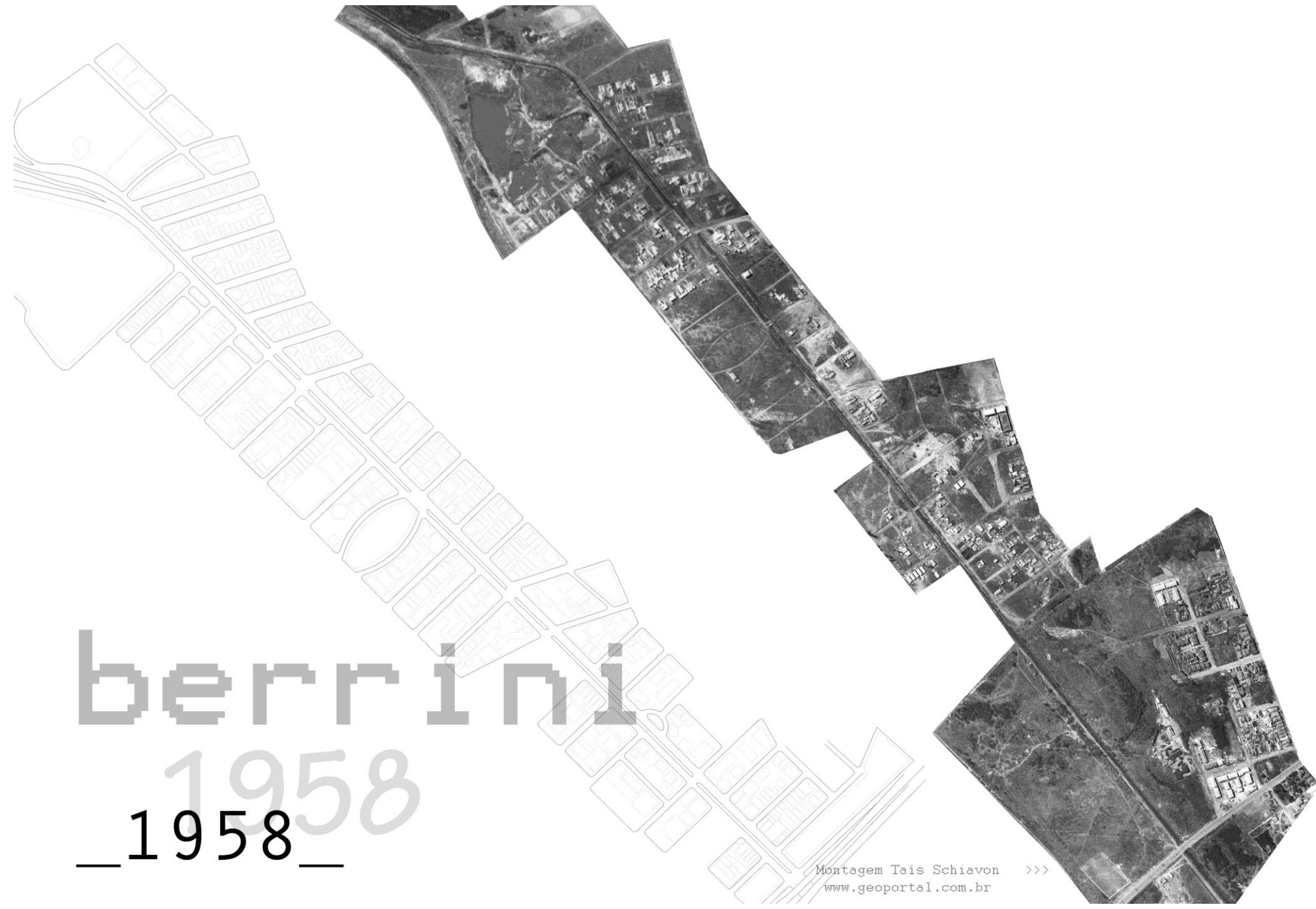
Outubro de 2011.

Fotografia Taís Schiavon



BERRINI —

DESENVOLVIMENTO E DESIGUALDADE SOCIAL



berrini

1958

—1958—



berrini

2008

2008

HISTÓRICO

Até o fim dos anos 1960, a região era composta por uma grande várzea, havendo portanto, a necessidade de se canalizar o córrego ali presente, obra até então não prevista pelo poder público, uma vez que os e melhoramentos urbanos concentravam-se nas regiões da Paulista e Faria Lima.

É somente a partir de 1975, com a iniciativa de três arquitetos, sócio proprietários da construtora Bratke e Collets, que esta porção começa a representar interesses ao poder público e mercado imobiliário. Caracterizada, como uma área de concentração empresarial recente, caracteriza-se como uma continuidade virtual da já formulada Avenida Faria Lima, ambas indo em direção à Marginal Pinheiros.

Berrini, 2010.

Fonte: www.zap.com.br/revista/imoveis/ultimas-noticias



>>>>
Área Pantanosa. Berrini, 1958.
Fonte: www.geoportal.com.br

Vista aérea Berrini, 2010.
Fonte:
www.brooklinapartamento.com.br



Indo contra á tendência do desenvolvimento impulsionado em direção ao vetor oeste, partindo agora em direção ao sudoeste, a inserção de empreendimentos e escritórios de alto padrão no eixo Berrini, tornam este, um dos mais notáveis esforços de reestruturação urbana que se tem notícia no Brasil, em virtude da presença de aglomerações ilegais, removidas do local, possibilitando toda a reestruturação elitista deste eixo.

A grande peculiaridade encontrada na porção sudoeste é o fato de que tendo sido construída em uma região, que segundo BRATKE, fora construída apenas para por um fim ao brejo. Não possuindo atrativos especulativos em sua formulação inicial, não se preocupava em atrair grandiosos empreendimentos, assim como os demais eixos consolidados. Era de interesse aos empreendedores locais, a atração de empresas em busca, não de um renomado endereço, mas sim espaço físico e preços mais acessíveis em consideração aos apresentados pelos demais ambientes metropolitanos, além de segurança e fácil acesso, situações deficitárias nas demais regiões.

Conecta-se à expansão do Centro Metropolitano através do desenvolvimento cíclico de antigas regiões saturadas do Centro e Paulista, estando assim inserida em um amplo processo de descentralização das atividades administrativas e gestoras. Toda essa configuração espacial metropolitana, surge a partir do desenvolvimento de um espaço sem vocações aparentes para a implantação de atividades do setor terciário, refletindo assim não apenas a expansão da região central, mas também, o resultado de uma difusão simbólica ocorrida por conta de um novo modelo de gestão e reprodução da metrópole e de seu poder espacial.

Apresentando baixos índices de adensamento se comparado as demais formalizações, seu 'lento' desenvolvimento é resultado de 'concorrências' atrativas, tanto das antigas localidades, assim como também mais recentemente da Marginal Pinheiros, cuja configuração espacial mostra-se propícia ao desenvolvimento do pólo terciário, da mesma forma como outrora mostrou-se a Berrini.

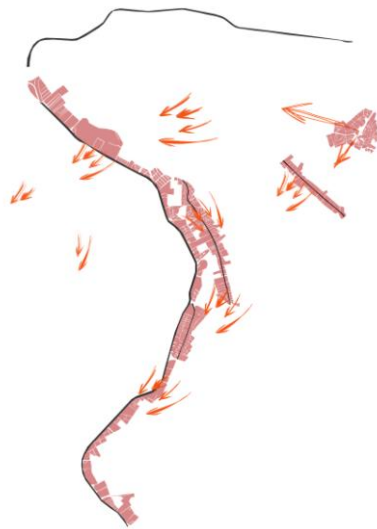


<<<<

Mapa temático demonstrando adensamento ao longo do eixo, índices maiores na porção do Itaim Paulista.

Taís Schiavon.

O fato é que tanto a Berrini quanto Pinheiros, tratam-se de eixos com um diferenciado mecanismo de formulação e atuação em relação aos demais eixos formulados até então na capital, contendo características peculiares capazes de transformá-las em novas formulações centralistas, mais compatíveis às situações propostas pelo mercado globalizado atual, uma vez que apresentam diversidade e facilidade de instalação além de acesso privilegiado, situações praticamente impossíveis nas demais centralidades.



<<<<
Deslocamento dos eixos de desenvolvimento da metrópole Paulistana.
Taís Schiavon.

Configura-se como uma *'strip'* por excelência, uma vez consegue agregar em seu eixo, mesmo que ainda em formulação, grande quantidade de equipamentos voltados exclusivamente à prestação de serviços, com o diferencial em relação à Faria Lima, por conta da formalização de empreendimentos instalados.

A grande diferença deve-se ao fato de que os empreendimentos recentes ali instalados e em especulação, configuram-se pela nova lógica imobiliária, destinada à utilização empresarial. Composta por variados conjuntos de edifícios, destinados ao abrigo de uma gama de setores especializados, construídos sem mínima preocupação em se relacionar diretamente com o eixo. Interiorizam em seus ambientes internos, situações urbanas e equipamentos necessários para sua manutenção e de seus usuários, sem que haja a necessidade de migrar para outro ambiente urbano. Verdadeiros complexos de consumo, prestação de serviços e geração de renda.



>>>>
Sobreposição dos usos misto e residencial ao longo do eixo
Taís Schiavon.

Estes equipamentos tentam recuperar os antigos anseios dos edifícios conjunto e galeria, porém inseridos agora na dinâmica pós-moderna do desenvolvimento metropolitano, que não leva em consideração a utilização pública em sua essência como no movimento moderno. Aqui o uso público existe, porém de maneira totalmente privada, selecionando o público alvo para a utilização de cada ambiente.



>>>>

Centro Empresaria Nações Unidas. Tipologia pós-moderna dos edifícios conjunto.

Avenida Luis Carlos Berrini e Marginal Pinheiros.

Fotografias:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Empresarial_Nacoes_Unidas

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=266502>





USO MISTO

BANCO

RESIDENCIAL

ESTACIONAMENTO

AVENIDA ENGENHEIRO
LUIS CARLOS BERRINI

ÁREA VERDE

LAZER

SUBESTAÇÃO
DE EENRGIA

OCUPAÇÃO
IRREGULAR

AVENIDA ENGENHEIRO
LUIS CARLOS BERRINI

Em resumo, a formalização da *'strip'* Berrini, ocorre seguindo a mesma lógica de diversas outras regiões. Inicialmente ocorre a ocupação residencial, neste caso, ao contrário de regiões como Paulista e Faria Lima, o eixo Berrini não formula-se próximo à regiões elitistas da metrópole, uma vez que seu posicionamento segue em direção oposta à concentração de investimentos da cidade, desta maneira, suas residências constituem uma formulação modesta, incluindo a presença de formalização irregulares. Posterior à ocupação residencial, tem início o desenvolvimento do setor terciário, diversas empresas de prestação de serviços abrigam o ambiente outrora residencial, inicialmente ocupando as mesmas edificações. Um terceiro estágio, ainda em formulação no caso Berrini e na metrópole São Paulo em geral, constitui-se em decorrência do contínuo processo de especulação imobiliária. Com a valorização dos terrenos, as antigas construções cedem lugar aos gigantescos empreendimentos empresariais que compõem a metrópole pós-moderna. Inserida neste terceiro estágio, a Berrini ainda apresenta formulações residenciais situadas de maneira recuada em relação ao eixo principal.

Tendo em sua composição empreendimentos diferenciados, possui alto índice de permeabilidade e poucos pontos de sobreposições. Os maiores adensamentos existentes em sua região encontram-se na porção da Marginal Pinheiros, também ocorrendo de maneira *'pontual'*. Outro ponto de grande adensamento refere-se ao bairro Itaim, ponto de concentração de diversificados edifícios residenciais e empresariais.



>>>>

Feições_ formalizações dos edifícios ao longo do eixo.
Misturas de estilos e técnicas construtivas.
Avenida Engenheiro Luis Carlos Berrini. Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon.



berrini

<<<<

Edifício Berrini 500, exemplo de
Empreendimento pós-moderno no eixo.
Outubro de 2011.

Fotografia Taís Schiavon

edifício berrini 500





MARGINAL PINHEIROS

AMBIENTE DA ECONOMIA GLOBAL

An aerial photograph of the Marginal Pinheiros highway in São Paulo, Brazil. The highway runs vertically through the center of the image. To the left of the highway, there is a large, light-colored, pixelated graphic of the highway's layout, showing its various curves and lanes. To the right of the highway, there is a dark, pixelated graphic of the surrounding urban area, showing buildings, streets, and green spaces. The text 'marginal pinheiros' is written in a large, light gray, pixelated font across the middle of the image. Below it, the year '1958' is written in a smaller, black, pixelated font. At the bottom left, the year '1958' is repeated in a larger, black, pixelated font, flanked by underscores. At the bottom right, there is a small, black, pixelated text block containing the name 'Montagem Tais Schiavon', the website 'www.geoportal.com.br', and three right-pointing chevrons '>>>>'.

marginal
pinheiros
1958
1958



marginal
pinheiros

2008

Montagem Tais Schiavon >>>
www.googlemaps.com.br

HISTÓRICO

Ao fim da década de 60, mudanças significativas ocorrem no cenário metropolitano, formalizadas também pela alteração da estrutura viária metropolitana, alterando também seus padrões de deslocamento.

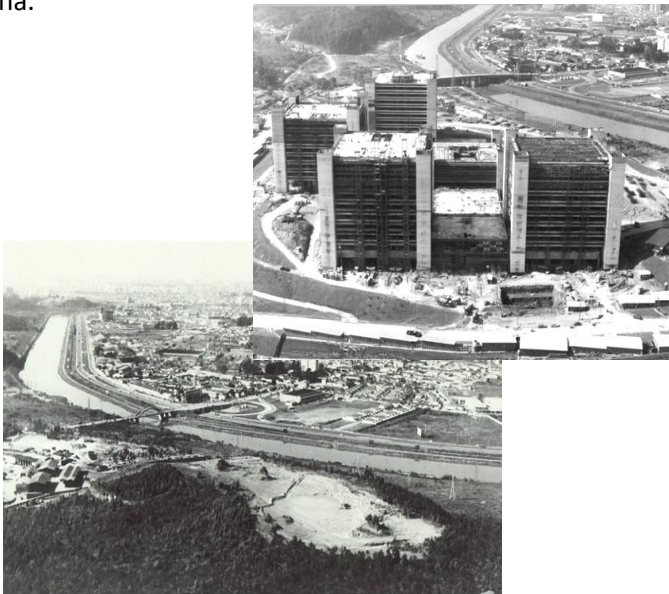
Uma destas obras refere-se à inserção ao sistema viário principal, às avenidas marginais Pinheiros e Tietê. Responsáveis por interligações a níveis locais e metropolitanos, ambas são interligadas à Rodovia Castelo Branco. Tais eixos, juntos criam uma espécie de arco perimetral cuja função interfere em níveis locais e regionais.

Criadas sob o conceito de “via expressa” formulam-se como vias de fácil acesso e rápida circulação, atraindo para seus domínios novos programas urbanos, onde a demanda por grandes áreas somada à necessidade de acesso rápido vêm nas glebas ao redor destas formulações viárias, locais perfeitos para sua instalação. Nos anos que seguem esta operação viária, novos centros empresariais destinados às empresas nacionais e multinacionais, instalam-se neste ambiente, além de hipermercados, *shopping-centers*, entre outros empreendimentos, característicos da metrópole pós-moderna.



Leito do Rio Pinheiros e várzeas próximas.
Obras de retificação ainda não haviam sido iniciadas.
Sem data definida.
www.aguasdamemoria.com.br/caderno-de-viagem/o-rio-pinheiros-ugrhi-06

O impulso inicial a esta porção territorial ocorre em 1972, momento de lançamento do Centro Empresarial de São Paulo, empreendimento pioneiro na área, localizado em um extremo mais avançado do eixo. Inaugurado em 1977, cria um pólo de empregos considerável na região, sendo na época, o maior Conglomerado de Escritórios da América Latina.



Localização de implantação do Centro Empresarial de São Paulo, e andamento s obras em 1976.

Fonte:

www.centroempresarial.com.br/pt-br/o-complexo/historia.asp

DESENVOLVIMENTO



Com o tempo, a Marginal Pinheiros vê o desenvolvimento de um Pólo Terciário, indo em direção mais avançada rumo a sudoeste. Caracterizado por um desenvolvimento composto por grupos e empresas de considerável poder econômico, conjuntamente à Berrini, formulam uma estruturação econômica consolidada nos padrões globais, seguindo os ideais da expansão imobiliária pós-moderna. Tais semelhanças tornam comum a citação destas como uma única centralidade, em virtude de sua proximidade e relativa semelhança de empreendimentos.

Instalados neste eixo em busca de facilidade de acesso e possibilidade de formação de grandes nichos isolados em si, formulam desta forma a “urbanização sem cidade”, ou uma espécie de Las Vegas pós-moderna, destinada à grandiosos empreendimentos que não mais se preocupam em promover relações com os espaços públicos e habitantes da cidade, suas ligações privilegiam os carros, destinando o convívio anteriormente público x privado, ao convívio interno de seus edifícios, destinando apenas a seus seletos usuários.

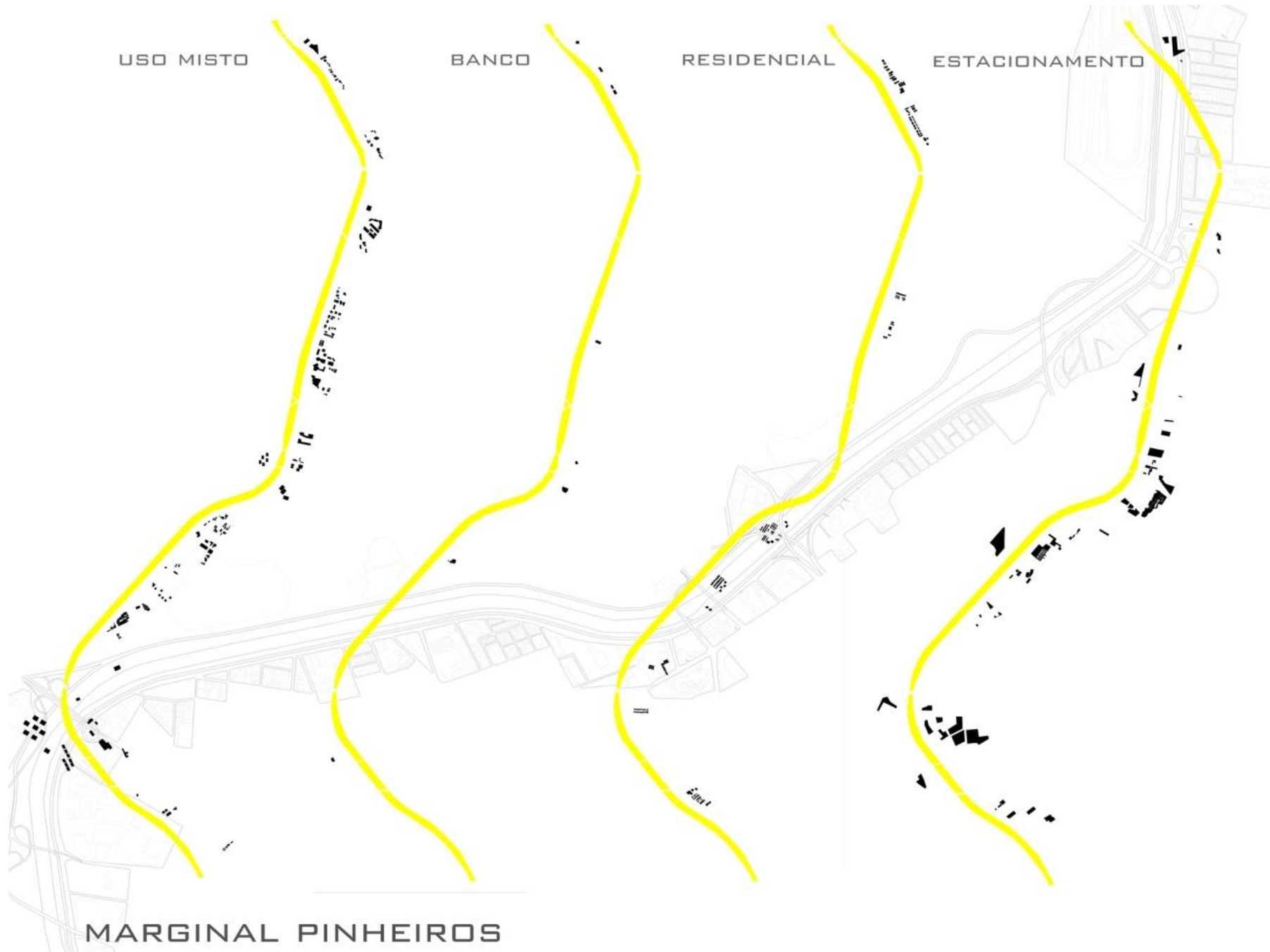
USO MISTO

BANCO

RESIDENCIAL

ESTACIONAMENTO

MARGINAL PINHEIROS



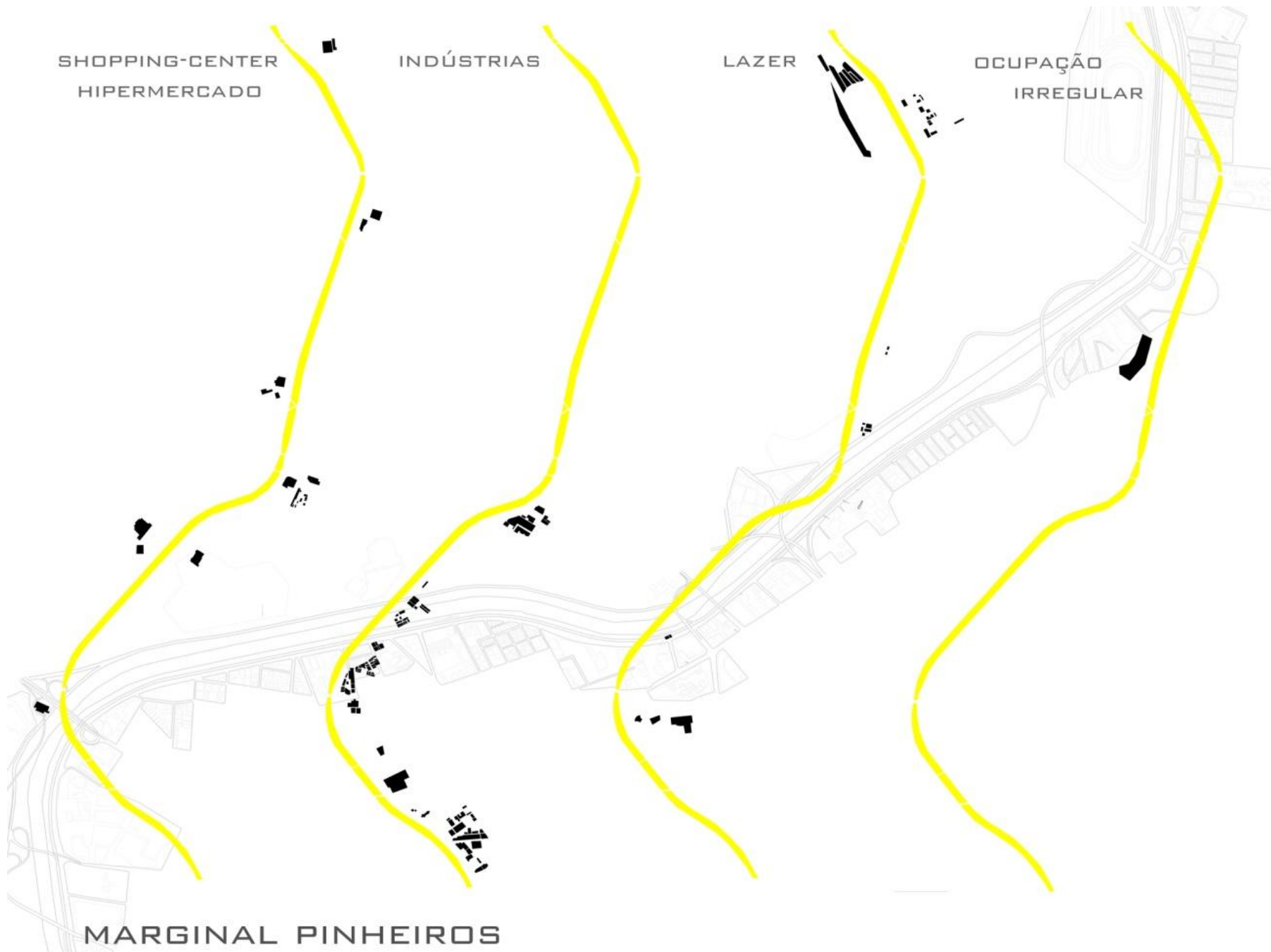
SHOPPING-CENTER
HIPERMERCADO

INDÚSTRIAS

LAZER

OCUPAÇÃO
IRREGULAR

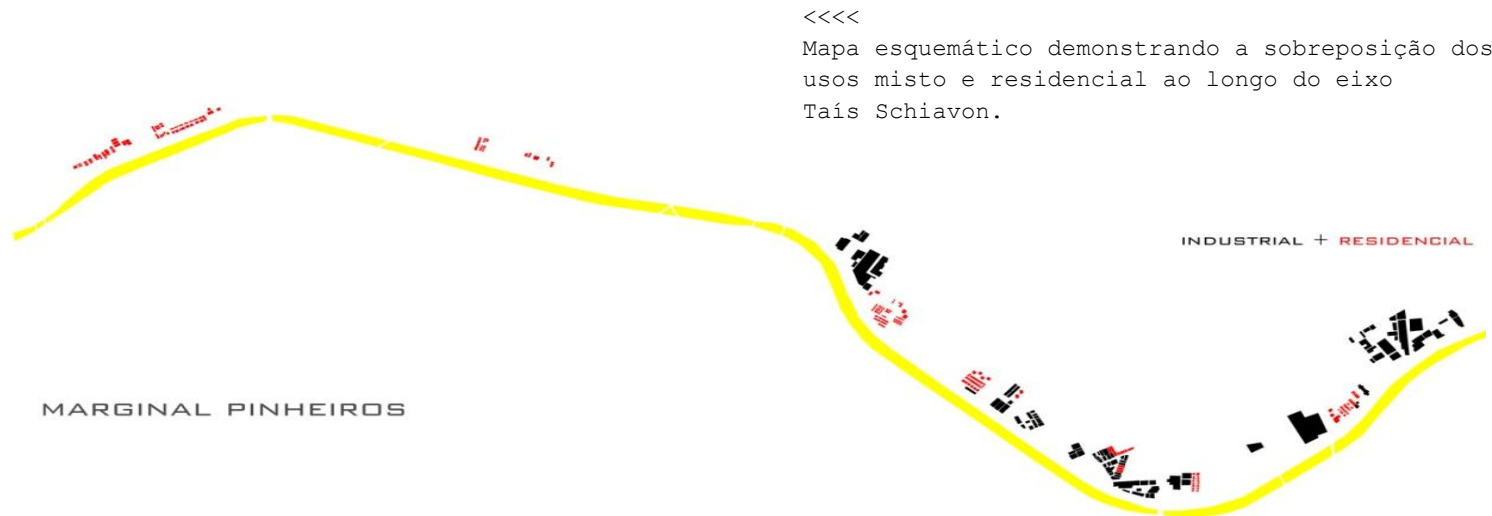
MARGINAL PINHEIROS

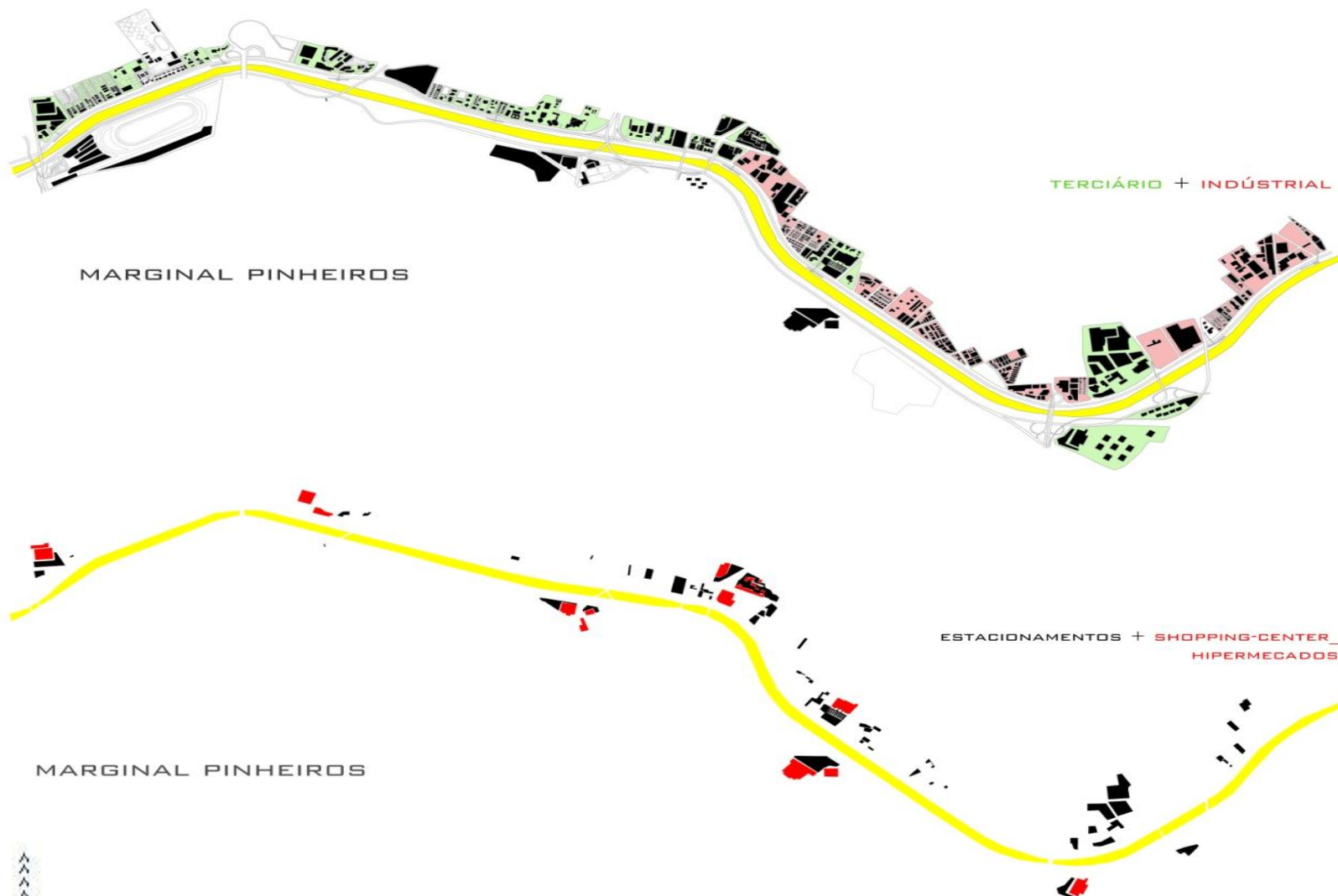


Assim como a Marginal Tietê, a Pinheiros possui a característica de acumular ao longo de seu eixo empreendimentos industriais. As porções denominadas como Zona Sul, Vila Olímpia e Zona Oeste, caracterizam-se como formulações industriais do eixo Pinheiros. Mas assim como outras antigas regiões, principalmente na Marginal Tietê, pouco a pouco se reconfiguram conforme os padrões pós-modernos de organização espacial e usual. Este processo é marcante principalmente nos anos 90, período onde a Berrini já apresentava índices de desenvolvimento avançados, impulsionando também o desenvolvimento da porção Pinheiros.

A conformação terciária pós-moderna é uma característica recente, concentrada basicamente na porção central do eixo, principalmente nas regiões onde este se aproxima da Berrini e também em menor número de ocorrências com a Faria Lima.

A partir dos anos 90, os eixos Berrini e Pinheiros transformam-se fortes pólos econômicos. As diversas melhorias urbanas executadas nesta região aproximam toda esta área às demais cidades formadoras da região metropolitana de São Paulo como um todo.





Mapa esquemático demonstrando a sobreposição ao longo do eixo
Tais Schiavon.

des_ **CONEXÕES** urbanas [127]

VILA OLÍMPIA ITAIM PAULISTA

<<<<

Recortes Urbanos dos bairros Itaim e
Vila Olímpia.

Outubro de 2011.

Fotografia Tais Schiavon

Considerar Berrini e Pinheiros *'strips'* por excelência em virtude da formalização dos equipamentos ali instalados, nos permite constatar que estes não se apresentam como eixos pré dispostos à congestão de seus equipamentos urbanos. Reflexo dos empreendimentos instalados nestes eixos, que em sua grande maioria destinam-se à utilização de amplos terrenos, de um modo em geral não utilizados em sua totalidade, apresentando considerada permeabilidade em seu traçado.

Configuram desta forma, composições urbanas do desenvolvimento metropolitano e capitalismo pós-modernos. Grandes centros empresariais e financeiros onde imperam o isolamento e o adensamento excluindo a cidade e seu entorno.

Dando suporte e abrigo aos demais empreendimentos não inseridos nas *'strips'*, os bairros Itaim Paulista e Vila Olímpia demonstram intenso processo de adensamento de seu estoque construtivo.

Dualizam a ocupação territorial, tanto empreendimentos residenciais elitistas e de classe média alta, quanto empreendimentos voltados a diversas empresas prestadoras de serviços nos mais variados ramos. Nesta porção impera a tendência à congestão da paisagem. Os edifícios lançados sobrepõem-se formulando diversos cenários urbanos, numa dinâmica de reformulação incessante.

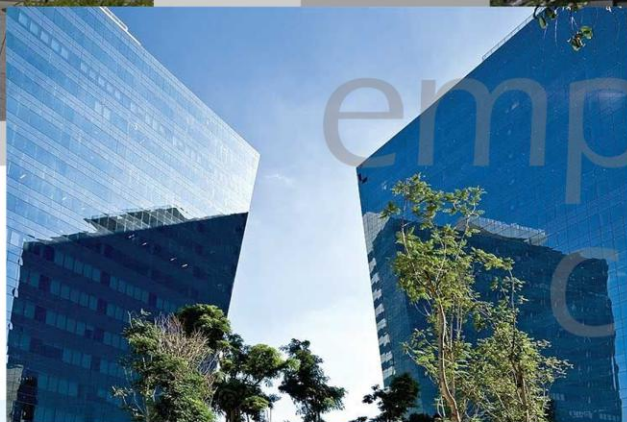
Este desenvolvimento é decorrente também de seu posicionamento geográfico, em uma centralidade localizada entre os eixos Faria Lima, Berrini e Pinheiros.

<<<<

Recortes Urbanos dos bairros Itaim e
Vila Olímpia.
Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon

VILA OLÍMPIA ITAIM PAULISTA





sosn

empresariais
comerciais

>>>>

Empreendimentos Marginal Pinheiros. Las Vegas Paulistana.

Rochaverá Corporate Towers.

Montagem Taís Schiavon

www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=733472



des_ CONEXÕES
urbanas

CONCLUSÕES
CONCLUSÕES

des_ CONEXÕES urbanas

Demonstra um panorama do desenvolvimento metropolitano da cidade de São Paulo. Apresentando de maneira diferenciada a leitura e compreensão de seu desenho e composição urbana.

Envolvendo questões relativas ao desenvolvimento paulistano dos anos 50 até os dias atuais, este estudo apresenta as transformações sofridas pela paisagem da metrópole, ressaltando seus pontos de interferência, transformação e sobreposição, resultantes do processo de metropolização e congestão de sua paisagem.

De um modo em geral, analisa as transformações ocorridas no ambiente urbano, a níveis territoriais, morfológicos e usuais, assim como também referente às inúmeras possibilidades de formalização da paisagem urbana, resultado da utilização diferenciada do território.

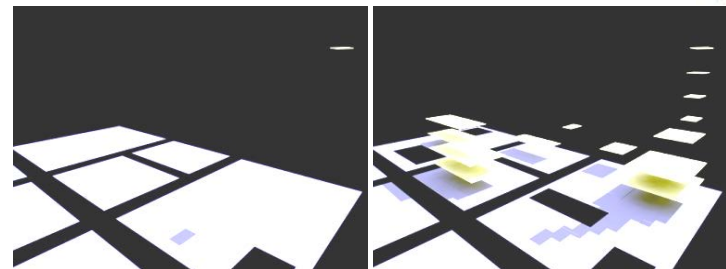
Inseridos nestes tópicos, os cenários urbanos passam a adquirir concomitantemente feições pendendo à realidade assim também como à virtualidade dos ambientes. Seguindo desta forma, lógica semelhante à encontrada pela composição dos espaços liso e estriado.

território

Referente ao território _ambiente estriado_ as des_COENXÕES urbanas formulam-se a partir da subdivisão do território e o conseqüente desenvolvimento econômico e morfológico de determinadas regiões/eixos. O impulso econômico inicial de uma determinada área de atuação significa momentaneamente ou temporalmente à paisagem, uma ruptura da composição tradicional deste ambiente.

Esquema demonstrando o estriamento do território urbano em inúmeras linhas e quadriculas, que com o tempo tendem a congestão.

Montagem Taís Schiavon.



Resultado de um processo econômico vinculado ao adensamento/verticalização da paisagem pós-moderna, estruturado a partir de eixos, isolados em sua linearidade inicialmente, mas que com seu constante desenvolvimento e crescimento urbano tornam-se capazes de formular centralidades. Na formalização da metrópole contemporânea _diferentemente de sua configuração moderna_ a cidade passa a se apresentar não mais como uma massa_ porção territorial. As metrópoles pós-modernas tendo em conta sua formulação estruturam-se tendo em conta diversas centralidades, passíveis de conexões em diversos pontos de sua extensão, tornando-se assim ambientes rizomáticos.



Estriamento dos eixos urbanos, território em 1958.
Fonte: www.geoportal.com.br
Montagem Taís Schiavon.

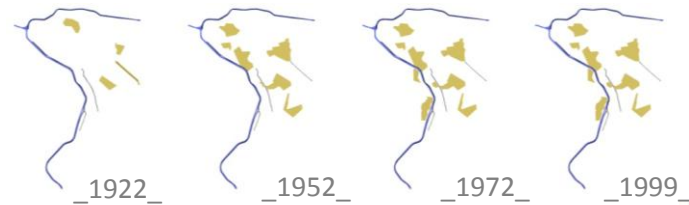
Ilustrando todo este processo, centralidades foram selecionadas; eixos contendo formulações e peculiaridades, capazes de demonstrar as etapas do processo de metropolização e transição dos padrões de urbanização e organização espacial modernos, para os padrões pós-modernos da formulação de sua paisagem.

Quanto ao processo de expansão elitista, atentamos às transições de suas formulações acompanhadas do desenvolvimento de atividades subsidiárias ao seu crescimento. Formalizações iniciais de des_COENXÕES urbanas, uma vez que sua atuação demonstram diferentes formulações e organizações da paisagem a cada transição, aliados à transferência de suas áreas de atuação.

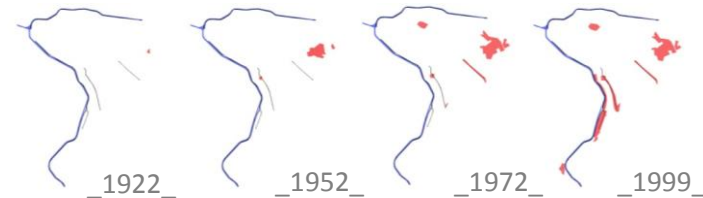
desenvolvimento

A expansão rumo à Oeste tem seu ritmo acelerado a partir dos anos 50. Inicialmente ocorre à dispersão do uso residencial elitista, que transfere seu posicionamento ao passo que o desenvolvimento econômico atinge suas antigas áreas de atuação. Ao mesmo passo que a elite se desloca rumo à Oeste, formulando bairros como Perdizes, Pacaembú, Alto de Pinheiros, Morumbi, entre outros; com o tempo, as áreas comerciais e empresariais deslocam-se rumo à Sudoeste, abrigando áreas adjacentes aos agrupamentos elitistas, formulam-se assim, os eixos Paulista, Faria Lima, Berrini e Pinheiros, situados de maneira capaz de interligar as porções elitistas em si, sendo por tanto corredores de interligação de áreas do desenvolvimento econômico e espacial paulistano.

Interligando estes eixos entre si, avenidas de importância secundária cumprem este papel, realizando também a interligação com a região central.



Posicionamento dos aglomerados residenciais elitistas. Períodos estabelecidos.
Desenho realizado tendo como base os estudos de **BARBOSA**.



Posicionamento dos aglomerados comerciais. Períodos estabelecidos.
Desenho realizado tendo como base os estudos de **BARBOSA**.

Com os eixos estabelecidos a metrópole configura-se não mais apenas como uma única centralidade, cada eixo passa a representar uma nova composição e concepção do espaço urbano, que não conseguindo mais se estruturar por uma única região hegemônica cria inúmeras ramificações com o intuito de prolongar seu desenvolvimento e áreas de atuação, ambas atuando através de inúmeras possibilidades de reestruturar a cidade como um todo.

Juntas, estas reformulam as *des_CONEXÕES urbanas* ocorridas principalmente a partir dos anos 50, transformando a paisagem anteriormente consolidada.

Ao contrário do ocorrido no passado, à atual transferência do potencial econômico entre os eixos ocorre de maneira mais rápida, processo este decorrente da rizomatização do ambiente, capaz de conectar e desconectar a paisagem urbana e sua estruturação de maneira constante. Assim no cenário atual, a transferência para uma nova porção territorial em potencial não depende da completa estagnação de um eixo anterior, assim as *des_CONEXÕES urbanas*, espalham-se pelo território, não ocorrendo mais concentradas em apenas uma única centralidade, mas sim dispersas pelo território urbano.

Incluindo regiões capazes de representar em sua formulação o desenvolvimento e formalizações

construtivas característicos da metrópole dos anos 50. Tendo a região central, composta por estilos mais antigos do desenvolvimento paulistano, assim como a Paulista mescla acontecimentos históricos e mais recentes, revelados em seus empreendimentos.

Em sua composição encontram-se grandes edifícios emblemáticos para seu tempo, envolvendo a valorização do espaço público na tentativa de valorizar a horizontalidade perdida em um ambiente onde cada vez mais verticalizado.

Nestas regiões o uso residencial encontra-se mesclado aos usos comerciais e empresariais, em decorrência de um momento onde o adensamento e verticalização, representam alternativas para por fim ao *déficit* habitacional na metropolitana. Impondo permanência ao ambiente, a utilização residencial gera espaços, cujo processo de reformulação ocorre mais lentamente.

‘Estagnando’ a paisagem, tornam-se ambientes perfeitos para a ocorrência de sobreposições e colagens do ambiente urbano, proporcionando desta forma a rearticulação artificial da paisagem, a ‘cidade colagem’, que conforme HARVEY¹ representa a colagem/montagem da composição urbana, modalidade primária do movimento pós-moderno.

Mesmo representando situações de avançado adensamento são áreas ainda passíveis de transformação, porém, possuem este processo intimidado por conta da existência de regiões mais atrativas contendo considerado estoque construtivo.

Contendo ambientes de transição, eixos como a Faria Lima, apresentam um ponto de transição nas relações comerciais e formalizações espaciais ao desenvolvimento da metrópole. Apresentando-se conforme uma *'strip'*, apresenta em sua formulação o enfraquecimento dos ideais da metrópole moderna, impulsionando o surgir da metrópole pós-moderna. A lógica dos empreendimentos instalados neste eixo começa a ser alterada, a questão pública, de grande importância na formulação dos empreendimentos

das regiões anteriores, começam a representar um papel secundário.

Induzindo passagem em sua atual formalização, pouco a pouco, o eixo afasta de sua centralidade principal o uso residencial. Com a Faria Lima, vemos o florescer da diversidade comercial, com o sucesso do *shopping* Iguatemi como centro de consumo da elite, tendo seus ideais com o tempo disseminados em grandes empreendimentos visando também o consumo popular.

Quanto aos eixos Berrini e Pinheiros, estes representam a lógica de organização e estruturação da metrópole pós-moderna, apresentando as transformações atuais da paisagem metropolitana, formalizam-se desta maneira como *'strips'* por excelência.



>>>>

Bank Boston e Centro Empresarial Nações Unidas.

Fonte:

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=266502>

De certo modo, os empreendimentos instalados nestes eixos apresentam-se como uma reconfiguração da lógica dos edifícios conjunto, a grande diferença é que nestes, a relação com o público é totalmente nula. Os grandes centros empresariais, verdadeiros conjuntos, voltam-se para seu interior, negando a existência das cidades, estes apresentam em sua formulação recursos necessários para que seus usuários permaneçam exclusivamente em seus domínios. Sua própria formulação arquitetônica repele o mundo exterior, através do espelhamento da realidade do entorno.

Berrini e Pinheiros representam a mudança da concentração de investimentos e melhorias urbanas, anteriormente concentradas na porção Oeste, que agora migram para Sudoeste. Nesta nova região, anteriormente desprezada pelo mercado imobiliário, abriga agora, equipamentos característicos da formalização de uma metrópole pós-moderna, envolvendo usos a níveis econômico, consumos de massa e elite, além de equipamentos culturais, característicos do estágio atual do desenvolvimento capitalista.

Outra peculiaridade existente em torno da Marginal Pinheiros deve-se à sua extensão, por conta de sua grande área de atuação e posicionamento geográfico, ao longo de

seu eixo e histórico de desenvolvimento consegue representar todas as etapas do processo evolutivo econômico, usual e espacial da metrópole, sendo sua formalização atual, mais próxima ao desenvolvimento do setor terciário.

paisagem

Referente à paisagem _ambiente liso_ as des_CONEXÕES urbanas apresentam análises sobre o território já adensado, ou seja, o território descrito anteriormente, que agora torna-se capaz de agregar considerável estoque verticalizado, tendendo a congestão de sua paisagem.

Estando cada eixo territorial inserido em um período determinado, apresentam particulares feições cognitivas. Considerando seu desenvolvimento econômico uma constante, alcançará sua congestão. As diferenças capazes de diferenciá-los encontram-se nos períodos de sua construção, influências econômicas e técnicas construtivas existentes.

<<<<

Sobreposições na paisagem urbana da Faria Lima.
Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon

des_CONEXÕES urbanas são formulações da paisagem resultantes de interferências, transformações na configuração urbana. Desta forma, brincam com a realidade do ambiente, formulando novos espaços através de fragmentos diversos das variadas estruturas em seu entorno.

Tais peculiaridades cognitivas, ou limiaridades conforme descrito por ZUKIN¹ implicam a junção de variadas características da cidade/metrópole em um mesmo ambiente urbano, resultado de suas diferentes atuações, referenciais históricos e atuais.

A paisagem urbana passa assim a sobrepor não apenas edifícios e ambientes passa também a sobrepor tempo. A junção de fragmentos diversos formula não apenas uma nova paisagem, mas também, formula uma nova dimensionalidade urbana. A massa resultante do alisamento da paisagem anula os antigos monumentos estruturadores deste eixo. Toda a formulação tende a automonumentalidade da paisagem urbana, configurada pela formulação do hiperespaço.

¹ **ZUKIN**, Sharon. Paisagens Urbanas Pós- Modernas Mapeando Cultura e Poder. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Natural.

virtualidade

Virtualmente falando a conformação atual da metrópole pós-moderna, configura-se pela junção entre tempo e o espaço, que juntas tornam-se capazes de reestruturar o ambiente. Formalização esta diferenciada da apresentada pelo moderno, uma vez que despersonalizando através de suas fragmentações tanto o sujeito quanto o objeto, torna-se capaz de criar uma nova e diferenciada codificação entre signos e significados capazes de transfigurar os posicionamentos entre indivíduo e o ambiente em que este se insere, desta forma, o indivíduo torna-se o elemento estático, enquanto que o objeto torna-se capaz de transfigurar-se em inúmeras possibilidades. A mutação do espaço, até o momento não vem acompanhada da mutação do indivíduo. Uma inversão de papéis que impulsiona o mercado imobiliário e consequentemente o consumo, uma vez que transforma a paisagem em uma superfície amorfa, sem a identificação de monumentos, mas sim de massas cortadas por eixos e vias expressas, ambiente

<<<<

Reflexão da paisagem urbana Berrini.
Outubro de 2011.
Fotografia Taís Schiavon

de concentração dos principais empreendimentos econômicos e culturais da metrópole.

Assim sendo, no ambiente da congestão, a paisagem não mais se configura a partir de únicos monumentos, toda a estrutura urbana converge à formalização de automonumentos cuja manifestação pura é encontrada na verticalização e formalização do arranha-céu. A 'cultura da congestão'¹, torna-se capaz de artificializar uma continuidade urbana representando toda sua identidade e peculiaridades. Convertendo a paisagem em uma constante transformação entre espaços lisos e estriados, ambientes capazes de formalizar um misto entre sobreposições e entrelaçamentos _liso_ fragmentadas por linhas e pontos _estriado_ numa constante reformulação e retorno ao estado inicial, por meio do simples andar do indivíduo, configurando desta maneira diversas formalizações de cenários urbanos.

O hiperespaço resultado da formulação da massa/conurbação, torna-se por tanto a mutação do espaço construído em um ambiente artificial, um ponto de

¹ KOOLHAS, Rem. Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo, Cosac Naify, 2008, página 151.

separação entre o corpo humano e o ambiente construído, capaz de inserir o indivíduo neste ambiente não apenas de forma corporal _por meio de sua presença_ mas também, na tentativa de compreender o ambiente que o circunda, quebrando a sensação de desaparecimento da paisagem ao entorno.

A cidade rizomática virtualmente formula-se como um labirinto dinâmico, um ambiente composto pela inexistência de um único centro, mas sim infinitas centralidades onde a desorientação complica o uso e a compreensão do espaço, tornando cada percurso uma atividade de desvendamento de suas infinitas formulações. A formulação labiríntica induz a novas articulações entre as diversas faces do urbano, possibilitando desta maneira uma série de sobreposições entre espaços outrora homogêneos.

Negando a estruturação da cidade, os equipamentos virtualizam seus usos e estruturas, os edifícios contemporâneos individualizam inúmeras funções internas ao seu próprio ambiente, repelindo _seja por meio da formalização ou reflexão_ a paisagem externa. A reflexão em especial desorienta e desmaterializa a realidade circundante, criando a falsa sensação de profundidade e existência racional do espaço, aliada a multiplicação de possibilidades de existência e capturação da imagem circundante, em uma

velocidade inúmeras vezes superior à própria reformulação da paisagem construída. O nível máximo alcançado nesta fase das *des_COENEXÕES urbanas* é portanto a automonumentalidade, processo atingido pela paisagem urbana quando unidades cada vez menores passam a representar atividades internas cada vez maiores.



Virtualização da paisagem. Reflexão sobre
superfície espelhada.
Avenida Paulista. Outubro de 2011.
Fotografia de Tais Schiavon.



des_ CONEXÕES urbanas

Sendo des_CONEXÕES urbanas um projeto buscando a formalização de novas possibilidades de leituras e compreensão do desenho e formulação urbana, lida por tanto com a percepção do espaço e suas inúmeras possibilidades de compreensão. Desta maneira sua estruturação levou em consideração fatores referentes às formulações urbanas e territoriais, relações de oposição e semelhanças entre dentro e fora, privado e comum, construído e não construído, amplo e restrito, vertical e horizontal.

A sobreposição destas características à paisagem urbana, configura as infinitas possibilidades de representação e apreensão do cenário urbano pós-moderno existente na composição metropolitana.



des_ CONEXÕES
urbanas

biblioteca
bibliografia

livros

ZUKIN, Sharon. Paisagens Urbanas Pós-Modernas Mapeando Cultura e Poder. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Natural.

HARVEY, David. Passagem da Modernidade à Pós-Modernidade. Condição Pós-Moderna.
<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/harvey1.html>.

FOUCAULT, Michael. "Outros Espaços", in: Ditos e Escritos III- Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a Modernidade. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens Urbanas. Editora SENAC São Paulo, Editora Marca D'Água São Paulo, 1996.

JAMENSON, Frederic. Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. Rio de Janeiro, Editora Ática, 1996.

DELEUZE, Gilles e **GUATTARI**, Félix. Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia, Volume 5. Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles e **GUATTARI**, Félix. Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia, Volume 1. Editora 34, 1995.

LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna, Trajectos, Gradativa 1989.

GANDELSONAS, Mario. X-URBANISM: Architecture and the American City. Princeton Architectural Press, New York, 1999.

AB' SABER, Aziz Nacib. São Paulo: Ensaios Entreveros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. Avenida Paulista: imagens da metrópole. São Paulo. EDUC, 1996.

MEYER, Regina Maria Prosperi. Metrópole e Urbanismo São Paulo anos 50, tese de doutoramento, FAUUSP 1991.

CALDERA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo, tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro- São Paulo, Editora 34/ Edusp 2000.

VENTURI, Robert; **Brown**, Denise Scot; **IAENOUR**, Steven. Aprendendo com Las Vegas: O simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. Traduzido por Pedro Maia Soares, São Paulo, Cosac e Naify 2003.

KOOLHAS, Rem. Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo, Cosac Naify, 2008.

BARBOSA, Eunice. Evolução do uso do solo residencial no centro expandido do município de São Paulo/ **E. Barbosa**, **W. Zmitrowicz** - São Paulo, **EDUSP**, 2002

CAMPOS, Candido Malta, **GAMA** Lúcia Helena, **SACCHETTA**, Vladimir. São Paulo: metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais. São Paulo, SENAC, 2004.

MEYER, Regina Maria Prosperi, **GROSTEIN** Marta Dora, **BIDERMAN**, Ciro. São Paulo Metrópole. São Paulo, EDUSP 2004.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; **DE LEMOS**, Amália Inês Geraiges; **SCARLATO**, Francisco Capuano; **FREIRE**, Cristina; **NETO**, João Batista, **BERTOLI**, Mariza. São Paulo Imaginado, São Paulo, 2006.

FRÚGOLI JR., Heitor. Centralidade em São Paulo: Trajetórias, Conflitos e Negociações na Metrópole. São Paulo, EDUSP, 2000.

SOMEKH, Nadia. A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAEPSP, 1997.

TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo três cidades em um século. São Paulo, Editora Cosac Naify, 1934.

CIDADE Daniela Mendes. A Cidade Revelada, a Fotografia como prática de assimilação da arquitetura. Dissertação de mestrado em Teoria, História e Crítica em Arquitetura. Porto Alegre, Maio de 2002.

artigos

BALTAZAR, Ana Paula. O Novo Paradigma na Arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, 025.06, Vitruvius, jun 2002.

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.025/775>>

DUARTE, Rovenir Bertola. Caminhos, Reflexões e o Tempo da Arquitetura Contemporânea. *Arquitextos*, São Paulo, 124.08, Vitruvius, setembro 2010.

<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3573>>.

LUCCAS, Luiz Henrique Hass. Arquitetura Contemporânea no Brasil: da Crise dos Anos Setenta ao Presente Promissor. *Arquitextos*, São Paulo, 09/101, Vitruvius, out 2008
<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.101/99>>.

FUENTES, Maribel Aliaga. O Cenário como Pretexto. *Arquitextos*, São Paulo, 043/06, Vitruvius, dezembro 2003.
<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/629>>

TAVARES, Paulo. Arquitetura e Esquizofrenia ou “Não Encontro Postdamer Platz”. *Arquitextos*, São Paulo, 071/07, Vitruvius, abril 2006.

<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.071/365>>

FIRMINO, Rodrigo e **DUARTE**, Fábio. Cidade Infiltrada, Espaço Ampliado: As Tecnologias de Informação e Comunicação e as Representações das Espacialidades Contemporâneas. *Arquitextos*, São Paulo, 096/01, Vitruvius, maio 2008.
<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.096/3408>>

CASTROVIEJO RIBEIRO, Alessandro José; **DEL NEGRO**, Paulo Sérgio Bárbaro. Oswaldo Bratke e a “cidade nova”: O texto e o contexto. *Arquitextos*, São Paulo, 07.078, Vitruvius, nov 2006
<<http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/07.078/294>>.

ANELLI, Renato Luiz Sobral. Redes de Mobilidade e Urbanismo em São Paulo: das radiais/perimetrais do Plano de Avenidas à malha direcional PUB. *Arquitextos*, São Paulo, 07.082, Vitruvius, mar 2007
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/259>>.

PESSOA, Laura C. R.; **BÓGUS**, Lúcia M. M. Valorização Imobiliária e Renovação Urbana: O caso das Operações Urbanas Consorciadas Faria Lima e ÁGUA Espraiada. In: www.observatoriometropoles.ufrj.br/laura_final.pdf

VILLA, Simone Barbosa. Mercado Imobiliário e Edifícios de Apartamentos:. Produção do espaço habitável no século XX. *Arquitextos*, São Paulo, 07.078, Vitruvius, nov 2006
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.078/297>

sites

<<http://foucault.info/documents/heterotopia/foucault.heterotopia.en.html>>.
Pelas Sendas da Modernidade
<www.unicamp.br/~hans/mh/contexto.html>

Mapeando o Viver Contemporâneo
<www.unicamp.br/~hans/mh/viver.html>

FEATHERSTONE, Mike. Moderno e Pós-Moderno: Definições e Interpretações. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo.
<www.angelfire.com/sk/holgonsi/mike.ktml#modernizaçao>
Pós-modernismo. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-05-29]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](http://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)>.

<http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/a-cidade-de-sao-paulo>

<http://www.sampa.art.br/historia/saopaulo/>

<http://dc232.4shared.com/doc/bH4OcArC/preview.html>

<http://www.urbanismobr.org/bd/documentos.php?id=1645>

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=6587&cd_item=2&cd_idioma=28555

http://www.ifch.unicamp.br/ciec/revista/artigos2/%5B12%5DURBANA2_CARPINTERO.pdf

<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xvicongresso/paineis/024236.pdf>

http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico

<http://fotos.estadao.com.br/sp-do-seculo-20-vale-do-anhangabau-com-os-trabalhos-de-demolicao-para-alargamento-da-rua-libero-badaro,galeria,1426,44173,,,0.htm?pPosicaoFoto=3#carousel>

<http://wikimapia.org/12654151/pt/Edif%C3%ADcio-Tr%C3%AAs-Marias>

<http://www.geoportal.com.br/>

filmes

VERTOV, Dziga. Chelovek s kinoapparatom. O Homem com a Câmera. [Longa-Metragem]. União Soviética, 1929. 80min. p&b. som.

SCOTT, Ridley. Blade Runner. [Longa-Metragem] Produção de Michael Deeley, roteiro de Hampton Fancher e David Peoples, criação original de Philip K. Dick, música de Vangelis, edição de Terry Rawlings e Marsha Nakashima. Warner Bros, Estados Unidos, 1982. 116min. Color. som .

REGGIO, Godfrey. Naqoyqatsi: life is war. [Documentário] Produção de Steven Soderbergh e Godfrey Reggio, roteiro de Godfrey Reggio, música Phillip Glass e edição Jon Kane. [Documentário]. Estados Unidos, 2002. 89min. Color. Som.

REGGIO, Godfrey. Koyaanisqatsi: Life Out of Balance. [Documentário] Produção Godfrey Reggio, roteiro Godfrey Reggio (Conceito), Walter Bachauer (Dramaturgo), Ron Fricke, Godfrey Reggio, Michael Hoenig (Cenário), música Phillip Glass e edição Alton Walpole e Ron Fricke. Island Alive, Estados Unidos, 1982. 87min. Color. Som

SCORSESE, Martin. Taxi Driver. [Longa-Metragem] Roteiro de Paul Schrader, produção de Julia Phillips e Michael Phillips, música de Bernard

Herrmann, fotografia de Michael Chapman, direção de arte de Charles Rosen, figurino de Ruth Morley, edição de Marcia Lucas, Tom Rolf, Thelma Schoonmaker, Melvin Shapiro e Steven Spielberg. Columbia Pictures, Estados Unidos, 1976. 114min. color. Som.

LYNCH, David. Blue Velvet. [Longa-Metragem] Roteiro de David Lynch, trilha sonora de Angelo Badalamenti. Estados Unidos, 1986. 120min. cor. Som.

WENDERS, Wim. Im Lauf der Zeit (No decurso do tempo). [Longa-Metragem] Alemanha, 1975. 175min. p&b. som.